



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social – Publicidade e Propaganda
Projeto Final
Fabiola Calazans

Visibilidade e vigilância: o professor de ensino médio no Facebook e os possíveis impactos na sua carreira.

Luiza Reinehr Tabet
Fevereiro de 2013
Brasília – DF

Luiza Reinehr Tabet

Visibilidade e vigilância: o professor de ensino médio no Facebook e os possíveis impactos na sua carreira.

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda sob orientação da Professora Fabíola Calazans.

Fevereiro de 2013
Brasília – DF

Tabet, Luiza.

Visibilidade e vigilância: o professor de ensino médio no Facebook e os possíveis impactos na sua carreira / Luiza Tabet. – Brasília, 2013.

Monografia de conclusão de graduação para obtenção do grau de bacharel no curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Brasília – UnB

Orientadora: Fabíola Calazans

1. Vigilância 2. Comunicação 3. Internet 4. Educação

Luiza Reinehr Tabet

Visibilidade e vigilância: o professor de ensino médio no Facebook e os possíveis impactos na sua carreira.

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda, sob orientação do Professora Fabíola Calazans.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Fabíola Calazans
Orientadora

Profa. Dione Moura
Examinadora

Profa. Cláudia Sanz
Examinadora

Fevereiro de 2013
Brasília – DF

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer imensamente à minha família, que sempre me apoiou e acreditou cegamente em meu potencial e capacidade, durante todo o percurso da minha graduação.

À minha mãe, Sônia, por me incentivar todos os dias e aconselhar nos momentos mais difíceis. Ao meu pai, Ângelo, que sempre se disponibilizou a ajudar e nunca mediu esforços para isso. À minha irmã, Camila, que sempre esteve ao meu lado me incentivando a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Agradeço também ao meu companheiro e namorado, Igor Heusi, o qual me acalma nos momentos de crise e de desespero e sempre acreditou em mim, principalmente quando eu não acreditava.

Aos meus amigos e irmãos que escolhi, Andi Vargas, Raíssa Dantas e Raquel Amorim, pela compreensão quando furava as baladas para estudar e por se colocarem à disposição quando mais precisava.

À incrível porta verde, mais conhecida como Doisnovemeia Publicidade, lugar onde cresci e aprendi o que é publicidade e companheirismo. Às minhas queridas amigas, Vivi, Mari, Gabix, Ju Matsu, Alice e Ellen, que sempre estiveram por perto, inclusive quando a geografia dificultava um pouco.

E um obrigado especial à minha orientadora, Fabíola Calazans, por comprar minha ideia e por me mostrar a cada encontro que eu deveria acreditar e confiar mais em meu potencial. Com certeza, essa monografia não seria a mesma sem o apoio de todos vocês. Muito obrigada.

“Inteligência mais caráter – esse é o objetivo da verdadeira educação.”

Martin Luther King Jr.

Resumo

Diante dos avanços tecnológicos, principalmente no âmbito comunicacional, e da invasão de privacidade que ocorre dentro da Internet, apresenta-se a necessidade de se compreender como a visibilidade de um determinado público pode impactar a sua comunicação, assim como sua carreira profissional. Com a possibilidade de comunicação no ciberespaço e com o constante crescimento de novos usuários a cada dia, as noções de privacidade e de exposição de informações pessoais mudaram dentro desse novo ambiente, o que gerou dúvidas e inquietações sobre os possíveis impactos e consequências que podem surgir a partir dessa exibição. O que é desejado atualmente pelas pessoas é a troca de experiências quotidianas com seus pares dentro das redes sociais, a todo o momento e sobre diversos assuntos, desde à educação ao entretenimento. O professor de ensino médio desperta a curiosidade e a atenção nesta pesquisa por ser uma pessoa comum, a qual se comunica e troca experiências como qualquer outra pessoa, mas que sofre cobranças, exigências e um alto grau de vigilância como uma celebridade, a qual deve sempre se atentar à sua conduta dentro e fora do ambiente cibernético, razão que, caso sua exibição não seja ponderada, impactos positivos e negativos poderão surgir em sua vida pessoal e profissional. Para entender como se dá a comunicação do professor dentro do ambiente cibernético, foram estudados conceitos de visibilidade, vigilância, ciberespaço e cibercultura, as legislações nacionais e internacionais cibernéticas, a maneira como os adolescentes usam a Internet para se comunicar, trocar experiências e vigiar os perfis de seus professores, os quais também tiveram seus perfis analisados dentro do Facebook. Para finalizar, foram realizadas duas entrevistas com professoras de ensino médio, sendo uma de escola pública e outra de particular, as quais forneceram dados e informações fundamentais para as análises presentes no trabalho.

Palavras-chave: Comunicação. Vigilância. Visibilidade. Internet. Educação.

Abstract

Due to the technological progress and the invasion of private life inside the internet, especially in the communications scope, it is necessary to comprehend how the visibility of a particular audience may impact in its communication skills, as well as in its professional career. With a real possibility of communication in cyberspace and the constant increase of the number of users each day, the current ideas of privacy and exposure of personal informations have changed in this new environment, which has raised questions and concerns about the possible impacts and consequences that may arise from it. Nowadays, the urge of people is to exchange everyday experiences within social networks, at all times and about many subjects, from education to entertainment. High school teachers are the main subject of this research for being an ordinary person, that communicates and exchange experiences like everybody else, but at the same time is under a lot of pressure and suffers many demands and surveillances, just like a celebrity. As a consequence, the teacher must always be alert about his conduct on and off the cyber environment, because it may have positive and negative impacts on his personal and professional life. To understand how the teachers communicate inside the cybernetic environment, concepts like visibility, vigilance, cyberspace and cyberculture were studied, as well as national and international laws and legislation and the way that the teenagers use the web - how they communicate and how they watch and analyze their teacher's Facebook accounts. Finally, two interviews were conducted with two different teachers, one from public school and one from private, which provided data and analyzes for the essencial information in the present work.

Keywords: Communication. Surveillance. Visibility. Internet. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Comentário publicado por uma aluna em seu perfil pessoal no Facebook.....	35
Figura II – Estrutura arquitetônica de uma prisão panóptica.....	44
Gráfico I – Na sala de bate-papo ou no <i>Messenger</i> com quem você costuma conversar?.....	77
Gráfico II – Uso solitário das telas	79
Gráfico III – Onde fica o computador que você mais costuma usar na sua casa?.....	80
Gráfico IV – Você tem Internet em casa?	81
Gráfico V – Para quê você costuma usar a Internet?.....	82
Gráfico VI – Quando navega na <i>Web</i> , quais dos seguintes conteúdos você costuma consultar? .	83
Gráfico VII – Você costuma utilizar redes sociais (<i>Orkut</i> , Facebook etc.)?.....	84
Gráfico VIII – Na sala de bate-papo ou no <i>Messenger</i>	85

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Frequência de uso da Internet por atividade realizada pela criança/adolescente no último mês – visitar perfil/página de uma rede social entre abril e julho de 2012.....	40
Tabela II – Alunos do Ensino médio e o desejo de tornar-se professor/2007	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema de pesquisa	12
1.2 Justificativa	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivo geral	15
1.3.2 Objetivos específicos	15
1.4 Metodologia	15
2 INTERNET, CIBERCULTURA E VIGILÂNCIA	18
2.1 Histórico e desenvolvimento da Internet	18
2.2 Ciberespaço e cibercultura	24
2.3 Mídias, redes e comunidades sociais	27
2.4 Vigilância e visibilidade na Internet	41
2.5 A educação e a Internet	45
3 INTERNET: PRIVACIDADE E LEGISLAÇÃO	50
3.1 Privacidade	50
3.1.1 Privacidade e direitos da personalidade	53
3.1.2 Privacidade na Internet	54
3.2 Legislação brasileira na Internet	57
4 EDUCAÇÃO	61
4.1 A educação e o professor de ensino médio no Brasil	61
5 ANÁLISE	72
5.1 Análise do aluno nas mídias sociais	72
5.2 Análise do professor nas mídias sociais	85
5.2.1 Entrevista com os docentes: uma análise sobre a comunicação dentro do Facebook	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A	97

1 INTRODUÇÃO

A comunicação sempre esteve presente nas relações sociais das pessoas, antes mesmo da criação da tecnologia e de seus avanços, os quais se intensificaram e se massificaram no século XX. Atualmente, é praticamente inimaginável pensar a sociedade sem os recursos tecnológicos disponíveis para fins políticos, econômicos, educacionais e lúdicos.

A busca pela visibilidade é constante na sociedade da informação, cujas tecnologias funcionam como facilitadoras da exposição da intimidade, principalmente, a Internet, a qual é muito utilizada por seus usuários como um diário íntimo, a fim de buscar o reconhecimento de seus contatos, também inseridos na rede mundial de computadores. Nos séculos anteriores, como no XIX, a privacidade era uma necessidade valorizada e preciosa, pela qual tinha que ser batalhada para não ser infringida. Os burgueses da época costumavam escrever suas histórias pessoais em cadernos secretos, os quais eram mantidos em sigilo total (SIBILIA, 2008). Na contemporaneidade, é a exposição do sujeito sem haver uma preocupação ou cautela com os limites de sua privacidade, a qual possui um novo sentido distinto daquele conhecido pelos burgueses do século XIX, principalmente dentre os jovens, os quais não se esquivam de exibir sua vida privada. Diante desse cenário, o professor de ensino médio também está inserido na Internet, em cujas redes sociais pode expor sua vida pessoal e profissional para seus pares em busca de visibilidade também. O ambiente da Internet é, pois, propício para se compartilhar experiências e fatos do cotidiano, atitude considerada costumeira pelos cibercidadãos. Porém, o professor sofre constantes pressões da sociedade, razão pela qual é justificada por sua imagem ser atrelada à profissão de formador de cidadãos do futuro, fonte de conhecimento e modelo a ser seguido e respeitado. Por isso, o professor é visto, muitas vezes, como uma celebridade, uma pessoa pública, a qual sofre um alto grau de monitoramento e vigilância por seus alunos, fãs e admiradores, inclusive dentro das redes sociais. Tal vigilância pode ser exacerbada inibindo a verdadeira identidade do docente no ciberespaço, fazendo com que o mesmo se esconda, chegando a fazer uso de codinomes para não ser reconhecido por seus alunos, por seus colegas de trabalho e pela escola onde trabalha.

Os estudantes formam uma grande parcela de usuários ativos dentro das redes sociais, gerando novos conteúdos e trocando informações com amigos e contatos de diversas localidades do mundo. Livingstone (2012) constatou em uma pesquisa realizada com estudantes londrinos, que a maioria deles procura estabelecer contatos pelas redes sociais, como no Facebook, com pessoas já conhecidas anteriormente. Sendo assim, o professor pode ser considerado por seu aluno uma pessoa próxima ou íntima, a qual ele quer trocar

experiências e conversar na rede social, ações que muitas vezes ocasionam a ruptura de barreiras e limites de respeito já estabelecidos dentro da sala de aula, causando possíveis impactos negativos e positivos em sua carreira profissional de docente. Foi exatamente a observação acerca da relação entre a visibilidade da comunicação do professor nas redes sociais, em especial, no Facebook, a vigilância exercida sobre o que ele diz, bem como os impactos em sua carreira docente, que intrigou esta pesquisa.

1.1 Problema de pesquisa

O processo de comunicação e seus meios sempre estiveram em constante desenvolvimento. No século passado, a tecnocomunicação modificou radicalmente o discurso e a visibilidade das pessoas que passaram a se comunicar por meio desse novo campo. Mas, foi somente no começo do século XXI, quando os computadores foram conectados às redes digitais, que essas máquinas se transformaram em meios essenciais para comunicação cotidiana, fazendo parte do tecido da vida social, onde a maioria das pessoas querem usar a tecnologia para adquirir visibilidade ou, simplesmente, para aparecer. Atualmente, podemos citar várias celebridades famosas no âmbito internacional e nacional que surgiram a partir da exposição nas mídias sociais, cujas repercussões extrapolaram o mundo virtual, como é o caso de diversas celebridades da música e da moda, por exemplo¹.

E foi a partir de estudos e pesquisas sobre exposição na Internet e impactos causados em efeito dela, que surgiram incertezas acerca da presença do professor de ensino médio nas mídias sociais. Apesar de não fazer parte da mídia da mesma maneira que a grande maioria das celebridades, o professor é encarado diversas vezes como uma delas, de modo que sua presença nesse campo deve ser cuidadosamente analisada. Ao expor sua comunicação nas redes sociais, o professor deve estar ciente das repercussões que podem surgir e impactar sua vida pessoal e profissional.

Todos nós somos constantemente observados tanto nas mídias sociais quanto fora delas. Independentemente da carreira, antes de se publicar um texto, um comentário ou uma foto na Internet pensamos antes nas consequências que podem surgir. Com os professores, especialmente os de ensino médio, a vigilância ainda é mais rígida. Eles são avaliados e

¹ Cita-se como exemplo, o cantor *pop* adolescente mundialmente conhecido, Justin Bieber, o qual surgiu na mídia após publicar vídeos próprios cantando no *Youtube* e a blogueira brasileira MariMoon, que ficou conhecida no mundo da moda ao publicar fotos próprias usando acessórios e roupas diversas em seu *fotolog*.

observados por seus superiores dentro da instituição de ensino onde lecionam, por seus colegas de trabalho, pelos pais dos seus alunos e, principalmente, pelos próprios alunos. Sendo assim, o professor deve prestar atenção na sua postura dentro do ambiente cibernético, sempre avaliar se uma determinada foto, por exemplo, que ele deseja publicar poderá acarretar impactos na sua vida profissional, já que ele é visto pela sociedade como formador de cidadãos conscientes, bem como modelo a ser seguido, exemplo de bom caráter e fonte de conhecimento. Com efeito, o objeto de pesquisa escolhido é o professor de ensino médio que faz parte do universo *online* e que já tenha sofrido ou não algum impacto na sua carreira por decorrência de exposição nas mídias sociais, em especial no Facebook.

A ideia de realizar uma pesquisa sobre a exposição do professor dentro do Facebook surgiu após uma conversa informal com uma amiga, professora de ensino médio de Língua Portuguesa, em um churrasco. Ela não queria que as fotos do evento fossem publicadas nas mídias sociais por ter alunos e colegas de trabalho acompanhando seu perfil. Foi então que me inquietei pelo assunto e tentei visualizar minha amiga não apenas como uma mulher animada e sempre com os amigos, mas como uma professora, símbolo do conhecimento e que deve se colocar como tal, mesmo fora do seu ambiente de trabalho. Parece que minha amiga não estava fora do expediente, desconectada da profissão. Ela não se permitiu esquecer de sua função mesmo em um momento de lazer, o que não faz parte da realidade de muitas pessoas².

O professor possui uma imagem na sociedade de transmissor de conhecimento, de exemplo para seus alunos. Ele está em constante observação seja pelos pais, pelos alunos e, principalmente, pela instituição de ensino onde trabalha, pois “[...] o professor é aquele que vai transformar o conhecimento em algo vivo, que diga respeito à vida da sociedade concreta, vinculada ao mundo do trabalho e a prática social.” (AQUINO, 2007, p.78). Porém, o professor é um cidadão comum, que pode cometer erros e que se comunica por diversos meios, como todos nós.

É fundamental que o professor compreenda a linguagem cibernética e esteja ciente das consequências ao compartilhar imagens que mostrem sua vida fora do ambiente escolar. Muitos usuários utilizam as mídias sociais como um diário, expondo explicitamente seu cotidiano publicando fotos e comentários privados. Mas, e quando o professor faz isso? O que acontece em sua vida profissional e pessoal após a exposição de sua vida privada?

² De acordo com André Lemos (2002), “realidade” consiste em um consenso mais ou menos estável, produto de virtualizações e atualizações sucessivas, sendo que toda forma de leitura (interpretação) é um processo de virtualização e toda forma de escrita, um processo de atualização.

Foi a partir das indagações apresentadas acima, da imagem atribuída ao professor de celebridade, da busca que todos nós temos pela visibilidade, da vigilância que ele sofre dentro do universo da Internet e do interesse em analisar os impactos gerados em sua vida profissional, que se estabeleceu o seguinte problema a ser analisado no decorrer deste trabalho: **como é feita a comunicação do professor de ensino médio no Facebook e quais os possíveis impactos gerados na sua vida profissional?**

1.2 Justificativa

Perante uma sociedade na qual a visibilidade é cada vez mais desejada e encarada como fundamental, a qual é caracterizada pelos avanços tecnológicos, os quais transformaram a comunicação, percebeu-se a necessidade em compreender como essa busca incessante por ser visto pode transformar a comunicação das pessoas, principalmente dentro do ambiente cibernético, caso específico deste trabalho.

A pesquisa visa mostrar como a comunicação do objeto de pesquisa, o professor de ensino médio, o qual é considerado muitas vezes uma pessoa pública, pode ser impactada devido à vigilância exagerada causada, principalmente, por seus alunos, os quais dominam e produzem grande parte do conteúdo disponível na Internet, transformando o discurso do docente e a sua exposição dentro das mídias sociais.

É fundamental no presente trabalho analisar as diferentes situações e meios nos quais a comunicação se adequa, como a Internet, onde o professor prefere evitar expor sua personalidade real e compartilhar suas experiências pessoais nas redes sociais devido à probabilidade de haver futuros impactos negativos na sua carreira, fazendo com que seu papel de professor seja mantido a todo o momento, inclusive em seu perfil nas redes sociais, mesmo quando sua finalidade não seja educativa.

O presente trabalho busca compreender, a partir dos conceitos definidos de Internet, visibilidade, vigilância e privacidade, considerando os estudos e análises do cenário atual do professor de ensino médio e da educação básica brasileira, como o educador se utiliza da comunicação virtual em uma sociedade na qual as noções de privacidade e de vigilância estão em processo de transformação, onde a Internet é enxergada como um diário aberto pela maioria dos usuários, considerada por eles um local seguro para compartilhar experiências e fatos do cotidiano.

A presente pesquisa é importante para os estudos da comunicação devido ao seu aprofundamento em temas relativamente pouco explorados, tais como ciberespaço,

cibercultura e vigilância, os quais fazem parte, principalmente desde meados do século XX, da comunicação digital, a qual é extremamente utilizada pela sociedade atual e, em específico, pelo objeto de pesquisa e por seus alunos.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

- Estudar como se dá o processo de comunicação do professor de ensino médio no Facebook, a fim de investigar os possíveis impactos em sua carreira profissional.

1.3.2 Objetivos específicos

- Compreender como se estabelece a vigilância sobre os professores de ensino médio que estão presentes no Facebook;
- Estudar a vigilância que ocorre com o professor de ensino médio dentro do Facebook;
- Estudar as características da cibercultura;
- Estudar o conceito de privacidade e a legislação cibernética;
- Compreender como o professor constitui uma figura importante;
- Estudar a educação brasileira e suas condições;
- Compreender o conceito de ciberespaço;
- Entender os conceitos de redes e mídias sociais.

1.4 Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória, a qual foi definida por Cervo e Bervian (2002) como estudos que buscam definir objetivos e informações sobre um determinado assunto de estudo. “A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma” (CERVO e BERVIAN, 2002, p.69). No sentido de investigar o quadro teórico de referência e conhecer melhor o objeto de pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que

[...] diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e a produção, coleção, armazenamento, reprodução utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa. (FACHIN, 2001, p. 125)

A partir do estudo e de definições foi possível conhecer melhor o tema, proporcionando o amadurecimento dos conceitos de Internet, cibercultura, ciberespaço, vigilância e visibilidade, os quais foram explorados por meio de levantamentos bibliográficos disponíveis em livros, revistas eletrônicas, artigos científicos *online*, por autores específicos sobre o assunto, como Castells (2001), Lévy (1999) e Lemos (2002). Em seguida, foi determinado o professor de ensino médio como objeto de pesquisa.

Após a definição do objeto de pesquisa como o professor de ensino médio, o intuito do trabalho é compreender como se dá a sua comunicação e exposição dentro das redes sociais perante o alto grau de vigilância, principalmente de seus alunos, os quais são, na grande maioria das vezes, amigos dos professores nas redes sociais, fator que foi observado no decorrer do trabalho. Para evitar a perda do foco e delimitar a análise, o Facebook foi escolhido como ferramenta de pesquisa por ser a rede social mais utilizada pelos brasileiros desde 2011 (eMarketer, 2012), e por sua grande popularidade entre o público adulto, no qual está inserido o professor, e o jovem mais maduro, que, de acordo com Livingstone (2012), não se encaixa mais em redes sociais desenvolvidas para crianças. Um fator interessante e decisivo na escolha da rede social é a possibilidade que o Facebook oferece aos seus usuários de trocar experiências cotidianas sem uma hierarquia evidente, onde o aluno e o professor podem dialogar e trocar experiências fora do ambiente escolar a partir de fotos e comentários pessoais, diferentemente do *Twitter* e do *blog*, por exemplo. Após a escolha do professor de ensino médio como objeto de pesquisa, do Facebook como ferramenta de análise, foram estudados a Internet, do seu surgimento até sua massificação, tanto no nível global, quanto nacional, o ciberespaço, a cibercultura, as mídias e as redes sociais, a visibilidade e a vigilância dentro e fora da Internet, a educação e a situação do professor de ensino médio no país, a privacidade e a legislação cibernética brasileira, sendo esse último um dos maiores desafios durante o desenvolvimento da pesquisa, em reflexão à carência de leis dentro do ciberespaço brasileiro.

Por fim, para complementar o presente trabalho e adquirir informações mais precisas acerca do tema, foi realizado um questionário com vinte perguntas direcionado aos coordenadores de escolas públicas e particulares de Brasília, as quais trabalhassem com o ensino médio. Porém, devido à greve dos docentes de diversas universidades federais do país,

a qual os professores da Universidade de Brasília aderiram, o período determinado para a realização das entrevistas coincidiu com as férias dos professores e coordenadores das escolas, impossibilitando o contato direto com os profissionais, os quais se encontravam demasiadamente ocupados devido à sobrecarga de trabalho e atenção aos pais de alunos em recuperação, o que é comum nessa época do ano. Por esses motivos, as entrevistas com os coordenadores foram canceladas, fazendo-se necessária somente àquelas com os professores de ensino médio que estivessem em Brasília no período de férias, possuíssem perfil ativo no Facebook e tivessem possibilidade e interesse de responder o questionário dentro do prazo. O questionário foi fundamental para a pesquisa por possibilitar a compreensão, diretamente do objeto de pesquisa, sobre a conduta do docente dentro do Facebook, quais os impactos sofridos a partir da presença na rede social, independentemente se foram positivas ou negativas. Sendo assim, em decorrência da dificuldade em encontrar professores na Capital que tivessem interesse em contribuir para a pesquisa, foram realizadas somente duas entrevistas com professores, sendo uma de escola particular e a outra, de escola pública, as quais tiveram suas identidades resguardadas.

O trabalho foi concluído após as análises das entrevistas realizadas, as quais foram comparadas às informações e dados fornecidos pela reportagem publicada no Caderno de Tecnologia do Correio Braziliense e pela pesquisa da Fundação Telefônica em parceria com a Universidade de Navarra, na Espanha, a qual forneceu conteúdo atualizado e rico para a presente pesquisa, sobre o uso das telas digitais – como a televisão, o computador e o celular – por jovens e adolescentes da região ibero-americana. A partir da pesquisa da Telefônica foi possível traçar um comparativo entre a comunicação e a conduta das crianças e dos jovens e como eles utilizam a Internet e as redes sociais para se comunicar com seus pares, sendo possível, após analisar o perfil dos jovens no ciberespaço, estudar as diversas posturas usadas pelos professores, as quais variam desde amigos dos alunos, onde a comunicação é de igual para igual, até a de professor virtual, o qual compartilha informações sobre sua disciplina e utiliza a Internet como um meio atrativo para tirar dúvidas de seus alunos e melhorar o desempenho acadêmico dos mesmos.

2 INTERNET, CIBERCULTURA, E VIGILÂNCIA

Como ponto de partida do presente trabalho, será abordado o contexto histórico da Internet, em âmbito internacional e nacional, a partir de seu surgimento para finalidades militares até suas funções atuais, as quais variam de acordo com a pretensão do usuário. Serão mostrados os conceitos de ciberespaço e cibercultura, de acordo com autores que são referência para a área da tecnologia, a fim de ambientar o leitor sobre essas novas nomenclaturas, assim como a definição de vigilância e sua presença no ambiente *online* e *offline* da sociedade vigente. Tais conceitos são fundamentais para embasar as pesquisas e análises presentes no decorrer do trabalho.

2.1 Histórico e desenvolvimento da Internet

A Internet pode ser considerada um dos maiores avanços tecnológicos que já ocorreu na sociedade³. Atualmente, não damos o devido valor à *web*, talvez pela convivência diária ou por estar tão presente em nossas vidas e ser considerada por muitas pessoas como banal. Mas quando ela surgiu, com certeza foi um verdadeiro susto para quem não imaginava que tal inovação iria fazer parte do cotidiano. A Internet foi, e ainda é, uma grande invenção tecnológica, como citou Manuel Castells:

a Internet é um tecido em nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. (CASTELLS, 2001, p.7)

O início da Internet se deu, principalmente, devido à vontade das pessoas de buscarem algo novo, por uma nova maneira de se comunicar atrelados à possibilidade de variedade de informação.

A Internet originou-se com o surgimento da ARPANET, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), no ano de 1969, nos Estados Unidos. A ARPA foi montada em 1958, com o intuito de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com objetivo de alcançar superioridade tecnológica em relação à antiga União Soviética em meio à Guerra Fria (CASTELLS, 2001). A

³ Internet é um conjunto de redes de comunicação e informação atualmente disponíveis em quase todo o planeta, que permite aos seus usuários encontrar todo o tipo de conhecimento, comunicação e diversão, além de tornar possíveis compras e outras atividades *online*.

ARPANET surgiu com o intuito de agilizar a troca de informações sigilosas entre computadores das principais Universidades e o Pentágono (LEMOS, 2002). Como seu uso era limitado para fins acadêmicos e militares, não passava de um pequeno programa de um dos departamentos da ARPA, o Information Processing Techniques Office (IPTO), fundado em 1962.

O departamento tinha como objetivo criar um estímulo à pesquisa em computação interativa, ou seja, permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a ARPA, compartilhar de maneira *online* informações entre si (CASTELLS, 2001). Para criar essa rede interativa de computadores, o IPTO desenvolveu junto aos seus engenheiros uma tecnologia para transmitir pacotes de informações, a comutação por pacote. O projeto de uma rede de comunicação descentralizada e flexível foi uma proposta do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a fim de resguardar dados sigilosos caso ocorresse um ataque nuclear no país.

Em 1969, surgiram os primeiros nós da rede na Universidade da Califórnia e na Universidade de Utah⁴. No ano de 1975, foram computados quinze nós, a maioria de centros universitários. A primeira demonstração bem-sucedida da ARPANET foi em uma conferência internacional em Washington, Estados Unidos, em 1972. Para que houvesse uma troca eficaz de informações entre os computadores, as redes precisaram de protocolos de comunicação padronizados, o que foi adquirido em 1973, num seminário em Stanford, com o projeto do Protocolo de Controle de Transmissão (TCP), que, em 1978, foi dividido em duas partes, acrescentando um Protocolo Intranete (IP), o que gerou o protocolo TCP/IP, padrão utilizado até os dias de hoje⁵.

No ano de 1977, dois estudantes universitários de Chicago se uniram e criaram um programa capaz de transferir arquivos entre seus computadores pessoais e o denominaram de MODEM. No ano seguinte, eles fizeram um segundo programa, que permitia aos computadores armazenar e transmitir mensagens. Os estudantes liberaram ambos os programas para domínio público.

⁴ Rede é um conjunto de nós interconectados que formam um sistema de comunicação de dados constituído através da interligação de computadores e outros dispositivos, com a finalidade de trocar informações e partilhar recursos. A formação de redes é uma prática antiga do humano, mas elas ganharam vida e se transformaram em redes de informação com o surgimento da Internet.

⁵ O Protocolo de Controle de Transmissão (TCP), garante que a integridade de uma informação seja mantida em todo o seu trajeto, da origem ao destino. O Protocolo da Intranete (IP), estabelece que cada computador, que queira enviar ou receber informações, deve possuir um endereço único, conhecido como endereço IP.

A fim de facilitar a troca de informações entre funcionários, Ira Fuchs, da Universidade Municipal de Nova York, em parceria com Greydan Freeman, de Yale, iniciaram, em 1981, uma rede baseada no protocolo da IBM, destinada para os usuários da empresa e para universidades, que ficou conhecida como BITNET (BIT de “Because it’s there”, em referência ao slogan da IBM; representa também “Because it’s time”)⁶. A empresa IBM deixou de subvencioná-la cinco anos depois, e a rede passou a ser sustentada por pagamentos de usuários.

Sobre uma tendência de criar novas redes de computadores, foi desenvolvido um sistema operacional com seu código-fonte de fácil acesso para modificação, o UNIX, o qual foi liberado para as universidades em 1974. Os estudantes logo se tornaram peritos nessa linguagem e o sistema se tornou a língua franca da maior parte dos departamentos de ciência da computação (CASTELLS, 2001).

Nos anos 1970, Larry Roberts, diretor do IPTO, tentou privatizar a ARPANET. Ele propôs transferir a responsabilidade operacional do UNIX para a AT&T, que, após averiguar a proposta de Roberts, recusou, devido sua dependência da tecnologia analógica e por não querer se comprometer a essa inovação digital⁷. Em 1994, para benefício do mundo inteiro, uma empresa perdeu a chance de ter a Internet para si e cobrar dos usuários por seu acesso (CASTELLS, 2001)⁸.

Em 1990, por estar obsoleta, a ARPANET foi retirada de operação. Ainda no mesmo ano, muitos provedores de Internet montaram suas próprias redes e estabeleceram sua comunicação. Foi a partir de então que a Internet cresceu como uma rede global de computadores rapidamente (CASTELLS, 2001).

Em 1992, foi lançado o World Wide Web (WWW), inventado pelo engenheiro inglês Tim Bernes-Lee. A partir de então, a Internet obteve uma interface mais dinâmica e se tornou visualmente mais interessante, o que aumentou, consideravelmente, o número de usuários da rede, alavancando seu uso no mundo inteiro. Foram criados navegadores, em inglês *browsers*, como o Internet Explorer, da Microsoft, por exemplo, em 1995. Em meados da década de 1990, a Internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que

⁶ BITNET foi uma rede remota a fim de proporcionar um meio rápido e barato de comunicação dentro do meio acadêmico.

⁷ AT&T é a abreviação em inglês para American Telephone and Telegraph Corporation. É uma companhia norte-americana de telecomunicações.

⁸ Sem mencionar que a AT&T recebia uma verba significativa para pesquisas do governo americano e, desde 1956, era forçada a difundir as descobertas tecnológicas em domínio público, em troca da manutenção do monopólio das telecomunicações públicas.

permitia a conexão de diversos computadores de qualquer parte do mundo (CASTELLS, 2001). De acordo com Castells (2001), embora para uma grande parte das pessoas a Internet tenha nascido em 1995, os estudos sobre o ciberespaço começaram com cientistas e profissionais da computação na década de 1960, a rede de comunicação por computadores foi desenvolvida em 1969 e comunidades dispersas de computação, que reuniam cientistas e *hackers*, brotaram, na realidade, nos anos 1970. Nos dias de hoje, em pleno século XXI, a *web* passou a ser utilizada para várias funções, como fonte incessante de conhecimento para estudantes ou um canal de entretenimento para o público. É possível encontrar informações, conteúdo interativo, entretenimento e comunicação disponíveis neste lugar chamado “ciberespaço”, disponíveis, muitas vezes, de graça para quem quiser acessá-los⁹. De acordo com Corrêa (2000, p. 135), a Internet é

[...] um sistema global de rede de computadores que possibilita a comunicação e a transferência de arquivos de uma máquina a qualquer outra máquina conectada na rede, possibilitando, assim, um intercâmbio de informações sem precedentes na história, de maneira rápida, eficiente e sem a limitação de fronteiras, culminando na criação de novos mecanismos de relacionamento.

Durante todo o histórico da criação e do desenvolvimento da Internet é possível perceber como o ser humano busca, a todo momento, se comunicar sobre diversos temas, sem se preocupar com limites geográficos e cada vez mais rápido. É difícil imaginar como foi para os cientistas e estudiosos da computação, da tecnologia e da comunicação da época, que vivenciaram todo o processo de desenvolvimento de uma das maiores ferramentas tecnológicas já produzidas, o espanto diante essa criação tão inovadora que é a Internet. É quase incompreensível ver a *web* como ferramenta militar, com fins voltados para a guerra e estratégias governamentais. Além de tudo isso, ela significa acesso, troca e geração de conteúdos, os quais podem ser alcançados por pessoas de várias partes do mundo. Isso assusta alguns, como pessoas que fazem parte de gerações anteriores, os quais desconfiam desse canal, acreditando ser algo voltado para o público jovem. Mas a Internet é, definitivamente, uma ferramenta importante para a vida profissional e pessoal de muitas pessoas da sociedade da informação¹⁰.

⁹ Interatividade significa, neste contexto, o estudo da interatividade como uma ação dialógica entre homem e técnica (LEMOS, 1997).

¹⁰ “Sociedade da informação é uma nova forma de organização social, política e econômica que recorre ao intensivo uso da tecnologia da informação” (VIEIRA, 2007).

No Brasil, discussões com o objetivo de criar uma rede para interligar a comunidade acadêmica brasileira com outros países para troca de informações deu-se início no ano de 1987, quando foi realizada uma reunião na Universidade de São Paulo (USP) junto ao Governo e representantes da Embratel. A finalidade da Internet, aqui, era a mesma quando ela surgiu nos Estados Unidos, ou seja, se restringia somente para interesses acadêmicos; utilizada por professores e funcionários de universidades e instituições de pesquisa.

No ano seguinte, o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) conseguiu se conectar a uma universidade nos Estados Unidos, a Universidade de Maryland, usando a rede BITNET, que permitia troca de mensagens a longa distância. Em 1988, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) conectou-se, então, ao Fermi National Accelerator Laboratory (FERMILAB), localizada em Chicago, utilizando a BITNET. No ano de 1989, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi a terceira instituição a ter acesso à rede BITNET após se conectar a uma universidade americana. No mesmo ano, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) lançou um projeto chamado Rede Nacional de Pesquisa (RNP), que foi a responsável por fornecer acesso à Internet na década de 1990, e também às redes estaduais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ambas foram instaladas durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), as quais serviram, inicialmente, para apoiar o Fórum Global, uma reunião de ONGs realizada em paralelo à Rio-92 (STANTON, 2004).

O uso da Internet, até então restrito à comunidade acadêmica, começou a se propagar para os demais interessados em 1994, quando estudantes da USP criaram diversas páginas na *web*. Em 1995, quando realizaram a primeira transmissão em longa distância dentro do país, entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, foi criado o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), que trabalhava como coordenador e integrador de todos os serviços da Internet no Brasil, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados.

O acesso à Internet mudou muito desde então. Uma nova pesquisa, realizada em agosto de 2012 pelo IBOPE Nielsen, relatou um crescimento exorbitante no número de brasileiros com acesso à Internet. Foi registrado um aumento de 7,2% de brasileiros no segundo trimestre de 2012, comparado ao mesmo período de 2011, totalizando 83,4 milhões de internautas brasileiros¹¹. Em uma outra avaliação, também realizada pelo IBOPE Nielsen

¹¹ A pesquisa é realizada a cada três meses e considera os seguintes locais de acesso: domicílio, ambiente de trabalho, instituições educacionais (escola, universidade, faculdade) e quaisquer outros

em 2012, especificamente aplicada à residências e aos ambientes de trabalho, demonstrou que o mês de agosto contabilizou 70,9 milhões de pessoas com acesso à rede, dos quais 50,6 milhões estiveram ativos no período analisado. A média de páginas vistas pelos internautas no mês em questão foi de 2.819. Os *sites* que lideram em visualizações estão os especializados em busca, portais e comunidades (incluem redes sociais e *blogs*)¹². Reunidos, esses sites foram visitados por 46 milhões de pessoas (IBOPE Nielsen, 2012).

O acesso à Internet diretamente de casa também cresceu. O número de pessoas com acesso à *web* em domicílio chegou a 67,8 milhões em setembro de 2012 (IBOPE Nielsen Online, 2012). Desse número, 42,1 milhões foram usuários ativos, o que representa um aumento de 14% na comparação a agosto e uma alta de 11% em relação a setembro de 2011¹³. Os brasileiros estão cada vez mais inseridos no ambiente virtual, como afirmou José Calazans (2012), analista do IBOPE Nielsen: “O consumo de Internet no Brasil vem aumentando principalmente nas residências”¹⁴.

A partir desses dados de nível nacional, é possível encontrar docentes e discentes convivendo em um local incomum, que é a Internet, diferente do convívio tradicional entre eles, que é dentro da instituição de ensino. O professor deve se manter ciente dessa aproximação no campo *online* com seus alunos, procurando manter um certo distanciamento profissional. Livingstone (2012), chama a atenção para que o docente tenha a consciência de que os jovens possuem um discurso que está presente na mídia de hoje em dia, e que eles vivem em um mundo quase que completamente diferente do que foi o mundo da juventude dos adultos de hoje. Ou seja, eles querem participar, saber da vida do outro e socializar sem considerar o docente um profissional destinado a educá-los e a transmitir conhecimento. Mas, como muitos deles podem ser imaturos devido à baixa idade, cabe ao professor estabelecer o respeito e saber filtrar o que deve ou não inserir nas mídias sociais.

Uma pesquisa realizada em 2012 pelo CGI.br analisou como as crianças e os adolescentes de diversas localidades do país utilizam a Internet. Foi confirmado pela pesquisa,

loais públicos como bibliotecas, *lan houses* e *cyber cafés*. *Lan house* é um estabelecimento comercial, semelhante a um *cyber café*, no qual as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet e à uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento, como jogos em rede ou *online*.

¹² *Blog* é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou posts.

¹³ Segundo a definição do IBOPE Nielsen, usuário ativo refere-se ao número de pessoas que acessaram um computador com Internet no mês em questão.

¹⁴ Virtual pode ser entendido como um processo de questionamento, de descolamento entre o “aqui e agora”. Ele não é oposto ao real. (LÉVY, 1999)

que aproximadamente 70% dos jovens, entre nove e dezesseis anos de idade, têm perfis nas mídias sociais e 68% usam a *web* para navegar em mídias sociais. Já entre pré-adolescentes de onze e doze anos, o percentual de usuários de redes sociais chega a 71%. Os jovens afirmaram na pesquisa que precisam mentir a idade para participar de certas mídias sociais, como é o caso do Facebook, que só permite a adesão de novos membros a partir dos treze anos de idade. Os brasileiros estão experienciando a Internet cada vez mais novos. Um terço dos entrevistados afirmaram ter entrado a primeira vez no ambiente *online* aos nove ou dez anos de idade. A maioria deles acessa à Internet por meio de computadores (36%), mas o número de crianças que acessam via celular aumentou, chegando aos 21%. Em relação à frequência de acesso, 85% afirmaram acessar a *web* pelo menos uma vez por semana, enquanto 47% das crianças acessam à Internet todos os dias. Já 53% dos pais entrevistados afirmam não usar a Internet, o que indica uma possível falta de controle dos pais e responsáveis sobre seus filhos dentro desse ambiente e quase que total independência por parte das crianças.

Percebe-se que os alunos estão presentes nas mídias sociais durante várias horas e quase todos os dias, praticamente sem ou com pouco controle de seus pais ou responsáveis que, em muitos casos, não sabem quais *sites* seus filhos visitam ou quais os horários que estão conectados. Muitas vezes, sem que esteja ciente do alto grau de vigilância em que esteja submetido, o docente fornece e exhibe suas informações as quais, não raro, serão acessadas por seus alunos, sem a ciência de seus pais.

2.2 Ciberespaço e cibercultura

Por ainda ser considerada nova, há um certo receio em se inserir na Internet. O melhor meio de conhecer o mundo virtual é investigando, vasculhando e se deixando levar pela curiosidade, pois “o melhor guia para a *web* é a própria *web*”, conforme afirmou Lévy (1999, p.95).

A vontade de conhecer afundo a Internet, pode surgir ao buscar por uma informação ou por um amigo de infância, com o qual não conversa há muito tempo. Lévy (1999) distingue duas grandes atitudes de navegação: a primeira é a “caçada”, quando há algo em mente para se pesquisar e que se deseja obter o quanto antes; e a “pilhagem”, quando se está vagamente interessado em um assunto, mas pode causar distração com facilidade em frente às demais informações, principalmente quando não há um foco específico. A segunda, apesar de tomar mais tempo do usuário devido à falta de objetivo, pode enriquecer o pesquisador com

mais informações em comparação à “caçada”, já que ele passa por diversos *links* e *sites* em seu caminho.

Além de ser fonte de informação, vídeos e imagens, o ciberespaço já possui uma trajetória dentro da história. A primeira vez em que a palavra surgiu foi em 1984, no livro de ficção científica *Neuromancer*, de William Gibson. No livro, o autor designa a palavra como “o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (GIBSON *apud* LÉVY, 1999)¹⁵. Mas essa definição é limitada se pensada na realidade que vivemos hoje.

Neste trabalho, compreende-se ciberespaço o mesmo que Lévy quando definiu-o como

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes herzeianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização [...]. (Pierre Lévy, 1999, p. 92)

O autor ainda afirma que o ciberespaço é o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do século XXI, sendo composto por meios de comunicação diferenciados. Além dos métodos tradicionais, como o rádio, a televisão e o telefone, o campo estudado possui inovações particulares, como o acesso à distância e a transferência de arquivos. A primeira é considerada uma das principais funções do ciberespaço, quando pode-se ter acesso a partir de um computador pessoal com demais máquinas a quilômetros de distância. Ou seja, a troca de informação é essencial dentro do ciberespaço. Outra inovação é o correio eletrônico que deixou a comunicação ainda mais simultânea, visto que a troca de mensagens, a capacidade de redigir um texto repleto de códigos e ele chegar ao seu destino final da mesma maneira como foi feito, independente da geografia, transformou a maneira de conversar. O correio eletrônico uniu a antiga correspondência, já em desuso pela sociedade da informação, ao telefone e transformou a velocidade da comunicação das últimas décadas (SIBILIA, 2008). As conferências eletrônicas permitem que um grupo de pessoas possa conversar de forma ubíqua. Fóruns, grupos sobre

¹⁵ Castells (1999) define rede como estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação.

temas específicos, *MSN* e outras mídias transformaram a tela do computador em um grande campo de discussões¹⁶.

O surgimento dessas conferências modificaram o meio de se comunicar e, principalmente, a socialidade e a gramática da rede (MAFFESOLI *apud* LÉVY, 1999)¹⁷. Dentro do espaço virtual são engendrados novos estilos de escrita e de interação (LÉVY, 1999), onde há uma linguagem própria composta por símbolos e abreviações que podem ser difíceis de se compreender à primeira vista. Concomitante ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação, a linguagem teve que ser reconfigurada, de modo que a oralidade e a escrita não foram banidas dentro da cibercultura, foram, pois, prolongadas para dentro deste novo espaço.

Para Lemos (2002), o ciberespaço é um sistema repleto de ideias, que inclui um sistema tecnológico, cujas mudanças e transformações ocorrem em ritmo acelerado e representam uma mudança da linguagem mais recente. É, pois, um ambiente sem controle, sem uma diretriz, ausente de linearidade, que não segue um raciocínio lógico. É um universo para todos os tipos de conteúdo, emitidos ou produzidos por fontes diversas, gerando dentro de si um sistema caótico. Dentro dessa dinâmica emergiu uma cultura, a qual convencionou-se chamar cibercultura.

A cibercultura emerge com os *mass media*, mas ganha contornos definidos atualmente devido o uso de computadores pessoais (LEMOS, 2002). Ela não deve ser compreendida como a aglutinação de várias culturas e tribos em um único universo e não deve ser confundida como uma “subcultura”, sem histórico e características próprias. Ela é resultado da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias. De acordo com Lemos (2002, p.11), “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamamos de cibercultura”. De fato, a sociedade atual procura incessantemente informações e se mostra cada vez mais dependente de tecnologias e de novos meios para se comunicar. Na cibercultura há uma desordem devido ao alto fluxo de discursos e mensagens. Seus usuários interagem o tempo todo trocando informações e, também, criando-as. Ela é influenciada pelo que acontece dentro do ciberespaço e pode ser definida por

¹⁶ *MSN Messenger* é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede.

¹⁷ Socialidade está ligada a uma fenomenologia do social, no qual os sujeitos desenvolvem agrupamentos empáticos, baseados em emoções compartilhadas. Ela se refere ao vivido, ao presente. Segundo Michel Maffesoli (1998), a vida cotidiana é marcada pela socialidade.

Lévy (1999, p.17) como “[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Essa cibercultura foi criada por quem faz parte do ciberespaço, ou seja, por seus usuários que acrescentam informações novas sobre diversos temas, contribuindo com conteúdos diversificados por meio de fotos, vídeos e texto. Como esse campo não possui, de maneira geral, restrições quanto idade mínima, religião ou país para adesão, há alunos e professores inseridos nesse ambiente, que trocam informações entre si e em meio à socialidade na cibercultura. Contudo, essa socialidade pode surgir entre esses dois indivíduos de maneira diferenciada à existente dentro da sala de aula, por exemplo. Dentro da Internet, o professor, muitas vezes, não pode empregar a sua autoridade, a qual é estabelecida, a rigor, somente no ambiente escolar. Deve ser um lugar onde ambos consigam existir de maneira igual, mas com respeito.

2.3 Mídias, redes e comunidades sociais

Compreender como funciona a interatividade entre as pessoas dentro do ciberespaço é de extrema importância para este trabalho, principalmente quando há alunos e professores que fazem parte desse ambiente, o qual é possível trocar informações e experiências constantemente sobre diversos assuntos, tanto do universo educacional, quanto do entretenimento. Para isso, serão definidos, primeiramente, os conceitos de mídias e redes sociais, ferramentas utilizadas pelos usuários da Internet para se comunicar dentro das comunidades e grupos aos quais pertencem, a fim de adquirir conhecimento ou compartilhar experiências.

O termo redes sociais pode ser definido de uma maneira objetiva pelos autores citados no livro de Raquel Recuero, *Redes Sociais na Internet*, da seguinte maneira: “quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações, é uma rede social.” (GARTON, HAYTHORNTHWAITE e WELLMAN *apud*. RECUERO, 2009, p. 15). Para ela existir, a rede depende de uma conexão entre máquinas e de pessoas dispostas a trocar, a todo e qualquer instante, experiências e informações sobre diversos temas e assuntos, pois, “essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas” (RECUERO, 2009, p. 17). Portanto, a rede social depende das pessoas, cujas emoções e experiências podem ser compartilhadas.

Embora o assunto pareça voltado para o universo tecnológico da Internet, o conceito de redes sociais está em discussão há muitos anos. Os estudos sobre as redes começaram,

principalmente, por cientistas e matemáticos, mas depois foram adotados por diversas áreas das Ciências Sociais (RECUERO, 2009). Em 1736, o matemático Leonard Euler apresenta o Teorema dos Grafos, no qual um grafo pode ser compreendido como a representação de qualquer tipo de rede, como um conglomerado de vôos e seus aeroportos, ou, inclusive, como indivíduos e as interações entre eles. Os grafos são utilizados para perceber relações humanas e obter dados para estudos na área. Essa utilização dos grafos nas ciências é relacionado como Análise Estrutural de Redes Sociais (RECUERO, 2009).

Os estudos sobre rede receberam maior atenção nas ciências sociais e nas demais ciências após publicações dos trabalhos de grandes estudiosos, como Barabási (2003), Barabási e Albert (1999), Watts (2003), Watts e Strogatz (1998), no final da década de 1990 e início dos anos 2000. No Brasil, os estudos sobre redes ainda são pouco explorados, em parte, devido a grande quantidade de cálculos matemáticos que são utilizados, dificultando, então, a compreensão dos pesquisadores de comunicação e de ciências sociais. Para Raquel Recuero, pesquisadora respeitada da área de Ciências Humanas e Sociais e especialista em compreender impactos das redes digitais de comunicação (Internet) sobre as relações sociais contemporâneas, diz que “estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais” (RECUERO, 2009, p. 22). Analisar as redes sociais é, na realidade, entender o surgimento de grupos que são criados a partir das interações sociais entre os usuários dentro da Internet.

Perante as diversas transformações tecnológicas que ocorreram no século XX, a interatividade e a capacidade de comunicação entre as pessoas mediadas por computadores foram apenas as inovações mais significativas trazidas pela Internet. O conceito de redes sociais funciona como uma metáfora para compreender esses grupos sociais que estão presentes na *web*. Dentro das redes sociais existem três elementos, os atores, as conexões e a interação, os quais serão explicados a seguir.

O primeiro, representa as pessoas que estão imersas nesse ambiente tecnológico, as quais moldam as estruturas sociais por meio de relações sociais e interações entre si¹⁸. Elas são representações de atores sociais, e são assim chamadas devido o distanciamento que existe entre os envolvidos na interação social, uma característica comum da comunicação mediada por computador. Assim, um perfil no Facebook, por exemplo, pode ser considerado

¹⁸ Entende-se por “estrutura” aquilo que um grupo social tem de mais permanente, ou seja, implica em uma certa sedimentação dos modos de agir e das relações sociais (RECUERO, 2005).

um ator social, e não uma pessoa comum. A ferramenta – o Facebook - não é o ator social, mas uma representação da pessoa de forma que ela consiga expressar elementos de sua individualidade, funcionando como um espaço para as interações acontecerem, tornando-se lugar de fala. São, por exemplo, os perfis de professores e de alunos que fazem parte das redes sociais, trocando informações e experiências, mas não podem ser considerados a pessoa real, já que no ciberespaço estão presentes as representações dos indivíduos. A relação que pode existir entre eles é mantida, em primeira instância, dentro do ambiente *online* podendo criar, ou não, uma relação no ambiente *offline*, o que gera, possivelmente, algum impacto, seja positivo ou negativo, na vida profissional ou pessoal do professor ou do estudante.

O segundo elemento, que são as conexões, representam os laços sociais que se formaram a partir das interações entre os atores, podendo ser identificadas a partir de um comentário postado em um *blog*, por exemplo, o qual só desaparecerá da Internet caso seja apagado pelo blogueiro ou caso o *weblog* saia do ar. Essas conexões são o principal foco dos estudos das redes sociais, pois a sua variação altera as estruturas dos grupos dentro do ciberespaço (RECUERO, 2009).

A interação, que é o terceiro elemento das redes sociais, é uma ação comunicativa entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social. Estudar a interação é, portanto, analisar a comunicação entre os atores, suas trocas de mensagens e o sentido delas, como, por exemplo, as mensagens entre o objeto do presente trabalho, que é o professor de ensino médio, e o aluno, e como é a interatividade entre eles dentro da rede. Ambos podem estar presentes nas redes sociais, trocando informações entre outros atores e entre si, podendo causar, a partir dessa interação, um impacto direto na carreira profissional desse docente, já que um fator interessante das interações *online* é a facilidade que elas possuem de se espalharem ou terem continuidade em diversos meios diferentes da Internet, mesmo após o ator estar desconectado do ciberespaço, o que torna esse tipo de relação muito diferente da face a face (RECUERO, 2009).

Não é incomum confundir os conceitos de mídias e redes sociais. De acordo com Telles (2010, p.19), mídias sociais são “*sites* na Internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos”. Em suma, mídias sociais são locais dentro da rede que servem para que os usuários interajam entre si de diversas formas, onde, não obstante, podem participar empresas que desejem dialogar com seu público-alvo. Já as redes sociais, como afirmou Thales Brandão (2011), professor da Faculdade AGES e editor-executivo do Portal CidadeMarketing, são relações sociais que precedem o surgimento da Internet, podendo ser

formadas por pessoas que possuem interesses comuns, que gostam de compartilhar e conversar sobre temas similares, não havendo necessidade da existência da Internet para ocorrer, pois “redes sociais são nodos ligados por relações sociais que foram estruturadas por pessoas de interesse comum”. Pessoas que se reúnem para debater sobre um livro específico, como exemplo, podem juntas formar uma rede social, por terem um assunto de interesse comum, e a Internet não é o único canal possível para que ela exista. As redes sociais são, também, uma categoria dentro das mídias sociais, já que ambas são caracterizadas pela troca de informações entre usuários, mas a rede social precisa de um conjunto de pessoas com um interesse em comum para existir, o qual não é necessário para a mídia social. Como exemplo, o *blog*, que é uma mídia social, mas não se encaixa no contexto de rede por ter seu conteúdo produzido apenas por uma pessoa direcionado para demais leitores.

As redes eram conhecidas antigamente por “*sites de relacionamento*”, ambientes onde as pessoas se encontram para trocar informações e compartilhar (TELLES *apud* RECUERO, 2009). As redes sociais possuem estruturas que são relacionadas por meio dos laços sociais entre os atores e possuem três estruturas básicas possíveis que, de acordo com Baran (BARAN *apud* RECUERO, 2009, p.57), são a centralizada, a descentralizada e a distribuída. A centralizada, é aquela onde apenas um nó centraliza a maior parte das conexões¹⁹. A descentralizada, por sua vez, possui vários centros de conexões, que não é conectada por apenas um nó, mas por um grupo pequeno. E a distribuída, é onde todos os nós possuem, mais ou menos, a mesma quantidade de conexões, sem hierarquia entre eles. Para Franco (2008), somente a terceira estrutura seria considerada efetivamente uma rede, pois segue o conceito de ser um espaço feito pelas pessoas e por suas interações, sem haver uma hierarquia entre elas, onde a comunicação é mais horizontal (FRANCO *apud* RECUERO, 2009).

Além de estruturas, as redes sociais possuem tipos distintos, que variam de acordo com a maneira que seus atores as utilizam. São dois tipos, de acordo com Recuero (2009): as redes emergentes e as redes de filiação ou de associação. As emergentes, são aquelas que surgem a partir das interações sociais entre os atores. Como exemplo, os *weblogs* ou *fotologues*, devido o intercâmbio de mensagens e comentários entre o autor e seus leitores. Por isso, ela é chamada emergente, devido à sua constante construção através das trocas sociais. Elas também são consideradas pequenas, devido à baixa quantidade de reciprocidade de comentários entre os nós, os quais precisam de tempo disponível e dedicação para que as trocas aconteçam. As redes de filiação ou associativas, são redes que surgem de relações não-

¹⁹ Os atores presentes na rede em questão são os chamados “nós”.

sociais, derivadas das conexões estáticas entre os atores, que possuem um impacto na rede social. São redes de conexões forjadas, como a lista de amigos no *Orkut* ou de seguidores no *Twitter*, por exemplo, onde ocorre uma mera adição de atores, mas não há, necessariamente, uma interação mútua, já que uma vez adicionado o usuário, ele ali permanece, independentemente da interação para manter o laço social²⁰. Essas redes podem ser muito maiores que as redes sociais *offline*, por não existir interação entre os atores. No entanto, as diferenças entre as redes emergentes e as de filiação são sutis, já que um mesmo objeto pode conter essas duas especificações (RECUERO, 2009).

Definidos os conceitos de mídias e de redes sociais, será discorrido sobre o desenvolvimento tecnológico das comunidades existentes na Internet, a fim de aproximar o tema desta pesquisa das reflexões sobre essas ferramentas de comunicação *online*, a visibilidade do docente de ensino médio e as interações com os seus alunos dentro dessas comunidades.

Quando se deu início ao desenvolvimento de comunidades virtuais, alguns usuários detinham um conhecimento mais aprofundado e eram tecnologicamente mais sofisticados, como os pesquisadores da ARPANET, que criaram uma das primeiras listas de correspondências temáticas, a SF-Lovers (destinado ao público apreciador da ficção científica), com o aval do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (CASTELLS, 2001)²¹. Surgiram nessa primeira fase das comunidades virtuais, os membros da cultura *hacker*, que buscaram compartilhar *softwares* na rede gratuitamente, rompendo a exclusividade acadêmica que havia dentro da Internet fazendo com que, a partir dos anos 1980, não houvesse mais a necessidade do usuário ser exímio em programação para fazer parte da rede, o que deu início à popularização das comunidades (CASTELLS, 2001)²². Com o *boom* da Internet na década de 1990, milhares de usuários introduziram suas inovações sociais a ela, sem ter,

²⁰ “O conceito de laço social passa pela ideia de interação social, sendo denominado laço relacional, em contraposição ao laço associativo, aquele relacionado unicamente ao pertencer a algum lugar, por exemplo. Os laços sociais podem ser fortes ou fracos, dependendo da intimidade e proximidade entre os atores” (RECUERO, 2005, p. 6-7).

²¹ Comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social (WELLMAN *apud* CASTELLS, 2001, p.106). Comunidades sociais podem ser compreendidas como redes sociais (RECUERO, 2005, p.4). As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço] (RHEINGOLD *apud* RECUERO, 2005, p. 13).

²² A cultura hacker diz respeito ao conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador que interagiam online em torno de sua colaboração em projetos autonomamente definidos de programação criativa (LÉVY, 2001)

necessariamente, obtido conhecimento prévio tecnológico. Isso contribuiu muito para a configuração da Internet, a qual, até os dias de hoje, depende do compartilhamento de experiências e de informações de seus usuários para geração de conteúdo.

A partir de então, começaram a surgir comunidades virtuais com temas específicos, como a comunidade realizada pelo Institute for Global Communication (IGC), que articulou uma rede de computadores dedicada à promoção de causas socialmente relevantes, como a defesa do meio ambiente e a preservação da paz mundial (CASTELLS, 2001)²³. O surgimento das comunidades *online* tiveram origem semelhante aos movimentos contraculturais e de modos de vida alternativos, que reinavam a década de 1960 (CASTELLS, 2001). Muitas comunidades virtuais existiram a partir da necessidade de dar corpo a um sentimento comunitário, após alguns fracassos que ocorreram no mundo físico.

Com o aumento das comunidades virtuais, as conexões contraculturais foram enfraquecendo ao ponto que, atualmente, dentro da Internet, não é possível encontrar uma cultura comunitária unificada, devido à grande diversidade dessas comunidades virtuais, em detrimento da vasta quantidade de usuários com identidades falsas, que estão interpretando papéis nas comunidades. Percebe-se que a maioria desses personagens falsos são criados por adolescentes, usuários essenciais para a realização desta pesquisa, que exibem na *web* uma encenação, que é comum ao comportamento dessa fase da vida. Essa nova geração possui um contato constante com a Internet, como mostra o estudo realizado pela Fundação Telefônica, em colaboração com a Universidade de Navarra, em Pamplona, na Espanha, e do programa Educared, entre outubro de 2007 e junho de 2008, com adolescentes e crianças de escolas na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela. Nesse estudo, revelou-se que 95% dos adolescentes, entre dez e dezoito anos de idade, acessam a Internet regularmente, e 83% afirmam possuir um aparelho celular.

Atualmente, os aparelhos celulares estão cada vez mais repletos de utilidades que vão além de suas funções básicas, como simplesmente realizar e receber ligações, e com preços mais acessíveis, como os *smartphones*, que já possuem Internet própria e de grande velocidade, se encontram mais populares entre os jovens, o que demonstra quão conectados eles possam estar durante todo o dia, principalmente nos períodos das aulas, deixando o professor em uma situação de impotência, sem conseguir perceber quando eles estão conectados à Internet dentro da sala de aula, compartilhando e debatendo assuntos que possam ter relação com a matéria ou não. Essa geração de jovens é chamada pelos

²³ Instituto de Comunicação Global. Tradução nossa.

pesquisadores de “Geração Interativa” pelos pesquisadores, ou de “ciberadolescência”, devido à comprovação de que os jovens latino-americanos residentes em áreas urbanas estão, cada vez mais precocemente, acessando as novas tecnologias digitais. Esses jovens estão se conhecendo e, principalmente, testando lados e facetas de sua personalidade em um campo novo, onde não estão vigentes as mesmas regras e julgamentos do mundo real. Tal grupo é de grande importância para esta pesquisa, que visa compreender como é articulada a comunicação entre esses jovens e seus professores dentro das comunidades virtuais. São muitos os adolescentes que criam perfis falsos na Internet, que utilizam esse mecanismo tanto para preservarem sua verdadeira identidade e se tornarem personagens que não são na vida real, quanto para contestarem, protestarem ou desabafarem fatos do cotidiano em um ambiente aparentemente seguro, repleto de diários anônimos.

Acredita-se que alguns usuários tendem a utilizar as novas tecnologias para satisfazer desejos e interesses pessoais que não são saciados na realidade (CASTELLS, 2001). Então, uma pessoa pode se aproveitar de uma comunidade para desbravar um lado desconhecido ou novo de sua intimidade, como, por exemplo, um jovem que está em dúvida sobre sua orientação sexual e, a fim de evitar os contratempos que existem no mundo real em relação à homossexualidade, como o preconceito, ele pode procurar dentro desse ambiente cibernético outras pessoas que estejam passando pela mesma situação que ele, em busca de identificação, sem precisar revelar quem de fato é. Ou seja, as redes sociais são feitas pelas dúvidas, dilemas e também alegrias das pessoas comuns, tornado uma espécie de prolongamento de suas inseguranças e incertezas, visto que “o mundo da Internet é tão diverso e contraditório quanto a sociedade” (CASTELLS, 2001, p.48). Por isso, ela não pode ser tão divergente da realidade e do cotidiano das pessoas.

Há uma característica comum que funciona dentro das comunidades virtuais, de acordo com Castells (2001): a valorização da comunicação horizontal e livre. A Internet prioriza a liberdade de expressão global, em meio a uma era dominada pela mídia e censuras impostas pelo governo. Os atores devem valorizar ao máximo a liberdade de expressão que ainda existe dentro do ciberespaço; a criação de perfis ou *sites* falsos é, pois, uma maneira de se expor sem a preocupação de ser linchado ou censurado, como Gilmore (1993) citou, “A Internet interpreta a censura como dano e encontra rotas para contorná-la” (GILMORE *apud* CASTELLS, 2001). Essa liberdade comunicacional que existe na Internet, ou seja, a liberdade de poder comunicar-se em grande escala designada “todos-todos”, como definiu Lévy (1999), é caracterizada por permitir que cibernautas participem de uma comunidade com um contexto comum, enviarem mensagens as quais possam ser lidas por outros internautas que também

façam parte da mesma comunidade, e às quais cada um deles possa ler e responder, gerando uma grande rede de trocas de experiências e informações. Podem ser considerados sistemas de comunicação todos-todos mundos virtuais repletos de participantes, como o *World Wide Web*. Esse tipo de relação cibernética é um dos principais valores presentes na Internet, entretanto, se não houver interação entre os atores, essa comunicação se fragiliza. O segundo valor compartilhado é a formação autônoma de redes, como foi chamado por Castells (2001). A liberdade que qualquer pessoa possui para procurar, dentro do ciberespaço, um grupo que tenha um interesse particular e, caso ela não encontre, a possibilidade e capacidade de criar e divulgar a sua própria informação, induzindo assim, uma nova rede.

Para se criar um grupo, é preciso um assunto comum entre as pessoas, como, por exemplo, um grupo de alunos pode criar uma comunidade para debater assuntos de uma certa disciplina. É um espaço relativamente seguro, podendo ter ou não a presença do docente da disciplina em questão, o que permite a liberdade dos membros para conversar desde assuntos mais banais, como a roupa usada pelo professor em um dia de aula, quanto matérias de provas e resultados de menções.

A publicação autônoma, essa liberdade de criar e poder divulgar seu conteúdo próprio, constitui um comportamento costumeiro na Internet. Embora ela seja rica em temas diversos, a fonte comunitária da Internet se caracteriza, de acordo com Castells (2001), pela comunicação horizontal igualitária e uma nova forma de livre expressão. Porém, não é possível afirmar que ela seja utilizada igualmente por todos, pois ainda existem muitas pessoas que não se conectam à Internet devido à cobrança que existe pelo serviço de acesso. É possível perceber a horizontalidade e a liberdade de expressão nas mídias sociais, porém, às vezes, alguns usuários são impactados na sua vida real como consequência de um desabafo ou comentário publicado na *web*. Como o exemplo da imagem abaixo, na qual pode-se deparar com uma situação comum na Internet, em que uma aluna expôs, a partir de seu perfil pessoal na rede social Facebook, sua indignação em relação a uma prova de matemática, sendo surpreendida pela resposta da professora da matéria, que utiliza um tom ameaçador sobre sua nota em seu comentário.

Figura I – Comentário publicado por uma aluna em seu perfil pessoal no Facebook.



Fonte: www.insoonia.com, 2012.

Portanto, é questionável a existência de uma total liberdade de expressão nas comunidades virtuais, já que, a todo momento, o virtual e o real se encontram, devido a um alto grau de vigilância que ocorre entre os atores.

Com o crescimento das comunidades virtuais e das interações *online*, estudos sobre os efeitos que a Internet poderia causar na sociabilidade foram realizados com 4 mil usuários pela Nie e Erdring (2000), nos Estados Unidos. Observou-se uma perda de envolvimento pessoa-pessoa, quando o usuário é muito assíduo da *web*, quando há a substituição das atividades comuns pelo uso da Internet. A partir de então, polêmicas acerca do ciberespaço surgiram, como se sua difusão pudesse encaminhar para o isolamento social do indivíduo, ou a um colapso da comunicação social e da vida familiar, por acreditarem que a falta da comunicação face a face prejudica diretamente a sociabilidade, levando a pessoa a abandonar o ambiente externo à Internet.

Além disso, o fato de haver diversos perfis e identidades falsas dentro do ciberespaço, acusando-os de induzir, gradualmente, as pessoas a viverem vidas fantasiosas *online*, apóia a evasão da realidade, numa cultura cada vez mais dominada pela realidade virtual (CASTELLS, 2001). Casos, por exemplo, de perfis falsos de personalidades nacional ou internacionalmente reconhecidas (como o perfil falso da Presidente da República Dilma Rousseff criado no Facebook) ou de um docente de ensino médio podem acarretar impactos na vida real e profissional da pessoa, dependendo do conteúdo que é construído pelo

idealizador. Caso um aluno crie uma conta falsa utilizando o nome do docente, sua carreira e reputação podem sofrer consequências reais devido ao conteúdo que é gerado pelo estudante, seja para fins lúdicos ou para disseminar inverdades sobre a vítima. Nesse sentido, há também professores que preferem fazer parte da rede social Facebook com um perfil falso, utilizando um codinome e uma imagem aleatória que represente seu personagem, para não ser identificado por seus alunos e companheiros de trabalho, de modo a preservar sua privacidade e evitar a vigilância, podendo, então, comentar e publicar textos e fotos que não liguem diretamente à sua pessoa ou profissão.

Aparentemente, o que tem acontecido nas relações sociais é o efeito contrário. Novas formas de sociabilidade vêm surgindo gradativamente a partir das novas tecnologias, principalmente da Internet. A questão geográfica, como já foi citado, não é mais um fator que impede a comunicação entre pessoas, como acontecia nos séculos passados, assim como ficou muito mais fácil encontrar alguém para compartilhar os interesses comuns, já que é possível conversar com um usuário de qualquer parte do mundo, praticamente a qualquer momento. De acordo com Castells (2001, p.98-99): “atualmente, essas limitações estão desaparecendo, e deveríamos ser capazes de avaliar os padrões de sociabilidade que advêm do uso da Internet, pelo menos em sociedades desenvolvidas, onde já há difusão maciça da Internet”. Não faz parte da realidade das sociedades tecnologicamente avançadas a possível incapacidade comunicacional devido à distância geográfica entre as pessoas por causa da *web*. Para haver troca de experiências entre dois ou mais cibernautas de diversas partes do mundo, faz-se necessário somente que os dispositivos estejam ligados à rede, podendo ser dois computadores ou dois celulares, por exemplo.

A Internet é muito utilizada para compartilhar informações e experiências, mas é, também, um instrumento de trabalho muito comum. O *e-mail* representa mais de 85% do uso da Internet, sendo sua maior parte destinada ao emprego, às tarefas familiares e ao contato com a família e amigos em tempo real (ANDERSON; TRACEY; HOWARD; RAINIE; JONES *apud* CASTELLS, 2001). Mesmo muito usada dentro do ambiente de trabalho, a Internet foi também apropriada pela prática social, para o entretenimento e o lazer. As pessoas querem se comunicar, falar sobre seu dia, reclamar sobre algo que aconteceu, trocar experiências sobre a vida cotidiana, saber da vida dos outros, dar opiniões e compartilhar com seus amigos aquilo que elas julguem interessante.

As personalidades falsas e as construções de papéis representam uma pequena proporção da sociabilidade dentro da Internet, tal prática encontra-se em evidência, novamente, entre o público adolescente (CASTELLS, 2001). Por causa dessa falsa ideia de

que o ciberespaço está repleto de pessoas que são representações falsas de personalidades, o terreno ficou conhecido como fantasioso, distorcendo um pouco a compreensão do público sobre a prática social existente. Na maioria das vezes, não é apenas isso, pois o ciberespaço funciona como um prolongamento da vida, mesmo quando essas identidades falsas se encontram presentes, a vida real parece moldar a interação *online* (CASTELLS, 2001). Turkle (1995, p. 267), pesquisadora sobre a construção da identidade na Internet, conclui que:

[...] a noção do real existe. As pessoas que vivem vidas paralelas na tela são, não obstante, limitadas pelos desejos, a dor e a mortalidade de suas pessoas físicas. As comunidades virtuais oferecem um novo contexto alegórico em que se pensar sobre a identidade humana na Era da Internet.

Mesmo quando a Internet é utilizada para introduzir um personagem, ele é guiado, monitorado e moldado pelo usuário real. Baym (1998, p.55), crítica de estudos sobre o comportamento nas comunidades *online*, declara que “a realidade parece ser que muitos, provavelmente a maioria, dos usuários sociais da comunicação mediada por computador criam personalidades *online* compatíveis com suas identidades *offline*”. A representação de papéis existe, mas não ocupa uma parcela preocupante no ciberespaço. As comunidades virtuais surgiram como uma promessa para uma sociabilidade irrestrita, um lugar onde as pessoas poderiam conversar e interagir de uma maneira diferente, causando transformações drásticas sobre a vida social tradicional, ao adicionar uma interação do tipo *online* nas relações que já existiam (CASTELLS, 2001). Ocorreram mudanças significativas no comportamento social e na vida cotidiana das pessoas, principalmente de usuários da rede, como a aproximação entre um indivíduo e os demais amigos e familiares distantes. Uma pesquisa feita por Tracey (2000), para a Telecom Britânica, mostrou que aqueles que utilizam a Internet para se comunicar com amigos costumam se encontrar mais com eles e possuem uma vida social mais agitada, aumentando consideravelmente a frequência a museus, cinemas e encontros face a face com os amigos que fazem parte da rede *online*, do que os não usuários.

Portanto, a sustentação da ideia de que a Internet pode diminuir a interação social e aumentar o isolamento é considerada um tanto antiquada e limitada para os dias atuais. Há indícios, sob algumas circunstâncias, de que a *web* substituiu algumas funções sociais, mas é difícil definir os efeitos que ela possui sobre a sociabilidade, já que transformou drasticamente a comunicação entre as pessoas.

O que se pode dizer é que a Internet parece ter influenciado a interação social de uma maneira diferente das praticadas anteriormente em detrimento de algumas atividades domésticas, assim como a leitura (CASTELLS, 2001). Percebe-se que as redes sociais

transformaram a comunicação, a interação e a troca de experiências entre as pessoas de maneira exorbitante. Destaca-se aqui o Facebook, que foi escolhido como principal ferramenta de análise para o desenvolvimento desta pesquisa.

O Facebook foi criado por três estudantes da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, em 2004. Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes inventaram a rede com o objetivo de melhorar e intensificar a comunicação entre os estudantes da universidade de modo que o compartilhamento de fotos e a localização de novas pessoas e de amigos ocorressem de maneira simples e prática. Primeiramente, a rede foi batizada de *thefacebook.com* e se tornou popular entre os estudantes, assim que se tornou disponível na Internet. Devido o crescimento acelerado de usuários, os idealizadores decidiram ampliá-la, disponibilizando-a para jovens de outras universidades americanas, como Stanford, Columbia e Yale. O reflexo dessa expansão concretizou, em 2005, cerca de 5 milhões de usuários ativos e, em agosto do mesmo ano, o nome da rede foi alterado para Facebook. Visto o potencial que existia dentro da rede, Zuckerberg e seus sócios investiram em mais uma ampliação do Facebook, permitindo, a partir de 2006, a inclusão de alunos de nível secundário e trabalhadores de empresas. Em setembro do mesmo ano, qualquer pessoa acima de treze anos de idade poderia se inscrever na rede social, podendo usufruir de seus serviços e participar de diversos grupos, como de escolas.

Mesmo com todas as modificações realizadas ao longo de sua história e considerando as pequenas alterações que são feitas periodicamente, o Facebook não perdeu a sua verdadeira essência e seus princípios, os quais estão disponíveis em seu *site*. Dentre os dez princípios vigentes, foram selecionados aqui os mais coerentes com o presente trabalho, são eles:

I - Liberdade para compartilhar e se conectar. As pessoas devem ter a liberdade de compartilhar as informações que desejarem, de qualquer maneira e em qualquer formato, e têm o direito de se conectar a qualquer um - qualquer pessoa, organização ou serviço - desde que ambos estejam de acordo com a conexão; II - Propriedade e controle de informações. As pessoas devem ser proprietárias de suas informações. Devem ter a liberdade de compartilhar informações com pessoas e locais que desejarem, incluindo removê-las do serviço do Facebook. Devem ter a liberdade de decidir com quem desejam que as informações sejam compartilhadas, além de definir controles de privacidade para suas escolhas. Entretanto, esses controles não têm a capacidade de limitar a maneira com a qual as pessoas que receberam a informação irão usá-la, principalmente fora do serviço do Facebook; V - Valor social. As pessoas devem ter a liberdade de construir confiança e reputação por meio de sua identidade e suas conexões, e de não serem removidos do serviço do Facebook por outras razões além das descritas na Declaração de direitos e responsabilidades do Facebook; VII - Serviço fundamental. As pessoas devem usar o Facebook para estabelecer sua

presença, se conectar com outros e compartilhar informações. Todas as pessoas têm o direito de usar o serviço do Facebook independentemente de seu nível de participação ou contribuição. (PRINCÍPIOS DO FACEBOOK, 2013)

Nota-se que a principal diretriz da rede social é a capacidade de compartilhar dados e informações, já que ela encontra-se presente desde a idealização da rede, em 2004. A liberdade de expor seus dados pessoais dentro da rede social também é valorizada pelo Facebook. A empresa propõe aos seus usuários um espaço livre onde eles possam publicar o que faz parte de suas vidas, de seus quotidianos com quem eles quiserem. O Facebook responsabiliza o próprio usuário pelo conteúdo que compartilha, ou seja, caso um professor de ensino médio publique algo que possa agredir ou ofender a imagem da instituição de ensino onde leciona, o mesmo deve ser responsabilizado pelo ato, e, não, o Facebook, de modo que pode gerar um impacto direto na vida profissional do docente.

Atualmente, o Facebook é utilizado por aproximadamente 500 milhões de internautas e circulam cerca de 60 milhões de imagens, sendo muito utilizada pelo público adulto e juvenil, como os estudantes de ensino médio, os quais o acessam quase que diariamente, como mostra uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br), com usuários da Internet de onze a dezesseis anos de idade, em 2012. A pesquisa mostra que 61% dos entrevistados de quinze a dezesseis anos, faixa etária que se encaixa nos padrões de idade dos estudantes de ensino médio no Brasil, acessam o perfil ou a página em uma rede social, como o *Orkut* e o Facebook, todos os dias ou pelo menos a maior parte deles, como pode-se concluir a partir da seguinte tabela.

Tabela I – Frequência de uso da Internet por atividade realizada pela criança/adolescente no último mês – visitar perfil/página de uma rede social entre abril e julho de 2012 (percentual sobre o total de usuários de Internet de 11 a 16 anos que realizaram cada atividade).

Percentual (%)		Visitei um perfil/página de uma rede social, como o Orkut, Facebook			
		Todos os dias ou quase todos os dias	Uma ou duas vezes por semana	Uma ou duas vezes por mês	Não sei
TOTAL		53	35	12	0
REGIÃO	Sudeste e Sul	56	33	10	0
	Centro-Oeste e Norte	41	36	20	2
	Nordeste	52	37	11	0
SEXO	Feminino	56	33	10	1
	Masculino	51	36	13	0
ESCOLARIDADE DO PAI/RESPONSÁVEL	Fundamental I	46	38	15	1
	Fundamental II	52	34	13	1
	Médio ou mais	61	31	7	0
FAIXA ETÁRIA	11-12	44	40	16	0
	13-14	53	36	11	0
	15-16	61	30	9	1
RENDA FAMILIAR	Até 1 SM	37	36	25	1
	Mais de 1 SM até 2 SM	48	41	11	0
	Mais de 2 SM até 3 SM	65	25	10	0
	Mais de 3 SM	62	29	8	1
CLASSE SOCIAL	AB	68	24	8	0
	C	51	37	12	0
	DE	24	52	22	2

Fonte: CETIC.br (2012)

Mesmo que os usuários da rede social tenham ciência do alto grau de vigilância e da falta de privacidade que existe dentro do Facebook, a empresa encontra-se no patamar mais elevado das redes sociais utilizadas no Brasil atualmente, chegando a ultrapassar o Orkut em 2011, de acordo com a eMarketer (2012). Aparentemente, a privacidade escassa e a vigilância exacerbada não são fatores decisivos para que um usuário deixe de fazer parte do Facebook, já que o número de usuários novos cresce a cada ano e a busca por visibilidade é essencial na sociedade vigente.

2.4 Vigilância e visibilidade na Internet

Todos nós observamos e somos observados a todo instante e a qualquer momento. Desde a primeira infância até a fase adulta, as pessoas estão submetidas a avaliações de comportamento dentro da sociedade em que estão inseridas²⁴. E, atualmente, quem não expõe a personalidade no meio *online* é considerado inexistente (SIBILIA, 2008). Para você ser alguém, deve possuir um perfil nas mídias sociais, ter um celular com localizador e Internet, e, sobretudo, estar presente no ambiente cibernético.

Nos séculos XIX e no começo do XX, a privacidade e a escrita eram cultivados e realizados dentro do quarto, em profunda exclusão social, hábitos da vida íntima burguesa (SIBILIA, 2008). Eram escritas cartas e diários íntimos repletos de segredos e confissões, que eram trancados diariamente a sete chaves. Ainda no século XIX, a sociedade era vista como “disciplinar”, definida por Michel Foucault (1997), após algumas reformas penais que ocorreram na Europa. A partir de então, a prisão começou a difundir-se e o alto grau de disciplina era exigido. A sociedade vivia em confinamento, buscava não chamar a atenção e muito menos queria ser vista. As pessoas eram mais reservadas e introspectivas, escreviam para si, a fim de desabafar fatos do dia-a-dia para um leitor imaginário em que a história é contada em primeira pessoa e com detalhes minuciosos. Um exemplo é a obra “O Diário de Anne Frank”, escrito pela jovem Anne (1942) durante a Segunda Guerra Mundial, entre junho de 1942 e agosto de 1944, no qual ela relata fatos da sua vida e de sua família, sempre com receio e medo de que seu diário fosse descoberto pelas autoridades. Viviam-se, então, uma época na qual:

[...] tudo aquilo que ficava do lado de fora quando a porta da casa se fechava merecia ficar lá fora [...]. Já o espaço privado era aquele universo infindável que remanesce do lado de dentro, onde era permitido ser “vivo e patético” à vontade, pois somente entre essas acolhedoras paredes era possível deixar fluir livremente os próprios medos, angústias e outras emoções e patetismos considerados estritamente íntimos – e, portanto, realmente secretos. (SIBILIA, 2008, p.63)

Porém, após a Segunda Grande Guerra e diante a aceleração exacerbada dos meios tecnológicos e com o surgimento de uma rede de computadores interconectados, textos e informações pessoais passaram a ser expostos pelos usuários, circulando livremente, fazendo-

²⁴ Fase, segundo Piaget, que vai do nascimento até os dois anos de idade, caracterizada pela percepção do meio em que a criança está inserida e pelos movimentos motores.

se lidos e relidos em diversos cantos do mundo e em diversas línguas por milhões de pessoas. Em oposição aos séculos anteriores, a exibição da privacidade parece não incomodar mais. O que se busca agora é socialidade, interação, e diálogo quotidiano. Deixamos de ser introspectivos ou “*homopsychologicus*”, conforme analisou Bezerra (2002) e fomos nos transformando em pessoas mais extrovertidas²⁵. Deseja-se comunicar, compartilhar e vigiar os demais e suas vidas pessoais.

Com essa intersecção entre o real e o tecnológico, a própria sociedade e o trânsito de informações sofreram alterações que seriam inimagináveis há alguns anos, bem diferente da sociedade “disciplinar”. Deleuze (1990) usou a expressão “sociedade de controle” para designar o “novo monstro”, como ele mesmo ironizou, a fim de descrever uma sociedade apoiada nas tecnologias digitais e eletrônicas, ancorada no capitalismo, caracterizada pela superprodução e consumo exagerado.

Os adeptos da nova *Web 2.0* acreditam que suas confidências precisam de espectadores²⁶. Com a criação dos *weblogs*, *fotologs* e *videologs* e uma diversidade de outros *blogs* no ano 2000, os “diários íntimos” foram deixados de lado, de modo que o privado e a introspecção perderam um pouco o sentido que tinham no século XIX²⁷. Quatro anos após o surgimento desses *blogs* já existiam aproximadamente três milhões de usuários em todo o mundo. Em 2005 já eram onze milhões e em 2008, a blogosfera abraçava cerca de cem milhões de diários (TECNORATI *apud* SIBILIA, 2008). Dentro desse universo, o usuário se dirige como autor, narrador e protagonista de seus relatos a partir de fotos, vídeos e textos. O objetivo central dessa exposição é a busca pela visibilidade do *eu* e o anonimato é considerado um pesadelo, ninguém quer passar despercebido (SIBILIA, 2008). A evasão da privacidade e a vontade de falar de si são voluntárias e alavancadas pelo desejo de ser percebido nas telas dos computadores. Diante do anseio por ser visto e percebido, podemos acreditar que a visibilidade ancorada na exterioridade do “eu”, uma busca por notoriedade perante à sociedade inserida nas mídias sociais.

²⁵ *Homopsychologicus* diz respeito a um tipo de sujeito que aprendeu a organizar sua experiência em torno de um eixo situado no centro da sua vida interior (BEZERRA Jr, 2002).

²⁶ *Web 2.0* é o nome que se dá a padrões de tecnologia e usabilidade que dominaram boa parte dos serviços de Internet no início do século XXI. O termo foi criado pelo empresário irlandês Tim O'Reilly para descrever *sites* que investiam em interatividade com o usuário, como serviços de *blogs*, redes sociais, índices de navegação e indexação coletiva (*tags*), páginas de edição coletiva (*wiki*) e compartilhamento de conteúdo.

²⁷ Novos termos de uso internacional cuja origem etimológica remete aos diários de bordo mantidos pelos navegantes de outrora. (SIBILIA, 2008)

Ao expor o seu íntimo dentro do ciberespaço, algumas consequências podem surgir, como o monitoramento, a vigilância, o controle e a falta de privacidade. Para melhor compreensão do problema, serão distinguidos os termos controle, vigilância e monitoramento de acordo com Lemos (2010), que, *a priori*, parecem sinônimos:

Compreendemos por “controle” a fiscalização de atividades, como ações normalmente associadas ao governo e ao domínio de pessoas, ações, processos. “Monitoramento” pode ser entendido como forma de observação para acumular informações visando projeções ou construção de cenários e de históricos, ou seja, como uma ação de acompanhamento e avaliação de dados. Já “vigilância” pode ser definida como um ato com vistas a evitar algo, como uma observação com fins de prevenção, como um comportamento atencioso, cauteloso ou zeloso. (LEMOS, 2010, p.62)

De acordo com Gow, vigilância implica algo muito específico como a observação intencional das ações de alguém ou a coleta intencional de informações pessoais com o intuito de observar ações passadas e futuras. Funciona, assim, como uma investigação sobre um indivíduo específico, podendo reunir informações e dados pessoais para uso indeterminado (GOW *apud* LEMOS, 2010).

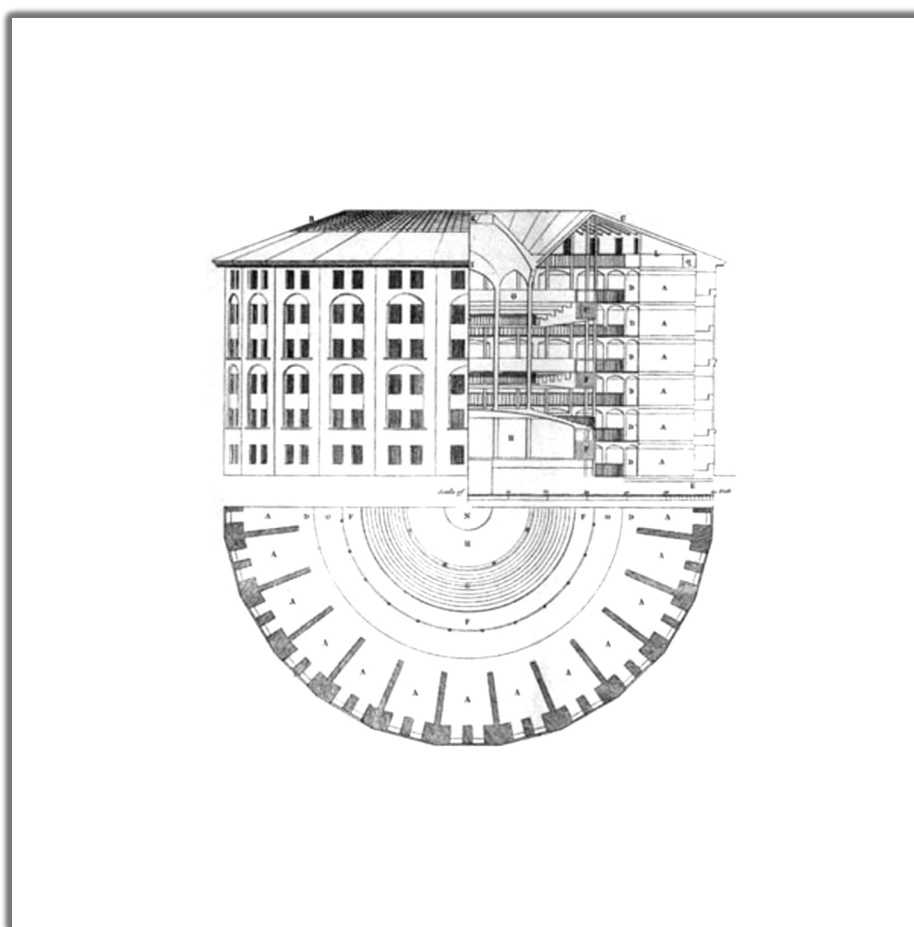
Tamanha a vigilância vigente atualmente nas escolas, no ambiente de trabalho e, agora, no ambiente virtual, que a sociedade contemporânea aparenta viver na Era do Panóptico. A palavra “panoptismo” origina-se da raiz pan-óptico, que denota visão geral, visão abrangente e que caracteriza um modelo arquitetônico projetado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham, em 1785. O projeto, que foi inicialmente realizado para centros penitenciários, consiste em um edifício no formato de um anel repleto de celas. Localizado no centro do anel, havia uma torre de vigilância com janelas escondidas por persianas. As celas eram organizadas nos andares voltadas para o centro de observação, como se elas estivessem viradas para um ponto específico e funcionassem como uma espécie de palco, conforme a figura II. Nesse modelo, inseria-se o indivíduo no palco, deixando-o em constante vigilância. A estrutura arquitetônica do panóptico não permitia ao indivíduo enxergar quem o está observando, semelhante ao que acontece nas mídias sociais, visto que esse sentimento de ser observado faz como que a pessoa reflita antes de tomar alguma atitude ou de realizar qualquer ação. Para Foucault, o panóptico é um instrumento coercitivo e disciplinatório e

[...] permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido [...] Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído [...] Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando

não há realmente quem assista do outro lado, o controle é exercido. [...] o essencial é que elas se saibam vigiadas. (FOUCAULT, 1997, p.170)

O panoptismo encontra-se presente na Sociedade da Informação devido aos avanços da tecnologia e, conseqüentemente, da fácil localização por meio de dispositivos conectados à Internet. Ou seja, a todo momento estamos conectados à rede pelas mídias locativas e a vigilância se torna constante, como se estivéssemos no centro da estrutura panóptica, revezando, entre nós mesmos, a posição de vigilante e de vigiado²⁸.

Figura II – Estrutura arquitetônica de uma prisão panóptica de acordo com Bentham.



Fonte: www.flickr.com, 2012.

As mídias locativas podem ser ferramentas de invasão de privacidade e de violação de anonimato para qualquer fim, seja comercial, político ou policial. Podemos ser observados e acompanhados pela Internet em tempo praticamente real. A privacidade e o anonimato estão em risco, como se não houvesse mais diferença entre a realidade e o ciberespaço, como citou

²⁸ Pode-se compreender por mídia locativa dispositivos, sensores e redes digitais que reagem ao contexto local. (KELLERMAN,2006; BENFORD, 2005,2006; POPE, 2005)

o autor de *Headmap Manifesto*, Ben Russel (1999), “a internet já começou a vazar pelo mundo real”, sugerindo a fusão entre o espaço eletrônico e o espaço físico.

O professor, assim como todos nós, se encontra sob constante vigilância dentro do ciberespaço. O docente deve se manter consciente da probabilidade de impactos que podem surgir na sua vida profissional. A partir de um texto ou foto pessoal exposta na Internet, podem ocorrer casos de alunos que, por algum motivo pessoal, não gostam do professor e vasculham informações sobre ele na rede. Poderiam encontrar fotos do professor consumindo alguma bebida alcoólica, a fim de disseminar na escola, por exemplo, que o professor tem algum problema com bebidas. A imagem dele pode ser prejudicada perante seus superiores, ocasionando consequências negativas em sua carreira – lembrando Russel, o virtual está vazando para o mundo real. Mas o professor é uma pessoa comum, que possui amigos e familiares na rede e que pode querer fazer parte desse ambiente e das mídias sociais. Considerar a exclusão do professor do ciberespaço a fim de evitar constrangimentos no âmbito profissional, é um assunto que deveria ser discutido dentro das instituições de ensino junto à sociedade.

2.5 A educação e a Internet

Com a massificação da Internet, é possível imaginar que diversos ramos do conhecimento, tais como as ciências sociais, sofreram algum tipo de impacto por essa nova ferramenta; como exemplo, a educação. Por muito tempo a educação se restringia à sala de aula, à ordem segundo a qual o professor era considerado a principal fonte de conhecimento e, os alunos, os aprendizes. Porém, a presença da *Web 2.0* transformou a relação entre esses alunos e professores, de modo que evocou discussões acerca do método educacional vigente.

Com essa multiplicidade de geradores de conteúdo na Internet – ou seja, qualquer pessoa pode publicar um conteúdo sobre qualquer assunto de interesse em formato de texto, vídeo, imagem, etc – não é raro encontrar jovens ainda em formação que disponibilizam informações e opiniões sobre um determinado tema, as quais podem inclusive ser utilizadas por um pesquisador ou, até mesmo, por seu próprio professor. A hierarquia segundo a qual o professor se encontra em um patamar mais elevado – exigindo quase uma idolatria -, e os alunos logo abaixo, parece não ser tão evidente na *web*.

Sendo assim, os professores poderiam utilizar-se da Internet para fins acadêmicos, no sentido de alcançar uma maior quantidade de alunos e demais interessados em sua disciplina. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS) são utilizadas em diversas áreas, como na indústria, no comércio e no sistema educacional, e, nesse sentido, varias políticas públicas para a inclusão digital e para a educação à distância têm sido incentivadas como uma forma de diminuir a exclusão digital (UNESCO, 2010)²⁹. As TICS são vistas como potencializadoras dos processos de ensino e auxiliadoras de pessoas com dificuldade de aprendizagem e necessidades especiais, conseguindo chegar até elas, caso possuam um computador ligado à Internet. A UNESCO, em parceria com o governo federal brasileiro, incentivou a disseminação de TICS dentro das escolas, com o objetivo de melhorar a qualidade do processo de ensino e inserir o conhecimento dentro do ciberespaço, não se restringindo somente à sala de aula. Porém, esse recurso ainda é pouco conhecido por parte dos profissionais da educação, embora seja reconhecido que a sua utilização está cada vez mais constante. É preciso mostrar aos professores a capacidade que essa ferramenta possui de disseminar conhecimento para diversas pessoas ao redor do mundo e usufruí-las à favor da educação.

Diante desse cenário, surge uma questão: será que a Internet e as mídias sociais podem ser empregadas para fins educativos? Pensando nisso, Mark Zuckerberg, dono do Facebook, criou uma espécie de “manual de uso” para os professores. O chamado “*Facebook for Educators*” foi escrito por dois consultores em educação e tecnologia dos Estados Unidos, Linda Fogg Phillips e Derek Baird, e pelo psicólogo BJ Fogg³⁰. O manual encontra-se disponível para *download* na Internet e contém dezoito páginas com orientações e possibilidades de uso em sala de aula e que, apesar de ter sido traduzido para o português, suas referências apresentam ao usuário *sites* com as legislações americanas³¹. Os professores se tornaram um novo alvo da rede social.

Devido à delicadeza do assunto, a polêmica gerada em cima do tema foi imensa nos Estados Unidos, ao passo que o estado de Missouri aprovou uma lei restringindo a interação entre professores e alunos dentro dessa mídia. Conhecida por “Ato Amy Hestir de Proteção ao

²⁹ O termo TICS refere-se às Tecnologias da Informação e da Comunicação, que podem ser definidas como tecnologias e instrumentos usados para compartilhar, distribuir e reunir informação, bem como para comunicar-se umas com as outras, individualmente ou em grupo, mediante o uso de computadores e redes de computadores interconectados.

³⁰ No Brasil, o manual foi traduzido para Manual Facebook para Educadores.

³¹ Link do *site* para *download*: facebookforeducators.org. Acesso em: 21 nov. 2012.

Estudante”, essa lei proíbe a conversação entre alunos e professores de maneira não pública, como acontece nos *chats* do Facebook, por exemplo.

No Brasil o cenário é diferente. Ainda não há uma legislação específica quanto ao uso de mídias sociais para docentes. É considerado normal o professor adicionar o aluno como amigo e vice-versa. Porém, a maioria dos *sites* de relacionamento são bloqueados nos computadores de algumas escolas, inferindo a proibição desses canais de comunicação pelo profissional e pelo aluno. Mas essa comunicação existe entre eles e não deveria ser ignorada, como foi citado no *site* da Revista Carta Capital por Lilian Starobinas, doutoranda da Faculdade de Educação da USP e pesquisadora da Escola do Futuro, “vivemos em uma sociedade em que estar conectado é parte da vida de todas as pessoas. A aproximação entre alunos e professores nesse contexto é possível e válida, mas é preciso pensar que tipo de relação estabelecer. Afinal, a mediação da relação entre professores e alunos é profissional”.

Ela acredita que as mídias sociais, como ferramenta pedagógica, podem auxiliar o professor, cabendo a ele conscientizar seus alunos de modo a incentivar seu uso como canal de troca de conhecimento e informações escolares.

Ao indagar L.D, a qual foi a principal responsável por instigar a curiosidade acerca do tema durante um momento de descontração, que trabalha como professora de Literatura de ensino médio em uma escola privada daqui de Brasília, sobre uma possível interação entre ela e seus alunos na Internet, a mesma relatou sofrer impactos e repercussões devido à sua exposição nas mídias sociais, principalmente no Facebook. Ela afirma que, na maioria das vezes, o impacto é positivo, há uma interação saudável entre ela e seus alunos, inexistente na sala de aula. Eles curtem, comentam e compartilham o que ela publica e, em seguida, pode virar assunto dentro da sala de aula. Como L.D iniciou sua carreira de professora ainda muito jovem, aos dezenove anos, o respeito entre aluno e professor custou prevalecer, devido à pequena diferença de idade em relação aos seus alunos, que possuem de quinze a dezessete anos. Essa imaturidade e falta de respeito por parte dos estudantes, fez com que a postura da docente mudasse dentro da mídia social, aumentando o distanciamento profissional.

Após uma experiência negativa por causa de seu perfil pessoal na Internet, L.D resolveu criar um perfil para uso exclusivo profissional, sem fotos pessoais ou publicações que expressem demais sua personalidade, pois, ao perceber que sua vida pessoal estava demasiada entrelaçada com a profissional, e, por seus alunos ainda serem imaturos, eles acabaram por se interessar mais sobre sua vida pessoal do que sobre o conteúdo de Literatura. Ao perceber essa atitude de seus alunos, a professora resolveu criar uma hora de plantão “tira-dúvidas”, nas vésperas de prova, pelo Facebook. A ideia era criar uma espécie de canal de

comunicação instantânea onde os alunos poderiam tirar dúvidas sobre a disciplina, o que às vezes não acontece dentro da sala de aula, ou complementar algo para a matéria. Mas, mesmo durante o horário do plantão, ela alega imaturidade dos alunos devido aos comentários indevidos e piadas dentro do espaço destinado à educação.

A posição onde se encontra os professores é bastante delicada. Alguns deles vêm a rede social como um meio de interagir com seus alunos, conversar, conhecê-los melhor e descontraí-los. Para outros, ela aparenta ser um prolongamento da sala de aula, onde deve-se evitar a aproximação e o distanciamento existente dentro da instituição de ensino precisa ser mantido igualmente. O Manual Facebook para Educadores (2011), fornece ao leitor dicas de comportamento e instruções de como manter a privacidade do docente e promete ajudar a resolver os dilemas diante dessa nova tecnologia. Em um dos trechos do Manual, isso fica bastante explícito:

Nossa esperança é aliviar a dificuldade da nova tecnologia oferecendo explicações claras sobre o Facebook na educação. Acreditamos que as informações deste guia podem ajudá-los a transformar os desafios da mídia social em oportunidades que beneficiam você e seus alunos. (MANUAL FACEBOOK PARA EDUCADORES, 2011, p.1)

Nesse Manual são listados sete usos do Facebook os quais são sugeridos para os educadores, a saber: 1) Ajudar a desenvolver e seguir a política da escola sobre o Facebook; 2) Incentivar os alunos a seguir as diretrizes do Facebook; 3) Permanecer atualizado sobre as configurações de segurança e privacidade no Facebook; 4) Promover a boa cidadania no mundo digital; 5) Usar as páginas e os recursos de grupos do Facebook para se comunicar com alunos e pais; 6) Adotar os estilos de aprendizagem digital, social, móvel e “sempre ligado” dos alunos do século XXI e 7) Usar o Facebook como recurso de desenvolvimento profissional. Cada um é discorrido no Manual separadamente, a fim de indicar aos professores as melhores maneiras de utilizar a ferramenta, segundo o Facebook.

Compreende-se que o Manual tenta sensibilizar o professor sobre o uso da ferramenta para fins profissionais e educativos, visando sempre o desenvolvimento do aluno, mas pouco relata sobre a possível humanização do professor nesse ambiente. Ele reconhece esse canal de comunicação como uma oportunidade aos alunos de discutir e de apresentar ideias relacionadas à disciplina. Ele impõe ao professor a responsabilidade de conduzir os alunos a não se desvirtuarem do tema, impedindo que o assunto se torne pessoal. É como se o professor tivesse a obrigação de ser profissional a todo o tempo, em uma carreira em tempo integral. Utiliza-se a Internet para entretenimento e, por que não, para socializar com amigos e

familiares. O professor parece aproveitar-se pouco desse direito devido à sua opção profissional, que, não raro, limita sua socialidade na rede.

O Manual aborda um tema ainda mais delicado, qual seja, os menores de idade dentro do Facebook. Professores lidam com menores dentro da sala de aula e também no ambiente virtual. No ensino médio é possível se deparar com alunos na faixa de 14 anos até aqueles que se tornaram maiores de idade. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, somente 50,2% dos alunos concluem o ensino médio até os 19 anos, idade considerada “esperada”, apesar de levar em conta um ano de atraso. Ou seja, a relação de comunicação existente é, muitas vezes, entre maiores de idade e menores de idade, mas, também entre maiores de idade e maiores de idade.

3 INTERNET: PRIVACIDADE E LEGISLAÇÃO

No presente capítulo serão apresentadas as definições de privacidade, bem como o seu histórico, suas ramificações e suas possíveis aplicações no ciberespaço, utilizando como base a Constituição Federal Brasileira de 1988 para conhecimentos legais, referências bibliográficas de autores do Direito e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Além das legislações internacionais sobre a Internet e os avanços judiciais brasileiros em relação à privacidade dentro da Internet. Esses estudos sobre a legislação brasileira dentro da Internet e sobre os diferentes conceitos de privacidade são importantes para o trabalho devido à sua proximidade com o tema e com o objeto de pesquisa, o qual se encontra presente nas mídias sociais.

3.1 Privacidade

As discussões acerca do direito à privacidade surgiram após algumas mudanças de costumes e hábitos da burguesia no século XVIII (LINS *apud* SIBILIA, 2008). Ela foi reconhecida pela primeira vez na França, quando o Tribunal de Séné, em um acaso conhecido chamado *Affaire Rachel*, reconheceu à família de uma atriz famosa da época o direito de não publicarem a imagem dela no seu leito de morte (SAMPAIO *apud* SIBILIA, 2008).

O grande marco histórico da privacidade ocorreu em 1890, nos Estados Unidos, quando dois estudantes, Samuel Dennis Warren e Louis Demitz Brandeis, publicaram um artigo intitulado *Right to Privacy*, na revista de direito da renomada Universidade de Harvard, a *Harvard Law Review*³². Eles defenderam o reconhecimento à necessidade do indivíduo de ficar só com seus pensamentos, emoções e sentimentos, seja qual for a maneira de expressá-los em cartas, livros, diálogos, música, pintura, etc e exigiram o reconhecimento pela Corte da expressão *right to privacy* (VIEIRA, 2007).

Ainda que a privacidade não seja um direito institucional em vários países, ela é vista como item essencial para a liberdade, “o direito de ser deixado a sós é o começo de toda liberdade” (MEYER *apud* VIEIRA, 2007). A privacidade é essencial para o desenvolvimento

³² *Righ to privacy* significa, em português, direito à privacidade. Tradução nossa.

da personalidade e da subjetividade do indivíduo, de modo que se almeja respeitá-la e conservá-la.

Os princípios gerais do direito de privacidade são assegurados pela Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 5º, incisos X e XII, que prevêm o direito à privacidade à medida que garante a inviolabilidade da intimidade, vida privada, honra e imagem de cada cidadão. No artigo 5º, lê-se que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; XII - é inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA, 1988, p.15)

Privacidade e liberdade são complementares, uma vez que a proteção da privacidade de um indivíduo proporciona o exercício de sua liberdade. Permitir que o sujeito possa exercer, com tranquilidade, a liberdade de crença, de consciência e de expressão, é incentivar o exercício do direito de utilizar um espaço reservado para refletir e voltar-se para si mesmo, sem que ele seja julgado pelos demais ou sofra qualquer tipo de censura. Sendo assim, o exercício da privacidade é essencial e é o diferencial da raça humana, como pode-se concluir a partir da citação de Tatiana Vieira (2007), Procuradora Federal da Advocacia-Geral da União e Mestre em Direito, Estado e Sociedade pela Universidade de Brasília (UnB):

A privacidade impõe-se como condição essencial para o desenvolvimento do senso da individualidade, pois, destituído de tal prerrogativa, o ser humano não lograria perscrutar-se para sondar o que pensa e sente, não poderia dispor da solitude indispensável para imergir nos próprios pensamentos e emoções. (VIEIRA, 2007, p.28)

Existem conceitos de privacidade que devem ser distinguidos, como “proteção da honra” e “proteção à privacidade”, que foram definidos por Júnior (2007), professor de Direito Penal na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), em seu livro *O Direito de Estar Só*. Dentro do direito brasileiro, essa diferenciação pode ser feita ao imaginar duas esferas, a individual e a privada. A primeira, refere-se à proteção do nome e da reputação do indivíduo contra ações e ataques de terceiros. A esfera privada diz respeito à individualidade, à busca pela tranquilidade e pela paz de espírito (JÚNIOR *apud* VIEIRA, 2007). Se, por um lado, na esfera individual, a pessoa se relaciona com seus semelhantes, por

outro lado, na esfera privada ocorre o oposto, ela se isola e se situa na sua intimidade, convivendo com a própria individualidade. A diferenciação desses dois termos aconteceu, primordialmente, nos Estados Unidos, por Warren e Brandeis, em 1890. Segundo os estudiosos, “proteção da honra” protege o indivíduo contra a divulgação de fatos inverídicos e maliciosos; enquanto “proteção à privacidade” protege o seu titular até mesmo contra fatos verdadeiros e ocorre quando o autor não autoriza a divulgação de suas informações para conhecimento geral (VIEIRA, 2007). Ambos poderiam ser empregados dentro do contexto cibernético para a proteção de usuários que possam vir a sofrer com difamações e divulgações sem autorização prévia, como exemplo os professores de ensino médio, que convivem com adolescentes, na maioria das vezes, ainda em fase de amadurecimento, podendo ocorrer infortúnios a partir da visibilidade de dados inverídicos gerados por alunos revoltados.

O direito à privacidade tornou-se conhecido mundialmente após sua publicação na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU em 10 de dezembro de 1948, conforme o artigo XII, no qual diz o seguinte: “Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataques à sua honra e reputação. Toda pessoa tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques”. Ou seja, tanto os alunos quanto os professores possuem o direito à privacidade, instaurada dentro da Declaração, ambos podendo recorrer à ela caso o seu direito seja infringido.

Visto que o direito à privacidade é um direito do indivíduo para resguardar suas informações pessoais, Vieira (2007, p.30) define “direito à privacidade” como “[...] a faculdade que tem cada pessoa de obstar a intromissão de estranhos na sua intimidade e vida privada, assim como na prerrogativa de controlar suas informações pessoais, evitando acesso e divulgação não autorizados”.

Para melhor compreensão do trabalho, diferenciam-se os termos intimidade e vida privada. Intimidade reflete os pensamentos da pessoa, ideias e emoções localizadas em uma zona mais restrita e que deve ser mantida em segredo. Vida privada diz respeito à vida pessoal ou familiar do indivíduo que pode ser de conhecimento daqueles que convivem com ele (VIEIRA, 2007, p.36).

3.1.1 Privacidade e direitos da personalidade

Como foi dito anteriormente, o direito à privacidade foi adquirindo reconhecimento com o tempo, sendo gradativamente inserido às legislações e passando a fazer parte da maioria das constituições modernas (VIEIRA, 2007). É dentro da área civil que é protegido o direito à privacidade e o direito da personalidade, assim como a proteção do corpo, da honra, da imagem e do nome.

O direito da personalidade é dividido em três segmentos, segundo Bittar (2001 *apud* VIEIRA, 2007), a saber: direitos físicos, psíquicos e morais. Dentro dos direitos físicos são protegidos o direito à vida, à integridade física ao corpo e suas partes, à imagem e à voz. No segundo, são defendidos os direitos à liberdade de pensamento, de culto, de expressão e de outras manifestações; incluem-se no mesmo nicho o direito à intimidade. Já no terceiro, situam-se os direitos à identidade, à honra, à reputação e o direito às criações intelectuais. Segundo Miranda (1998, p. 58-59) define, pois:

Os direitos da personalidade são posições jurídicas fundamentais do homem que ele tem pelo simples fato de nascer e viver; são aspectos imediatos da exigência de integração do homem; são condições essenciais ao seu ser e devir; revelam o conteúdo necessário da personalidade; são emanções da personalidade humana; são direitos de exigir de outrem o respeito da própria personalidade; têm por objeto, não algo de exterior ao sujeito, mas modos de ser físicos e morais da pessoa ou bens da personalidade física, moral e jurídica ou manifestações parcelares da personalidade humana.

Constitucionalmente, todos podemos exercer o direito de expor nossa personalidade e de mostrar quem realmente somos sem nos angustiar. No entanto, pelo fato de a imagem do professor ainda ser pouco valorizada, mas muito cobrada pela sociedade, o professor enfrenta dificuldades para exercer esses direitos, o que, não obstante, prejudica a sua vida pessoal e profissional.

O direito à liberdade de pensamento e de expressão estão estabelecidos dentro da Constituição Federal Brasileira de 1988. Por isso, seria incerto acusar um professor incapaz profissionalmente devido uma imagem sua ou um comentário nas mídias sociais. Sua carreira não deveria ser prejudicada devido a um texto que ele publicou sobre um assunto que não seja da área da educação. Todos podemos falar e escrever sobre o que nos convém, sem que nossa profissão esteja ameaçada, de acordo com a Constituição.

Ainda dentro da Constituição, é possível encontrar o artigo que define o direito à liberdade de expressão, dentro do Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo I – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos. É apresentado no Art.5º, a saber: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” Dentre os 78 fundamentos do artigo, destacam-se os que são fundamentais para esse trabalho, por refletirem diretamente o objeto de pesquisa, IV, que consta a livre manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato, IX, por defender a livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença e X, devido a defesa contra a violação da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação. Todos asseguram a manifestação livre de pensamento e expressão de pensamentos ao cidadão brasileiro, direitos os quais o professor é impossibilitado à exercer, devido à constante vigilância e pressão sobre sua profissão.

3.1.2 Privacidade na Internet

Após realizar uma análise da privacidade de um ponto de vista mais abrangente e legal, faz-se necessário um novo estudo desse direito no contexto da sociedade da informação, caracterizada pelo avanço tecnológico e pela supervalorização da informação (VIEIRA, 2007). “Sociedade da informação” foi discorrido por Vieira (2007, p. 176-177) como “uma nova forma de organização social, política e econômica que recorre ao intensivo uso da tecnologia da informação”³³. O que caracteriza ainda mais essa sociedade é o incrível avanço da comunicação por causa da Internet e o fato de a informação ser a principal matéria-prima para o desenvolvimento econômico e cultural da sociedade. É possível a transmissão rápida de notícias e a alta interatividade entre usuários, que procuram incessantemente mais conhecimento.

³³ Entende-se por tecnologia da informação a microeletrônica, a computação (software e hardware), as telecomunicações, a engenharia genética e todos os processos tecnológicos interligados por uma interface e linguagens comuns, na qual a informação é gerada, armazenada recuperada, processada e transmitida. (VIEIRA, 2007, p.177)

Tendo em vista essa velocidade acelerada presente no ciberespaço, deve-se ter uma precaução com o que pode ser exposto ou não acerca da intimidade, pois uma vez que a informação é compartilhada na Internet não é incomum o usuário perder o controle sobre ela. Precaução esta que deve ser de conhecimento do professor ao decidir compartilhar na Internet algum fato pessoal ou imagem, já que outros usuários terão acesso à informação publicada e poderão, caso queiram, compartilhar com terceiros usuários, de modo que o autor da mensagem não possui total controle ou conhecimento por quem ela será acessada.

Por isso, a privacidade nunca esteve em uma posição de alto risco como ela se encontra atualmente. No Brasil, ainda não há uma doutrina jurídica que ofereça respostas quanto à privacidade na sociedade da informação. O processo para formulação de leis ainda é muito lento, o que prejudica visitantes à rede que sofreram algum tipo de invasão de privacidade ou tiveram seus dados confiscados por terceiros ou empresas.

A fácil acessibilidade, o vasto compartilhamento de informações e a falta de leis específicas levantam questionamentos acerca da violação e da perda da privacidade. As leis vigentes na Constituição Federal aplicáveis no mundo real não funcionam paralelamente ao mundo cibernético. Uma informação ou até mesmo uma imagem publicada por qualquer pessoa pode ser espalhada em velocidade quase que imediata, sem que o autor original saiba, sequer, por onde ou por quem essa informação foi acessada. A propagação pode alcançar proporções inimagináveis, se comparada aos demais meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio.

Com a Internet, um novo contexto foi estabelecido no qual a questão da privacidade deverá ser repensada, visto que ela é um meio de comunicação de massa com ferramentas que facilitam a divulgação de informações, como os correios eletrônicos e redes sociais, sendo elas fatos privados ou não, por se tratar de uma rede mundial. Além da revelação de fatos particulares dentro da rede, a Internet facilita a coleta de informações de computadores que estejam interligados, capaz de um usuário invadir um sistema para coletar dados dos proprietários ou para vigiar seu comportamento.

Alguns impactos psicológicos podem surgir devido à alta vigilância, ao controle e ao monitoramento que existem dentro do ambiente em que vivemos, seja no virtual ou no real. A cultura na qual se está imerso é cultivada a partir do medo coletivo e da insegurança. Vive-se com medo de experienciar uma situação desconhecida ou de perigo e, para isso, câmeras de vigilância são instaladas constantemente em espaços públicos, a fim de monitorar e controlar

a falta de segurança, e essas câmeras passaram a fazer parte da forma de viver das sociedades mais avançadas (LEMOS, 2010). A constante insegurança fez surgir a ideia de um “sujeito inseguro”, definição proposta por Rosello, professora da Universidade de Amsterdã, durante uma palestra sobre o tema “A Cultura da Insegurança”, em 2008. Rosello (*apud* LEMOS, 2010) propôs que o cidadão está preso entre dois medos: o medo de quem é vigiado, sendo essa uma perspectiva que ela chama de direita, e o medo de quem nos vigiam, perspectiva que ela chama de esquerda (LEMOS, 2010, p.66). Segundo Rosello, o sujeito quer lutar contra as câmeras instaladas a favor de sua privacidade e liberdade individual, porém, em oposição, ele quer se sentir assegurado e observado, dando a sensação de segurança. As câmeras criam uma sensação de insegurança no indivíduo, independente ou não da resolução da criminalidade, pela simples reflexão de que “algo aconteceu aqui” ou que “algo pode acontecer aqui”, ou seja, a pessoa acredita estar em um local instável, onde podem acontecer episódios de criminalidade, por exemplo (LEMOS, 2010). É gerada uma angústia, aumentando o medo e a paranóia, sendo esta a essência do “sujeito inseguro”, uma pessoa vulnerável, que aceita a insegurança ilusória.

Em contrapartida, dentro do ambiente *online*, ferramentas de vigilância não precisam ser, necessariamente, invisíveis. A maioria dos usuários de mídias sociais expõem sua intimidade por espontânea vontade. Cria-se a cultura da auto-exposição na *web*. Para se sentirem digitalmente incluídas na sociedade da informação, algumas pessoas se destacam de maneira imprudente, a fim de serem localizadas em buscadores que direcionam à revelação de seu perfil encontradas na Internet. Como exemplo, alguns jovens se expõem nas mídias sociais exageradamente, às vezes, para alcançarem uma visibilidade maior dentro da rede e se tornarem reconhecidas pelos usuários, visando também impactar, de alguma maneira, a sua vida real. A Internet pode facilitar a violação de privacidade de terceiros, assim como induzir o usuário à exposição inconsciente exagerada (VIEIRA, 2007). Isso porque, nas palavras de Júnior: “a tecnologia acoberta, estimula e facilita o devassamento da vida privada; [...] as pessoas condicionadas pelos meios de divulgação da era tecnológica [...] sentem-se compelidas a renunciar à própria intimidade” (JÚNIOR *apud* VIEIRA, 2007). Isso mostra que não há mais a inibição da privacidade, mas a falta de conhecimento e dos impactos que podem surgir a partir dessa exposição.

Além da auto-exposição, do monitoramento a partir do IP e da reprodução rápida de bancos de dados *online*, os *cookies* são mais uma ameaça à privacidade dentro do

ciberespaço³⁴. *Cookies* são rastreadores que coletam informações dentro da Internet e operam, normalmente, sem o consentimento ou conhecimento da pessoa. Há duas maneiras de rastreamento, uma que ocorre diretamente do computador pessoal, cada passo que o indivíduo dá, ou seja, cada *site*, *blog* ou mídia social que ele visita. A outra maneira acontece quando se coletam dados do visitante, cujo destino é o banco de dados exclusivo do prestador de serviço. A pessoa recebe um número da Internet que identifica seu computador e a sua conexão dentro da rede e então são registrados através dos *cookies* qual o navegador utilizado, o período de conexão, páginas acessadas e outras informações. Depois, esses dados são cruzados com outras informações pessoais, tais como número de telefone, endereço residencial ou comercial e número do cartão de crédito. É daí que surgem correspondências, telefonemas e endereços eletrônicos de organizações com os quais o usuário nunca teve contato anteriormente.

Discussões sobre invasão de privacidade a partir de *cookies* e coleta de dados sem autorização do usuário fizeram com que vários países mudassem sua política de privacidade. Em vários lugares do mundo, como na União Europeia, essa questão atingiu níveis parlamentares. No Parlamento Europeu e no Conselho da Europa, há disposições legais nas quais os usuários podem escolher se querem instalar ou recusar os *cookies* ou outro dispositivo semelhante em seu computador pessoal, o que permite ao usuário a preservação de sua privacidade dentro da Internet. Em 1995, também definida pelo Parlamento e Conselho Europeu, foi formulada a Diretiva 95/45/CE que protege as pessoas no que diz respeito ao tratamento e à circulação de seus dados.

3.2 Legislação brasileira na Internet

A legislação brasileira, para o uso específico da Internet, encontra-se ainda em princípio de desenvolvimento. Mas pode-se perceber um avanço no âmbito legal considerável em relação aos anos anteriores, principalmente partir do ano de 1995, o qual foi marcado pelo início da oferta comercial da Internet no país.

De acordo com uma pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil, realizada anualmente desde 2005 pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br), foi revelado que não houve apenas o crescimento da população com acesso a

³⁴IP é um número de registro que identifica cada computador se ligado à rede.

computadores e à Internet, mas, também, o crescimento nas habilidades do uso da mesma. É possível observar que, entre 2005 e 2009, o percentual de pessoas que declararam serem capazes de utilizarem a Internet aumentou consideravelmente, de 18% para 28%, enquanto o percentual de pessoas capazes de usarem um mecanismo de busca na Internet também mostrou crescimento constante, passando de 27% para 45%.

Tendo em vista o crescimento de acessos à Internet e de usuários cada vez mais capacitados, a falta de uma legislação de origem brasileira no que se refere à privacidade online não poderia continuar. Por isso, foi desenvolvida pela Fundação Carlos Alberto Vanzolini, formada por engenheiros da Universidade de São Paulo (USP), a Norma de Referência da Privacidade Online (NRPOL), em junho de 2000. A NRPOL é uma ferramenta de auto-regulamentação que representa os procedimentos nacionais e internacionais de proteção à privacidade. Funciona como referência para organizações e usuários contendo boas práticas para a preservação da privacidade. Ela tem como objetivo proteger dados e informações pessoais de usuários que são compartilhadas na Internet, além de guiar empresas a tratar essas informações de maneira uniforme. Qualquer usuário, como o professor de ensino médio que queira saber como preservar sua privacidade dentro do ciberespaço, pode acessar a NRPOL e instruir-se adequadamente para fazer parte da Internet de maneira que se consiga preservar sua privacidade. Caso uma empresa adote os procedimentos contidos na Norma, ela obtém o Selo de Privacidade Online. Esse Selo indica que o *website* foi certificado, ou seja, que trata de maneira adequada as informações de seus usuários e identifica que a empresa é confiável perante à comunidade cibernética brasileira. A NRPOL serve apenas como referência e não possui força tal como uma lei sancionada, e encontra-se disponível na Internet gratuitamente³⁵.

Recentemente, foram aprovadas duas leis relacionadas aos crimes cibernéticos que foram aplicadas dentro da Internet brasileira: a Lei Azeredo e a Lei Carolina Dieckmann. O projeto de Lei nº 84 de 1999, conhecido como “Lei Azeredo”, que foi uma proposta do Deputado Eduardo Azeredo (PSDB-MG), se restringe a roubo de senhas de bancos e prevê multa e prisão de um até cinco anos. Segundo as informações da Safernet Brasil (2012), as quais estão disponibilizadas no *site* da Câmara dos Deputados, diante um aumento de 40% de denúncias de crimes na Internet que envolvam divulgação de fotos, vídeos e textos proibidos pelas leis brasileiras em relação ao mesmo período de 2011, foi criada a segunda proposta, sugerida pelo Deputado Paulo Teixeira (PT-SP), que alterou o Código Penal Brasileiro ao

³⁵ Link do *site* para *download*: <http://www.privacidade-vanzolini.org.br/>. Acesso em: 15 nov. 2012.

incluir tópicos sobre violação de equipamentos e sistemas – conectados ou não à Internet – com intenção de destruir dados ou informações ou instalar programas que permitam a invasão de equipamentos de informática. O projeto atua apenas em casos menos graves, como “invasão de dispositivos informáticos”, e pode levar de três meses a um ano de prisão e multa. Já casos mais graves, como violação de equipamentos para obter senhas bancárias, clonagem de cartões podem render de três meses até dois anos de prisão, com multa. É considerado grave divulgar, comercializar ou transmitir o conteúdo obtido a partir de uma invasão de máquinas de terceiros. A proposta leva o nome da atriz Carolina Dieckmann, que após ter seu computador pessoal invadido, teve suas fotos íntimas roubadas e divulgadas em *blogs*, *sites* e mídias sociais.

Um outro passo na legislação brasileira é a criação do Marco Civil da Internet (Projeto de Lei nº 2.126, 2011), proposto pelo deputado petista Alessandro Molon, do Rio de Janeiro.

Trata o referido texto dos princípios que devem nortear o uso da rede mundial Internet no Brasil, dos fundamentos e critérios para sua regulamentação e dos direitos e obrigações de seus usuários e dos agentes que concorrem para a oferta de serviços na rede. Em vista da amplitude de suas disposições e da importância de que estas se revestem, a proposição foi objeto de ampla discussão na sociedade, tendo recebido o epíteto de Marco Civil da Internet. (BRASIL. PROJETO DE LEI Nº 2.126, 2011)

Dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2009, mostram que existem cerca de sessenta e oito milhões de internautas, com uma taxa de crescimento de mais de um milhão a cada três meses. Diante desse crescimento exacerbado, a Secretaria de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça, e o Centro de Tecnologia e Sociedade da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, desenvolveram o Marco Civil a fim de construir, de forma colaborativa, um anteprojeto de lei. O projeto funciona como uma espécie de “Constituição da Internet”, que visa estabelecer princípios, garantias, direitos e deveres na utilização da rede no Brasil. Ele é composto por cinco capítulos, são eles: Disposições Preliminares, Direitos e Garantias do Usuário, Provisão de Conexão e de Aplicações de Internet, Atuação do Poder Público e Disposições Finais. O segundo capítulo, que é o de maior interesse para essa pesquisa, discorre sobre os direitos e garantias do internauta, cujo acesso à Internet é reconhecido como um direito essencial ao exercício da cidadania. Ainda nesse capítulo, são mostrados direitos específicos, tais como inviolabilidade e o sigilo das comunicações pela Internet e a não suspensão da conexão. O terceiro capítulo aborda questões como tráfego de dados, guarda de registro de conexão à Internet, responsabilidade por danos decorrentes de conteúdos gerados por terceiros, dentre

outros. Tais ações visam preservar a liberdade de expressão dentro da *Web 2.0*, caracterizada pela ampla produção de conteúdo pelos próprios usuários da rede.

O Marco Civil deveria ter sido aprovado no dia 13 de novembro de 2012 na Câmara dos Deputados, mas foi novamente adiado devido ao surgimento de novas dúvidas, preocupações e resistências dos parlamentares, sendo sua possível aprovação no ano de 2013. Se o Marco for aprovado, o Brasil será um dos poucos países do mundo a estabelecer neutralidade da rede como regra, ponto de discórdia devido à procura das provedoras por deputados para impedir que o projeto seja aprovado³⁶.

A Subseção I, que trata da Guarda de Registros de Conexão, também inserida no documento, responsabiliza o administrador do sistema a manter informações e registros em segredo por, no máximo, um ano em local sigiloso e seguro. Só poderão guardar número de IP, data e horas inicial e final de conexão. Ele implica também que a guarda desses registros deve ser de forma anônima e que a disponibilização desses dados só poderá ser feita mediante ordem judicial.

A proposta de instituir o Marco Civil da Internet tem como escopo estabelecer direitos e deveres no ambiente cibernético para usuários e provedores, que antes não existiam. Essa nova “Constituição” mudará a postura e o comportamento entre os internautas e penalizará os que usarem a rede com má fé, e os prejudicados agora terão um documento ao qual poderão recorrer caso sofram algum prejuízo ou dano dentro da Internet. Com a aprovação do Marco Civil, os professores poderão exigir seus direitos caso ocorra algum comportamento de má fé por um aluno. Por exemplo, caso um estudante publique uma foto na Internet que possa denegrir a imagem profissional no docente, o mesmo poderá recorrer à justiça para reivindicar seus direitos dentro do ciberespaço.

³⁶ A neutralidade da rede pretende garantir a inexistência de privilégios na transmissão dos dados, independentemente de conteúdo, origem e destino, serviço, terminal ou aplicativo é um princípio que segue em aprovação.

4 EDUCAÇÃO

No tópico seguinte será apresentado um panorama sobre a educação básica brasileira para se ter conhecimento das verdadeiras dificuldades e desafios vivenciados pelo professor de ensino médio no Brasil. Serão mostradas, visando aprimorar o entendimento sobre o tema, leis e projetos idealizados pelo governo federal, os quais implicaram mudanças no sistema educacional vigente; assim como diversas incumbências destinadas ao professor e à escola, as quais, muitas vezes, não fazem parte das obrigações e deveres que devem ser prestadas à sociedade.

4.1 A educação e o professor de ensino médio no Brasil

O número de alunos matriculados no ensino básico, constituído pela educação infantil, ensino fundamental e o ensino médio por estudantes de quatro a dezessete anos, está em crescimento no país, sendo a escola uma instituição que é frequentada pela maioria da população brasileira da determinada faixa etária (COSTA; OLIVEIRA, 2011, p.728). Em 2010, o número de crianças matriculadas na educação básica no país foi de mais de 51 milhões, distribuídos entre os níveis que compõem a educação básica (BRASIL, 2010).

As políticas públicas e sociais no Brasil tiveram como objetivo, nas últimas duas décadas, a busca da equidade social, a partir da universalização do ensino fundamental e, mais recentemente, com a ampliação do acesso ao ensino médio e à educação infantil. A criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) demonstrou intenções de ampliação financeira na educação, o que há alguns anos não existia. O Fundo financia todas as etapas da educação básica e reserva recursos para os programas direcionados a jovens e adultos. Porém, ainda existem desequilíbrios na distribuição de verba destinada às escolas públicas por todo o país, já que alguns estados sofrem com o pouco investimento por parte de seus municípios, o que prejudica o desenvolvimento da infra-estrutura da escola, de seus funcionários e alunos (BRASIL, 2010).

No ano de 1996 ocorreu a maior reforma na educação brasileira. Foi sancionada a Lei nº 9.394/96, conhecida por Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), disponível no *site* da Presidência da República, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que se encontram no Título II, Art.3º, onde são mostrados onze princípios

base para proporcionar um ensino de qualidade no país, são eles:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV - Respeito à liberdade e apreço à tolerância; V - Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; VI - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII - Valorização do profissional da educação escolar; VIII - Gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; IX - Garantia de padrão de qualidade; X - Valorização da experiência extra-escolar; XI - Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. (BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, nº 9.394, 1996)

O inciso VII, que implica a valorização do profissional da educação escolar, diz respeito ao objeto de pesquisa desse trabalho. Consta na Lei, que o professor deve ser valorizado por meio de boas condições de trabalho e de uma remuneração adequada por seus serviços prestados. Valorizar também significa investir no corpo docente, oferecendo cursos, seminários e reconhecer aquele que obtiver o melhor desempenho dentro da escola onde trabalha.

Ainda dentro da Lei 9.394/96, especificamente no seu terceiro capítulo, que diz respeito ao ensino básico brasileiro, é possível encontrar a Seção IV, que determina os deveres e metas que devem ser alcançadas pelos educandos, durante a sua última etapa do ensino básico. Essa lista de fundamentos é importante para que haja uma educação de qualidade a partir de controles e cobranças da sociedade às instituições de ensino, visto que toda a população possui um papel fundamental no desenvolvimento da educação durante essa fase da vida do adolescente e do jovem-adulto. É dever da instituição de ensino comprometer-se a cumprir todas as metas destinadas a ela, e a investir nos seus alunos e corpo docente.

Além de importar-se mais com seus professores, a escola possui, perante a mesma Lei, especificamente no Art.12, que se encontra no *site* da Presidência da República, incumbências para com a sociedade e seus alunos, como pode-se perceber a partir dos incisos a seguir:

I - Elaborar e executar sua proposta pedagógica; II - Administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros; III - Assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas; IV - Velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente; V - Prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento; VI - Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; VII - Informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola; (Redação dada pela Lei nº 12.013, de 2009). (BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA

EDUCAÇÃO NACIONAL, nº 9.394, 1996)

É sabido que muitas escolas pelo Brasil não possuem *know-how*, estrutura física ou profissionais capacitados o suficiente para construir um ensino que se adeque a todos os incisos estabelecidos na Lei. É papel do governo, e também da sociedade, como dos pais e dos próprios alunos que estudam em escolas menos favorecidas, acreditar mais nas instituições de ensino e ajudar da maneira que puder, seja com material escolar ou na reforma de cadeiras e mesas, para que não haja desmotivação por parte dos professores, da escola e, principalmente, dos educandos.

Em 2001, foi sancionada a Lei nº 10.172, responsável por aprovar o Plano Nacional de Educação (PNE), o qual consiste em dez diretrizes objetivas e vinte metas que devem ser seguidas pelo Distrito Federal, pelos demais Estados e por municípios. A sociedade é incentivada a monitorar e a cobrar cada uma das metas previstas, como é citado no Art.3º, mas é responsabilidade do governo exigir o que consta na Lei. A universalização e a ampliação do acesso em todos os níveis educacionais são metas mencionadas ao longo do corpo da Lei, bem como o incentivo à formação inicial e continuada de professores e profissionais da educação em geral, com avaliações e acompanhamentos periódicos e individualizados de todos os envolvidos na educação no país, que são os professores, alunos, gestores e demais profissionais da educação (MEC, 2011).

Ainda sobre educação básica, constava na Constituição Federal até 2009, a obrigatoriedade restrita ao ensino fundamental, assegurando a sua oferta gratuita para os que não tiveram acesso a ela na idade indicada, e contemplava o atendimento ao educando por meio de programas suplementares somente para aquele que estava cursando o ensino fundamental, não incluindo os demais ensinos, como o ensino médio. Sendo assim, para abranger as demais etapas que formam o ensino básico, foi implementada a Emenda Constitucional nº 59, que alterou os incisos I e VII do artigo 208, inserindo, a partir de então, a obrigatoriedade do ensino básico para crianças e jovens dos quatro aos dezessete anos de idade, o que representa uma importante medida legal na educação brasileira, e o atendimento ao educando em todas as etapas do ensino básico, envolvendo, assim, o ensino médio. Compreende-se que houve, até o ano de 2009, uma negligência por parte do governo federal em relação ao ensino médio e os educandos dessa etapa, prejudicando-os devido à falta de uma legislação que os envolva, enquanto o ensino fundamental gozava unicamente de tais direitos. Com a publicação da Emenda, ficou claro que o ensino básico, como um todo, é de extrema importância para formar cidadãos conscientes e demonstra que o estudante pode

usufruir de programas suplementares, como de material didático, transporte, alimentação e assistência à saúde, durante toda a sua vida acadêmica até a universidade.

Apesar de a Emenda trazer diversas melhorias consideráveis para a educação pública, a mesma não se encontra em concordância com a realidade brasileira em que se vive. Investir em educação não significa apenas tornar a escola gratuita, sem assegurar a chegada do aluno à escola, em segurança, em um veículo para tal finalidade, por exemplo. Deve-se ter em mente, que o estudante deve ser incentivado, a todo o momento, a fim de fazê-lo querer ter uma vida acadêmica, mostrar a ele que a escola pode mudar o seu futuro, evitando, assim, evasões dos estudantes, além de serem alimentados adequadamente dentro da escola e poder contar com profissionais da saúde em prontidão, caso algo aconteça enquanto estuda. Apesar de o inciso VII citar programas de suplementação para material escolar e demais obstáculos, sabemos que, na realidade, a ajuda é escassa, pois a quantidade de matriculados é alarmante e o governo não atende essa demanda, causando evasões de estudantes por falta desses apoios. Por isso, aumentar a quantidade de vagas dentro das escolas talvez não seja uma solução que traga melhorias para a educação. Contudo, conseguir inserir muitas crianças dentro da escola vai fazer uma grande diferença no futuro delas, devido o conhecimento científico e prático que elas vão adquirir sobre diversas disciplinas.

Sendo assim, decorrente da democratização da educação e da grande quantidade de alunos matriculados, novas escolas foram construídas e intensifica-se a carga horária para atender essa quantidade de estudantes. As escolas, principalmente as públicas, encontram-se em um cenário com novas demandas e desafios. Mas a situação delas varia de acordo com sua posição geográfica, de acordo com a situação financeira de seu estado ou município, fazendo existir uma desigualdade nessa realidade, como foi dito anteriormente. De acordo com os analistas, percebe-se que houve, por parte do governo, uma mistura de justiça social com princípios de eficácia, o que pode ter gerado um efeito um tanto contraditório ao democratizar o acesso à escola, gerando uma massificação do ensino (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA *apud* COSTA; OLIVEIRA, 2011 p.728).

Devido o aumento do número dessas escolas, houve, como consequência, um crescimento considerável na procura por docentes contratados temporariamente, em condições precárias no setor público, representando uma significativa economia para os cofres dos estados e municípios, já que os mesmos não possuem garantias trabalhistas e previdenciárias, recebendo salários menores e sem estabilidade, muitas vezes com relações informais de trabalho, com menos direitos e garantias sociais (OLIVEIRA, 2008). Perante a desigualdade financeira que existe na educação do país, essa ampliação impacta diretamente o

salário, as condições de trabalho e as funções/tarefas do professor. A quantidade de docentes que trabalha além da sua função de professor aumentou enormemente, caracterizando essa categoria como “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES; ALVES, *apud* COSTA; OLIVEIRA, 2011 p.729). Ou seja, é uma categoria de profissionais que é obrigada a vender uma força de trabalho que supera o seu cargo efetivo de educador para sobreviver.

Mesmo com o aumento da quantidade de matriculados em relação aos anos anteriores, a educação brasileira ainda tem muito o que crescer. As escolas municipais e as estaduais atingem o maior número de matrículas, em relação às demais. As redes municipais de ensino apresentaram cerca de 23 milhões e 700 mil matrículas em 2010, passando um pouco da rede estadual, a qual apresentou cerca de 20 milhões. Já a rede federal, alcançou cerca de 235 mil matrículas em suas escolas técnicas. Em 2010, foram matriculados cerca de 43 milhões e 800 mil alunos nas escolas públicas municipais e estaduais brasileiras de educação básica (BRASIL, 2010). O aumento na quantidade de alunos matriculados demonstra um crescimento considerável do interesse por parte dos jovens em adquirir uma educação básica oferecida pelo governo, o que pode trazer futuras melhorias para o desenvolvimento do país e, principalmente, dos cidadãos, podendo usufruir de uma base educacional para progredir profissionalmente.

O ensino médio, especificamente, possui aproximadamente 8 milhões e 300 mil matrículas em diferentes dependências administrativas (Federal, Municipal, Privada e Estadual). Evidencia-se um acréscimo de aproximadamente 20 mil matrículas em relação aos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), anteriormente de 8 milhões e 300 mil alunos matriculados, em 2009. É um acréscimo humilde, mas aponta a possibilidade de trazer para as escolas de ensino médio os jovens que estão fora delas (BRASIL, 2010).

O crescimento na quantidade de matrículas na rede estadual de ensino, responsável por concentrar a maior quantidade de matriculados das dependências administrativas, foi cerca de 2 milhões e 500 mil, em 1991, para 7 milhões e 200 mil, em 2010. O mesmo não acontece na rede privada de ensino que, em 1991, apresentava cerca de 1 milhão e passou a ter aproximadamente 987 mil, também em 2010 (BRASIL, 2010).

Diante desse quadro sobre a educação no país, surgem diversos problemas administrativos e sociais. Há dois deles presentes nas escolas públicas brasileiras que se destacam dos demais, quais sejam: as taxas altas de reprovação e de evasão por parte dos alunos na última etapa do ensino básico. Muitos deles já atingiram a maioridade e precisam conciliar a agenda escolar com as obrigações do trabalho, exigindo demais desses alunos.

Infelizmente, são poucos os que conseguem manter a motivação para estudar e se manter no emprego, sem contar os elementos estruturais da escola que desmotivam os estudantes, como pode-se interpretar a partir de dados que revelam como os elementos estruturais das escolas estão inadequados, como a ausência de quadra de esportes, biblioteca, laboratório de informática e de ciências, acesso à Internet e vias adequadas a todos os alunos (INEP, 2010). Isso apenas evidencia como a deficiência na estrutura de ensino influencia diretamente a vontade do aluno em estudar. A ausência de laboratórios de ciências, por exemplo, é constatada em 51,7% das escolas da última etapa da educação básica, que, além de afetar diretamente o ânimo do aluno, o professor também é impactado pela falta de estruturas. A aula deveria ser ministrada em um ambiente agradável, capaz de oferecer a seus alunos instrumentos para melhorar o ensino e a compreensão e seja um local que estimule a permanência deles na escola (BRASIL, 2010).

O estímulo para ir a aula pode diminuir, assim como a vontade de se tornar um educador. A dura realidade vivida pelo docente, pode assustar e inibir o desejo de jovens a se tornarem um. O baixo salário, os múltiplos empregos e a alta exigência sobre o professor torna a profissão pouco tentadora. A maioria dos jovens do ensino médio que realizaram o ENEM em 2007, não querem se tornar educadores, eles buscam profissões com maior reconhecimento financeiro, de acordo com a tabela abaixo (BRASIL, 2010):

Tabela II – Alunos do Ensino médio e o desejo de tornar-se professor/2007

Quer ser professor	Não quer ser professor
5,2%	94,8%

Fonte: MEC/INEP/DIREED (2009d)

Devido à popularização da educação e da grande quantidade de escolas que foram abertas por todo o país, o aumento do número de professores foi esperado. Houve, a partir de então, uma necessidade por um corpo docente mais qualificado em nível superior. Mesmo assim, o número de professores que não possui ensino superior na área que leciona é demasiado alto. O Brasil possui aproximadamente 18 mil professores não licenciados nas áreas que educam dentro do ensino médio. Ainda somado a quase 40 mil, que possuem somente o ensino médio completo e os 361 que completaram apenas o ensino fundamental (BRASIL, 2009c).

Algumas disciplinas encontram-se em situação de emergência pela falta de professores com diploma superior na área de atuação, como Física, Matemática, Química e Biologia. Essa

carência de professores qualificados pode ser consequência da reforma educacional que ocorreu nos anos 1990, devido à ampliação do acesso à educação básica, que foi citada anteriormente. A ausência de professores pode estar relacionada às grandes demandas que eles possuem dentro e fora da sala de aula, como cumprimento de obrigações em prazos insuficientes, necessidade de estar em constante atualização, realização e envolvimento em diversas atividades não remuneradas, reuniões em horários fora do expediente e em finais de semana e trabalhos e pesquisas pessoais (REIS, 2006 *apud* COSTA; OLIVEIRA, 2011). Sem mencionar a remuneração inadequada, o número excessivo de turnos de trabalho, a grande quantidade de alunos e de turmas, que são de responsabilidade do professor da última etapa do ensino básico.

Apesar de empregar o Piso Nacional Salarial, pela Lei nº 11.738/08, a situação da remuneração precária do professor pode comprometer o nível da educação de qualidade para todos. O Art.2º da Lei, infere que:

O piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica será de R\$ 950,00 (novecentos e cinquenta reais) mensais, para a formação em nível médio, na modalidade Normal, prevista no art. 62 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. (BRASIL. Lei nº11.738, 2008)

Para uma pessoa que dedica seu conhecimento e empenho à educação pública, mesmo levando em consideração o déficit do ensino superior completo, a remuneração é pouco satisfatória.

Em 2008, o ensino médio sofreu algumas alterações ao aplicar um novo currículo e um novo modelo pedagógico, aliados à expansão de matrículas na última etapa do ensino básico. Naquele ano, o Ministério da Educação (MEC) junto à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, apresentaram um estudo sobre a reestruturação e a expansão do ensino médio no Brasil. Tal estudo mostrou alguns desafios da universalização dessa etapa e apontou a necessidade de uma política que atendesse às diversidades dos estudantes de ensino médio. Além dos desafios citados, o texto mostrou modelos de ensino médio, o Programa “Ensino Médio Nacional”, dados do ensino médio no Brasil e elementos e pressupostos para uma política de ensino médio. No documento, afirma-se, ainda, que a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornece-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 2008). A instituição de ensino deve, pois, oferecer uma educação básica que sirva de apoio às demais etapas educacionais do aluno,

como exemplo, base para o ensino superior, que exige muito mais do educando em relação a conhecimentos gerais e específicos que deveriam ter sido absorvidos no primeiro e no segundo graus da escola, o que, infelizmente, não é tão comum na realidade brasileira.

Porém, mesmo com diversas dificuldades, os brasileiros demonstram acreditar no desenvolvimento da educação no Brasil. É o que mostra uma pesquisa realizada pelo IBOPE em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e com o movimento Todos Pela Educação, que ouviu a população sobre a educação pública (IBOPE, 2009)³⁷. Para 41% dos entrevistados, a educação básica foi considerada ótima ou boa, já 35% afirmaram que consideram-na regular e 24% acreditam que ela é ruim ou péssima. De uma maneira geral, 60% acreditam que a qualidade do ensino público está cada vez melhor, 23% afirmam que permanece igual e 15% não acreditam em melhora.

De acordo com os dados dessa pesquisa, a educação básica agrada a maioria dos brasileiros, mas, em contrapartida, as maiores preocupações da população sobre a educação estão relacionadas à falta de segurança e a presença de drogas nas escolas, com aproximadamente 50%, empatado com a preocupação com o corpo docente mal pago e desmotivado, com 48%. Em segundo lugar, com uma taxa de 33% dos entrevistados, está a atenção com a baixa qualidade do ensino ou com a dificuldade que os alunos têm em aprender o conteúdo, empatando com professores desqualificados/despreparados, com 32%, enquanto a preocupação com o número insuficiente de professores encontra-se com 29% (IBOPE, 2009).

A mesma pesquisa do IBOPE ainda averiguou quais seriam os principais motivos que motivariam os professores a exercerem sua profissão no ensino básico e público no Brasil. O salário foi citado por 46% dos entrevistados, enquanto 23% dizem que a principal motivação é ver os alunos aprendendo a disciplina. Bons materiais e recursos didáticos surgem com 7%, infra-estrutura aparece, também, com apenas 7%, enquanto 5% apontam a equipe da instituição de ensino e 4% valorizam o trabalho da Secretaria de Educação (IBOPE, 2009). Pode-se notar que o professor valoriza, em primeiro lugar, o salário que é destinado à carreira, colocando a satisfação em ver seus alunos aprendendo o conteúdo bem abaixo da realização salarial. Aparentemente, o que está em falta na educação básica no país, são professores melhor remunerados e mais comprometidos com o ensino, que sentem prazer no que fazem e que sintam orgulho dos alunos que aprendem o conteúdo de sua disciplina.

³⁷ Todos Pela Educação é um movimento da sociedade civil brasileira, fundado em 2006, que tem a missão de contribuir, até 2022, para que todas as crianças e jovens exerçam o direito à Educação Básica de qualidade.

Deve-se ter consciência de que a responsabilidade do professor não se limita apenas à sala de aula, ou que sua profissão é exercida somente no horário fixo do expediente. As exigências sobre a figura do docente aumentaram drasticamente, ainda mais com o surgimento das Tecnologias de Informação e da Comunicação (TICS), potencializando a capacidade de comunicação diretamente com o discente a partir do uso da tecnologia, como a Internet. Como a maioria das escolas não gozam de estruturas e investimentos adequados, o professor às vezes se encontra obrigado a abraçar certas responsabilidades para si, o que transforma completamente a sua rotina pessoal e de trabalho, deixando-o exausto com tamanha carga horária e obrigações que deveriam ser do governo ou, até mesmo, dos pais dos alunos, que podem estar pouco presentes na vida acadêmica de seu filho.

A educação vive uma fase preocupante em relação a seus professores: mesmo com as mudanças que ocorreram a fim de melhorar a educação no país, faltam professores para lecionar nas escolas públicas brasileiras, sobretudo no ensino médio (BRASIL, 2007a). Para tentar sanar o prejuízo, o governo apostou na ampliação de vagas para cursos de licenciatura de formação inicial, mas, aparentemente, não estão de acordo com a situação vigente, pois a falta de professores qualificados ainda é uma realidade e aumentar a quantidade de vagas para licenciatura não torna, necessariamente, a profissão mais atraente ou diminui a carência de professores na educação básica (DOURADO; OLIVEIRA, 2008 *apud* COSTA; OLIVEIRA, 2011, p.731). Em resposta à ampliação da educação citada, os professores de ensino médio se encontram em uma posição delicada, na qual sua responsabilidade supera as relacionadas somente à sala de aula (OLIVEIRA, 2006). Agora, fazem parte do repertório do docente funções de psicólogo, assistente social, agente público, enfermeiro, dentre outras, a fim de suprir a falta de demais profissionais de outras áreas dentro das escolas (OLIVEIRA, 2004).

Um fator recente, que evidencia o atraso educacional brasileiro, é o resultado de uma pesquisa, realizada em novembro de 2012, pela Pearson, empresa britânica que fabrica e comercializa sistemas de aprendizado, de caráter global, a fim de criar um índice de qualidade de educação de diversos países. Esse indicador, conhecido por Índice Global de Habilidades Cognitivas e Realizações Educacionais, foi realizado com base em três testes: o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, Tendências em Estudo Internacional de Matemática e Ciência e o Progresso no Estudo Internacional de Alfabetização. Com essas avaliações, foi possível compreender o conhecimento dos alunos sobre matemática, leitura e ciências durante o ensino fundamental (1º ao 9º ano). Em uma amostra de 39 países e a região de Hong Kong, o Brasil ficou na penúltima colocação, ganhando apenas da Indonésia. Além de testes específicos de disciplinas, foram consideradas a qualidade dos professores e

outros fatores. O estudo atenta-se para os diferentes sistemas educacionais de cada país, inclusive dentre os primeiros colocados, que foram a Finlândia e a Coreia do Sul. A pesquisa afirmou que comparar os sistemas educacionais de ambos os países pode ser difícil, já que o último é frequentemente caracterizado como rígido e de intensa carga de provas e avaliações, enquanto o finlandês é mais tranquilo e flexível. Além de ambos se desenvolverem por meio de professores altamente qualificados.

A partir de uma interpretação do teste, o que nos falta, aparentemente, são professores mais qualificados, ricos em conteúdo e reconhecidos por seu serviço. Países vizinhos que se encontram em uma situação econômica mais delicada em relação à do Brasil ou que vivem momentos de crises internas, como a Argentina, possuem uma posição mais elevada no *ranking* global de educação. A aceitação com a quantidade de escolas e alunos matriculados não pode gerar um conforto em relação à situação atual da nossa educação. O professor é uma parte fundamental desse processo e precisa de apoio para lecionar com qualidade aos seus alunos, com reconhecimento tanto financeiro como profissional.

Em contrapartida, a educação básica particular do Distrito Federal se encaixa em um cenário diferente do resto do país, devido à sua elevada colocação nos exames nacionais que nivelam a qualidade do ensino, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). De acordo com o Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (SINEPE/DF), fundado com o objetivo de organizar, representar e fortalecer as escolas e faculdades particulares do Distrito Federal, os colégios de Brasília que ocupam as primeiras colocações no ENEM são particulares e possuem uma mensalidade muito acima em relação a várias escolas do Plano Piloto e do resto do Brasil. Isso ocorre devido ao fato do grande investimento em laboratórios, bibliotecas e em tecnologia pela administração da instituição, assim como a contratação de professores bem qualificados e a formação de turmas menores, a fim de melhorar a absorção do conteúdo pelos estudantes.

Em um artigo publicado no *site* do Sindicato, afirma-se que os alunos de professores que utilizam métodos diferenciados para fixação da matéria da disciplina obtêm um conhecimento mais aprofundado sobre o tema, elevando, conseqüentemente, a colocação da escola nos exames. As dez primeiras colocadas no *ranking* da Capital Federal investem bastante na estrutura física da escola, nos laboratórios e na união entre a teoria e a prática, oferecendo também aos alunos plantões de dúvidas, atividades extracurriculares e aulas de reforço em horários distintos às aulas regulares, o que facilita a participação dos alunos interessados.

Para alguns estudantes de escolas privadas de Brasília, um fator decisivo para adesão é

o corpo docente que compõe a instituição. Uma estudante do colégio Sigma, 4º colocado no *ranking*, comentou no mesmo artigo do Sindicato que os professores são o maior diferencial da escola. Ela defende a postura do docente que sabe lidar com os alunos, incentivando e cobrando na medida certa, assim como aquele docente capaz de elaborar uma prova coesa.

De acordo com o Luis Claudio Megiorin, presidente da Aspa (Associação de Pais e Alunos das Instituições de Ensino do Distrito Federal), é possível perceber que escolas com filiais não se encontram em posições elevadas nos *rankings*, mas sim as escolas menores, que prezam pela qualidade do ensino e por turmas reduzidas, que as difere das escolas públicas do país.

Escolas que investem em estrutura física, como quadras, salas de aula, mesas e cadeiras, tecnologia, em seu corpo docente e em laboratórios e bibliotecas, normalmente possuem uma mensalidade elevada, restringindo o acesso para poucos brasileiros. Porém, uma pesquisa realizada em 2010 pelo MEC apontou um crescimento de alunos matriculados no ensino básico particular. O Censo Escolar de 2010 apontou 51,5 milhões de estudantes matriculados na educação básica no setor público e no privado no Brasil. Desse total, 14,6% estudam na rede particular, o equivalente a 7,5 milhões de estudantes.

A educação particular encontra-se em uma situação menos preocupante que a rede pública, mas não significa que as exigências devem ser menores nessas instituições. Para se alcançar uma educação básica de qualidade é preciso um trabalho constante no qual o governo, a escola, o professor e as famílias devem caminhar e superar juntos os obstáculos. O professor deve reconhecer seu papel de educador perante seus alunos, assim como os pais devem permanecer presentes na vida acadêmica de seus filhos, que devem merecer respaldo constante da instituição onde eles estão matriculados. Assim, a educação do nosso país poderá, um dia, caminhar para excelência.

5 ANÁLISE

No presente capítulo foi realizada uma análise aprofundada, a qual foi extremamente importante para se compreender a presença e a comunicação do jovem dentro das mídias sociais, assim como as finalidades da Internet para esse público. Em seguida, foram analisadas a comunicação e a presença do professor de ensino médio visando entender como sua visibilidade dentro das mídias sociais pode gerar impactos positivos e negativos na sua vida profissional e pessoal.

5.1 Análise do aluno nas mídias sociais

Desde o surgimento da Internet e, de modo especial, das redes sociais, emergiram novos suportes para a sociabilidade nos quais as pessoas passaram a trocar experiências de maneira inovadora, diferente das tradicionais, que eram espacialmente limitadas (CASTELLS, 2001). Diante desse cenário, a localização geográfica não tem sido um impeditivo para estabelecer uma comunicação eficaz, pois a comunicação entre as pessoas foi facilitada devido ao grande universo dos computadores ligados à rede. Apesar da Internet ser uma facilitadora para conhecer novos contatos ao redor do mundo, a maioria das pessoas, de acordo com Castells (2001), busca socializar com as quais possuem mais afinidade e interesses comuns, não considerando extremamente importante a sua localização geográfica, já que as redes substituíram, de maneira simbólica, os lugares como suportes da sociabilidade nos bairros e nas cidades. A comunicação territorialmente definida não desapareceu do convívio da sociedade, mas tem desempenhado um pequeno papel, quando comparada às novas mídias, na estruturação de relações sociais para a maioria da população em sociedades mais desenvolvidas (FISCHER *apud* CASTELLS, 2001).

É fato que as redes sociais potencializaram a capacidade de o indivíduo se socializar. O cenário virtual permite estabelecer contatos e trocas de informações e experiências com outras pessoas de diversas partes do mundo, sem que o fator geográfico seja decisivo para estabelecer uma sociabilidade com pessoas, sejam elas conhecidas ou não. Mesmo considerando que a maioria dos laços mantidos entre as pessoas no ambiente virtual são fracos, como defendeu Castells (2001), os quais são considerados temporários e que raramente constroem relações duradouras, devido à constante variação de interesses das pessoas dentro do ambiente *online*, não significa que não são importantes, pois tais laços são fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação e de entretenimento, os

quais, não obstante, independem de proximidade espacial e precisam ser mediados por algum meio de comunicação (CASTELLS, 2001).

De acordo com a Pew Internet (2000), a Internet possui um papel fundamental e eficaz para a manutenção dos laços fracos, os quais poderiam desaparecer, caso dependessem prioritariamente de um esforço considerável do indivíduo. Além de manter os laços fracos por meio da Internet, criam-se novos tipos de relações frágeis, como as comunidades que são constituídas com um interesse específico, como, por exemplo, as destinadas ao público idoso, criadas com o intuito de ajudar pessoas da melhor idade em momentos de solidão, fornecendo apoio emocional e pessoal. Porém, como os laços são temporários e frágeis, quando se cansam de um determinado assunto, os usuários tendem a buscar novidades na rede, migrando para outras conexões e temas. Tais características são comuns nas pessoas que navegam na Internet, mas fazem-se ainda mais presentes, principalmente, no universo jovem e em suas relações sociais, já que elas estão, praticamente a todo momento, criando novas amizades e rompendo aquelas que não as interessam mais³⁸. A própria linguagem dos relacionamentos sociais foi transformada por esses usuários; atualmente, as pessoas constroem perfis, optam por torná-los públicos ou privados, comentam e curtem perfis de “melhores amigos” e adicionam outros contatos em seu círculo de amizades no Facebook. É como se o seu perfil *online* gerenciasse a sua própria identidade, seu estilo de vida e suas relações sociais (LIVINGSTONE, 2012).

Há jovens que costumam produzir o conteúdo que desejam ver na Internet, e acabam se expondo demais ao criar e compartilhar vídeos e fotos para poderem interagir, tanto na esfera local quanto na global, com seus contatos virtuais. Pessoas que são de gerações anteriores, como os pais e alguns professores, se preocupam com a presença do adolescente dentro do ambiente *online*, por acreditarem que os mesmos não são capazes de distinguir um amigo de uma nova amizade fictícia criada na Internet, problema que realmente acontece devido à falta de maturidade de grande parte do público.

Outro fator que pode agravar a ansiedade de pais e professores é a falta de noção de privacidade dos adolescentes ao se exporem nas mídias sociais. É uma geração que não percebe os limites e as consequências que advirão da auto-exposição, que não possui nenhum ou pouco senso de privacidade, apesar de reconhecer a sua importância. Pensar que um adolescente pode acessar *sites*, a qualquer momento, que estimulem inclusive o *cyberbullying*,

³⁸ As palavras “jovem” e “adolescente” são consideradas sinônimas dentro do contexto da presente pesquisa.

por exemplo, pode levar um pai a proibir ou restringir drasticamente o uso da Internet, a impor limitações de horários de navegação e/ou vigiar os passos dados pelo jovem enquanto ele está na Internet, a partir de programas de computadores que possibilitam tal detalhamento, infringindo a privacidade do mesmo.

Livingstone (2012) aponta que uma parte considerável dos jovens cria seu círculo de amizades *online* com contatos já conhecidos anteriormente, preexistentes nos ambientes de estudo ou de trabalho, mas também existem aqueles contatos novos, que foram constituídos dentro da Internet, os quais consistem a maior preocupação dos pais dos usuários. Embora a *web* proporcione laços com pessoas desconhecidas que possam estar em qualquer parte do mundo, os adolescentes se interessam em pessoas mais próximas, que já fizeram parte de alguma fase de sua vida, já os usuários estranhos ou pessoas consideradas distantes não despertam tanto a sua atenção. Nesse sentido, por se tratar de uma pessoa conhecida, o professor de um adolescente, por exemplo, tende a ser considerado uma pessoa conhecida, que faz parte de seu cotidiano acadêmico, de modo que o adolescente pode não ter a maturidade necessária para distinguir com eficácia um amigo íntimo de seu professor dentro do ambiente *online*, fator que pode acarretar impactos na vida pessoal do aluno, assim como na do professor.

Para compreender como se dá a comunicação de um jovem dentro das mídias sociais, deve-se entender as *affordances* desses *sites* e as práticas realizadas pelos adolescentes no ambiente em questão, que sofrem constantes mudanças em decorrência do desenvolvimento da criança, que passa da fase da infância para a da juventude (JAMES; JENKS; PROUT, 1998 *apud* LIVINGSTONE, 2012)³⁹. Em suma, as tensões do uso das mídias sociais pelas crianças frequentemente se originam nas mudanças do posicionamento da infância para da juventude em relação aos pais, escola e comunidade (LIVINGSTONE, 2002).

Os adolescentes da atualidade estão permanecendo mais jovens, como se estivessem vivendo uma “juventude prolongada”, mantendo-se dependentes de seus pais ou responsáveis principalmente nos âmbitos educacional e econômico. Em contrapartida, são prematuramente independentes nas questões sexuais, de lazer e de consumo (GADLIN *apud* LIVINGSTONE, 2012). O ambiente cibernético, por ser considerado um espaço destinado ao público jovem, é propício para expor essa fase da adolescência, já que a maioria deles quer ser vista por seus pares e estar longe da vigilância dos adultos dentro de casa. A Internet é encarada pelos adolescentes como um espaço que dá a oportunidade, relativamente segura, de conduzir a

³⁹ *Affordances* são as configurações do ambiente *online* que moldam o engajamento dos participantes.

tarefa social de ser jovem, construindo, experimentando e apresentando diversas facetas a fim de moldar um *self* em um contexto social (BUCHNER; BOIS-REYMOND; KRUGER, 1995; GIDDENS, 1991)⁴⁰.

De acordo com Livingstone e Helsper (2007), algumas atividades *online* aparentemente são correlacionadas pelos pais e professores às atividades arriscadas, muitas vezes despercebidas pelos jovens. O que pode parecer arriscado para um usuário adulto pode ser, muitas vezes, a oportunidade que o adolescente almeja para se mostrar. São poucos os professores que vêem as redes sociais como um lugar para expor suas informações e experiências pessoais sem refletir sobre as consequências e os impactos que sua vida pessoal e profissional poderão vir a sofrer a partir dessa visibilidade, atitude praticamente inexistente por seus alunos adolescentes, os quais são considerados imaturos e, possivelmente, podem não perceber os prováveis riscos gerados a partir de uma exposição. Essa relação entre risco e oportunidade é uma característica que faz parte da adolescência, não sendo uma exclusividade dos usuários da Internet. O adolescente procura desenvolver a sua confiança em uma identidade que seja autônoma e valorizada socialmente, o que acontece em uma relação de tensão com o julgamento crítico e a confiança, a integridade interna e a aceitação das expectativas da sociedade (ERIKSON *apud* LIVINGSTONE, 2012). Sendo assim, o jovem precisa fazer julgamentos muitas vezes difíceis para a sua idade, tanto no ambiente *online* quanto no *offline* – saber em quem confiar, o que deve expor sobre si mesmo, quando expressar emoções, etc. Muitas vezes, ele acaba por expor sua intimidade de maneira exagerada, tais como fatos do seu cotidiano ou demais acontecimentos os quais ele julgue interessantes, o que não raro pode ocasionar alguns problemas, como ser perseguido por algum pedófilo na rede, por exemplo.

Livingstone (2012), professora de Psicologia Social do Departamento de Mídia e Comunicações da Escola de Economia e Ciência Política de Londres, realizou, em 2007, uma pesquisa aprofundada sobre o uso da Internet com dezesseis jovens londrinos, de treze a dezesseis anos de idade, que tivessem acesso à Internet em suas residências e perfis em algumas redes sociais, como o Facebook, cujos acessos se davam pelo menos uma vez por semana. Na pesquisa, constatou-se que os perfis dos jovens nas mídias sociais sofrem alterações de acordo com a faixa etária e com o seus pares. A representação do *self* apresenta variações consideráveis, principalmente quando há perfis em redes sociais distintas, como por exemplo, na rede social *MySpace*, onde os jovens podem alterar o plano de fundo, as barras

⁴⁰ *Self* significa, em português, “eu”. Tradução nossa.

de rolamento e adicionar uma música que combine com o perfil⁴¹. Muitas meninas colocam brilho, borboletas e encham o visual de sua página pessoal na cor rosa, elementos que fazem parte de sua personalidade, por acreditarem que os *layouts* realmente mostram quem elas são, de acordo com o sentimento de cada dia. Quando elas compartilham que estão tristes nas redes sociais, seus amigos publicam frases de consolo e apoio, que são fundamentais para elas se sentirem importantes. A Internet é, pois, utilizada pelos jovens como um diário íntimo, onde são compartilhadas experiências e desabaços da sua vida cotidiana com a finalidade de serem percebidos por seus amigos (SIBILIA, 2008).

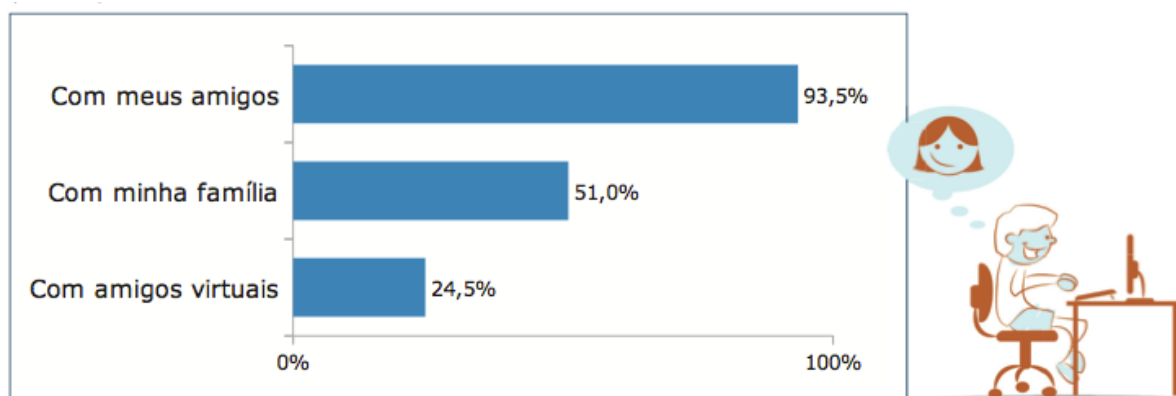
Porém, não se deve presumir que todas as informações contidas no perfil do jovem dentro da rede social contemplam sua verdadeira personalidade. Alguns jovens entrevistados por Livingstone demonstraram total ciência de que alguns perfis podem ser simples fachadas, fator irrelevante para os jovens, pois o importante para eles é que estejam presentes nas redes de seus pares. Há também aqueles adolescentes que usam a rede social para criar um ambiente descontraído, para resguardar sua identidade, fazendo perfis falsos de caráter humorístico com informações inverídicas, como data de nascimento e cidade onde mora, como por exemplo, um entrevistado colocou como idade 36 anos, casado e residente na África. Pode-se dizer que, para muitos jovens, a rede social não é um local para expor informações ou para trocar experiências, mas um lugar divertido onde é possível criar um personagem com o qual ele se identifica, de alguma maneira, com a sua personalidade. Portanto, na realidade, as redes sociais não são repletas de pessoas narcisistas que só conseguem falar de “mim, mim, mim”, mas falam de um “mim” no sentido de revelarem um *self* embutido dentro dos grupos de pares, que é uma representação, não o “eu” particular mais conhecido pela pessoa (LIVINGSTONE, 2012).

Mesmo em estágio de amadurecimento, os jovens de treze a dezesseis anos, faixa etária a qual engloba tanto o ensino fundamental quanto o médio, são conscientes das diferenças existentes entre os demais alunos que se encontram um ano abaixo ou acima na escola, fator indicador de mudanças na identidade e, conseqüentemente, das mídias sociais, que funcionam como marcadores de maturidade. Enquanto jovens mais novos personalizam o seu perfil com cores, músicas e firulas no *MySpace*, jovens de mais idade costumam migrar para o Facebook, o qual é considerado, por eles, uma rede destinada à adultos, de aparência mais simples, onde não costumam fornecer informações muito detalhadas sobre si, como

⁴¹ *MySpace* é um serviço de rede social que utiliza a Internet para comunicação *online* através de uma rede interativa de fotos, *blogs* e perfis de usuário.

visão política e religião. Ao invés de publicarem conteúdos nas redes sociais que falem de si, fotos com amigos e contatos em momentos de socialização no ambiente *offline* são privilegiados pelos jovens usuários, os quais parecem possuir uma maior noção de privacidade que os mais novos. De acordo com Livingstone (2012), os adolescentes buscam adicionar como amigos no Facebook pessoas já conhecidas anteriormente, como pode-se concluir a partir do gráfico I abaixo, retirado de uma pesquisa realizada pela Telefônica (2012).

Gráfico I – Na sala de bate-papo ou no *Messenger* com quem você costuma conversar? (É possível mais de uma resposta. Público: Jovens)



Fonte: Telefônica, 2012.

Criar personalidades e relações sociais *online* são atividades comuns entre os jovens, mas, quando se trata de privacidade, a ciência sobre o assunto ainda é escassa, pois, na maioria das vezes, falta conhecimento sobre a ferramenta do *site* que os impede de resguardar seus perfis e suas informações pessoais. Alguns jovens aparentam saber o que devem compartilhar ou não na rede mundial de computadores, como se houvesse um filtro em relação aos assuntos que eles queiram que os seus contatos saibam, atitude característica dessa geração (LIVINGSTONE, 2006). Os adolescentes se importam mais com as informações que o outro vai receber do que com sua privacidade propriamente dita. Apesar de existir uma leve valorização de sua privacidade, eles estão prontos para revelar informações pessoais, a fim de manter a intimidade, pois acreditam possuir o controle de suas divulgações (BARNES; DWYER *apud* LIVINGSTONE, 2012).

No entanto, há dois fatores que podem dificultar o controle das informações cedidas pelos jovens, que são a noção superficial de amigo e a classificação social binária de algumas

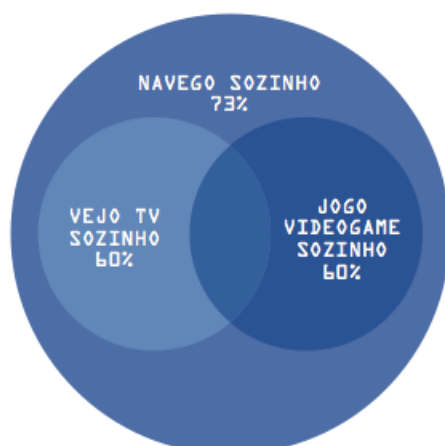
redes sociais, que só possuem classificações para amigo e desconhecido. Na maioria dos casos, um adolescente imaturo não consegue distinguir, perante uma gama extensa de contatos, quais são seus amigos verdadeiros daqueles que ele viu somente uma vez na vida. Mesmo que o perfil seja configurado como privado, os adolescentes não se importam em classificar todos os contatos como amigos, passando a ser visível a estranhos também. Esses jovens querem compartilhar experiências, criar espaços de intimidade, ser eles mesmos nas conexões com os amigos, não se preocupando com o público (LIVINGSTONE, 2012). Porém, evitam que algumas pessoas conhecidas tenham acesso às informações compartilhadas, que são, na maioria das vezes, os próprios pais. O espaço pode ser público para os seus amigos e contatos pouco conhecidos, mas para os pais deve ser privado.

Ainda sobre o comportamento do público jovem nas mídias sociais, em 2008, realizaram uma pesquisa sobre a relação de crianças e jovens da América Latina e Espanha, com idades entre seis e dezoito anos, a propósito do uso das chamadas “telas digitais”, que são a Internet, a televisão, o celular e os *games* pela Universidade de Navarra, na Espanha, em parceria com a Fundação Telefônica. A pesquisa foi aplicada em escolas da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, México, Peru e Venezuela e seus dados resultaram em materiais para pais e professores. Aqui, no Brasil, a pesquisa resultou no Caderno do Embaixador (2008), material de apoio com orientações para o Professor Embaixador, o qual é responsável por multiplicar as ações de formação sobre o uso seguro das “telas digitais” em sua comunidade escolar⁴².

A Geração Interativa, nomenclatura presente na pesquisa mencionada, é composta por crianças e adolescentes que possuem acesso às tecnologias, buscando, a partir de experiências, satisfazer dois aspectos que são considerados essenciais na fase infanto-juvenil, quais sejam, o lazer e as relações sociais. Essa geração é capaz de utilizar diversas telas digitais ao mesmo tempo, da mesma maneira que se dedica às outras atividades, também concomitantes, como fazer a lição de casa, usar o celular ou escutar música, sendo considerado difícil para eles direcionar o foco somente para uma única atividade. É uma geração caracterizada pela independência virtual, a qual 73% dos estudantes acessam à Internet para fins acadêmicos ou sociais sem o auxílio ou supervisão de um adulto, a qual é independente para assistir televisão e jogar *videogame*, como pode-se concluir a partir do gráfico II abaixo:

⁴² O Caderno também inclui um *CD-ROM* com o livro A Geração Interativa na Ibero-América e recursos audiovisuais para serem utilizados nas atividades de formação e mobilização.

Gráfico II – Uso solitário das telas.



Uso solitário das telas: comparativo América Latina – Brasil (10 – 18 anos)

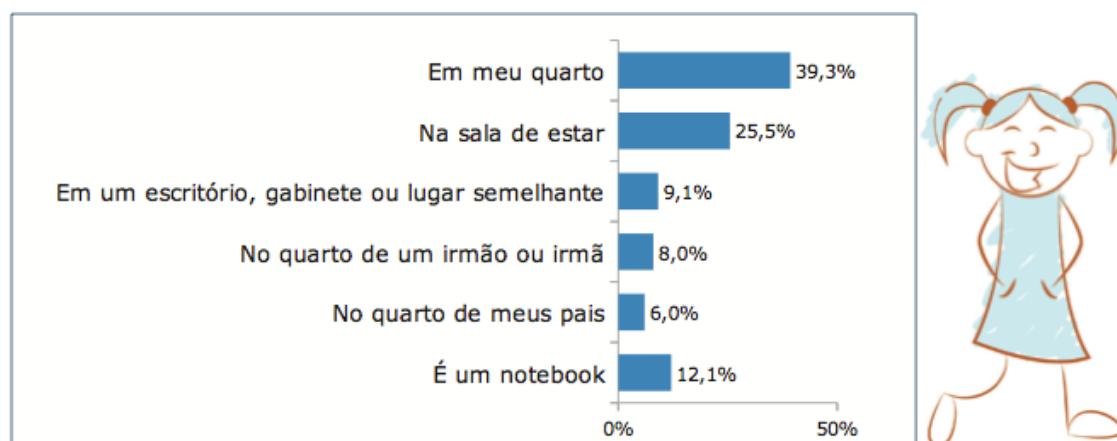
Fonte: Caderno do Embaixador, 2009.

No Brasil, aproximadamente 81% dos jovens navegam sozinhos pelo ciberespaço, o que mostra a predominância de usuários relativamente imaturos na Internet sem o acompanhamento de um adulto ou supervisor. Ainda na pesquisa, constatou-se que 30% da Geração Interativa aprende a utilizar a Internet dentro da escola, e cerca de 19% citam o professor como a pessoa que o ensinou a navegar. Tais informações demonstram a importância do professor na fase de inclusão digital dos jovens no ciberespaço e aponta mais uma grande responsabilidade imposta à figura do docente.

No ano de 2012, a Telefônica em parceria com o IBOPE, com a Escola do Futuro e com a Universidade de São Paulo (USP) e, tomando como base as primeiras pesquisas realizadas com a Universidade de Navarra em 2008, investiram em uma segunda análise mais aprofundada a respeito do comportamento dos jovens brasileiros diante das telas, especificando ainda mais a Geração Interativa. Tal pesquisa foi de grande importância para fundamentar e complementar a análise da presente pesquisa, devido os seus dados atuais a propósito do público estudado puderam ser, aqui, examinados para melhor compreensão sobre o tema. É fundamental estudar o perfil de uso da Internet pelo público jovem para compreender como o ciberespaço é utilizado por eles, como é a sua postura dentro das mídias sociais e o que eles procuram dentro desse ambiente digital para, a partir desses estudos, realizar um parâmetro entre essas condutas e a vigilância que ocorre sobre o perfil do professor de ensino médio, o qual é considerado pelos adolescentes como amigo dentro das redes sociais.

O universo pesquisado pela Telefônica (2012), compreendeu crianças e jovens brasileiros entre seis e dezoito anos matriculados em escolas do ensino público e privado de todos os estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal. A pesquisa apontou que a maioria dos jovens possui computador dentro de casa, o que facilita o acesso do adolescente nos momentos em que os pais ou responsáveis não se encontram. Outro fator que aumenta a quantidade de acessos por esse público é a localização do computador dentro da residência, onde, em 39,3% dos casos, como pode-se analisar a partir do gráfico III, se encontra dentro do quarto do adolescente, impedindo aos pais o conhecimento com precisão a respeito de quantidade de horas e os dias que o filho acessa à Internet (Telefônica, 2012). Isso confirma a grande quantidade de jovens que navegam sozinhos por diversos *sites* que, muitas vezes, podem não ser adequados para a sua idade.

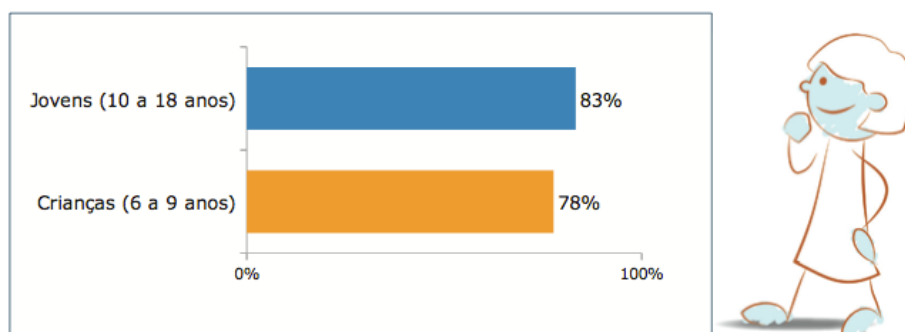
Gráfico III – Onde fica o computador que você mais costuma usar na sua casa? (Público: Jovens)



Fonte: Telefônica, 2012.

Nem todos os jovens que confirmaram possuir computador dentro de casa alegam ter acesso à Internet, sendo que apenas 16,7% afirmam ter acesso à Internet em suas residências, como mostra o gráfico IV abaixo.

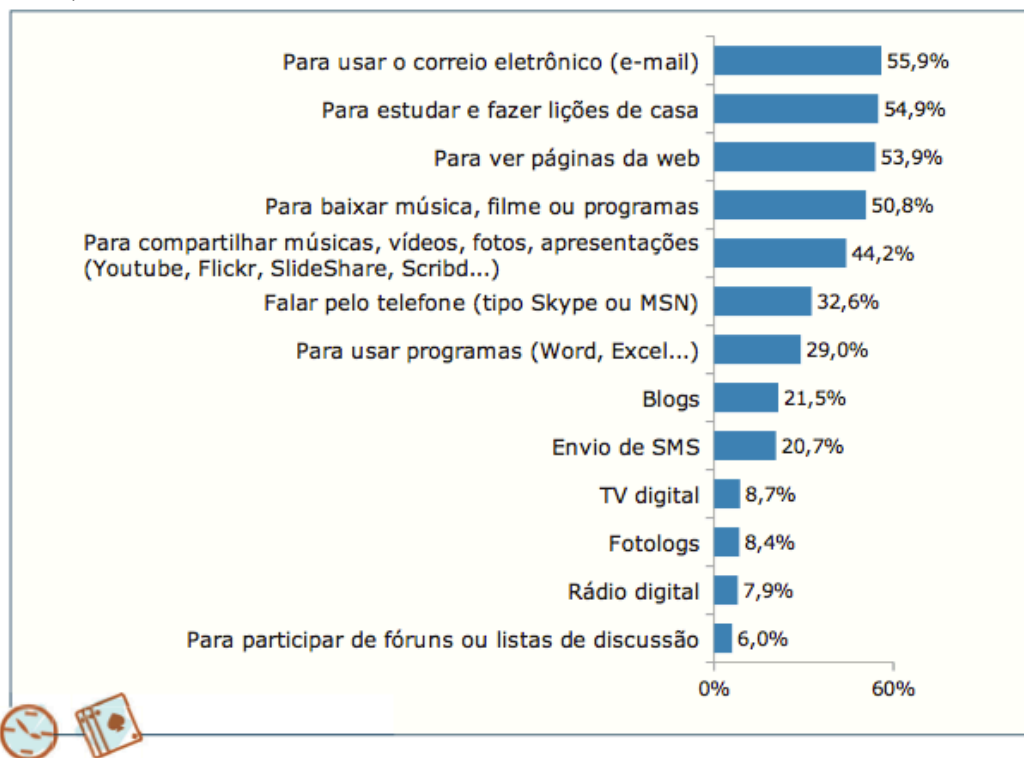
Gráfico IV – Você tem Internet em casa? (Comparativo entre crianças e jovens)



Fonte: Telefônica, 2012.

Conhecendo a taxa de adolescentes que possuem acesso à Internet, quais seriam as finalidades desse público em relação ao uso da Internet? Os jovens utilizam a *web* para diversos interesses, os quais foram divididos em blocos de importância, definidos pela Telefônica (2012). No primeiro bloco, os principais interesses declarados pelos jovens de ambos os sexos pesquisados, foram os seguintes: o correio eletrônico, com 55,9%; para estudar e fazer lições de casa, com 54,9%; para ver páginas na Internet, com 53,9% , e para baixar músicas, filmes ou programas, com 50,8%. No segundo grupo de importância, destacaram-se as atividades relacionadas para compartilhar música, vídeos, fotos e apresentações, com 44,2%, falar ao telefone utilizando ferramentas do tipo *Skype* ou *MSN*, com 32,6% e utilizar programas como *Word*, *Excel* e outros, com 29%. No terceiro bloco de participação, ações relacionadas a *blogs* e envio de mensagem de texto via telefone celular representaram, respectivamente, 21,5% e 20,7%. Por fim, práticas como assistir televisão digital, ouvir rádio digital, participar de fóruns ou listas de discussão e *photoblogs* foram as de menores índices, como é possível perceber a partir da análise do gráfico abaixo (Telefônica, 2012).

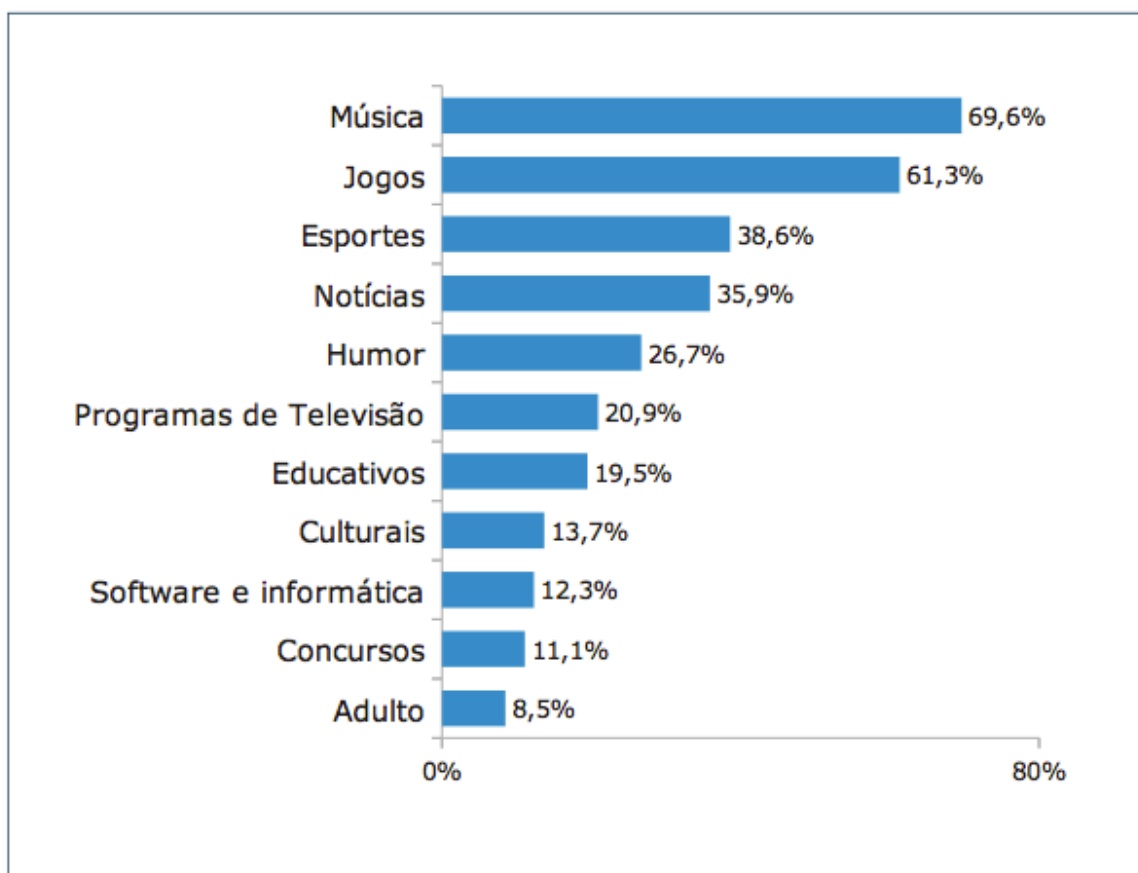
Gráfico V – Para quê você costuma usar a Internet? (Vale mais de uma resposta. Público: Jovens)



Fonte: Telefônica, 2012.

Diante desse cenário, pode-se perceber que uma grande parte dos jovens costuma utilizar a Internet, prioritariamente, para buscar conteúdo, para efetivar uma comunicação e para fins educacionais. Porém, há um fator predominante na navegação dos jovens usuários, qual seja, a busca por entretenimento, que é predominante em relação às demais atividades praticadas pelos adolescentes, como mostra o gráfico abaixo.

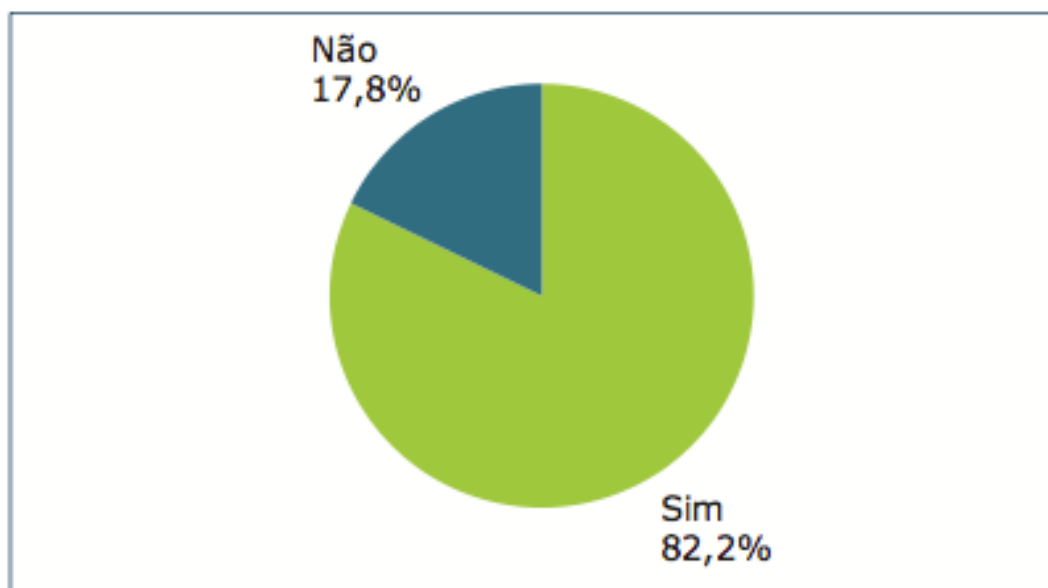
Gráfico VI – Quando navega na *Web*, quais dos seguintes conteúdos você costuma consultar? (É possível mais de uma resposta. Público: Jovens)



Fonte: Telefônica, 2012.

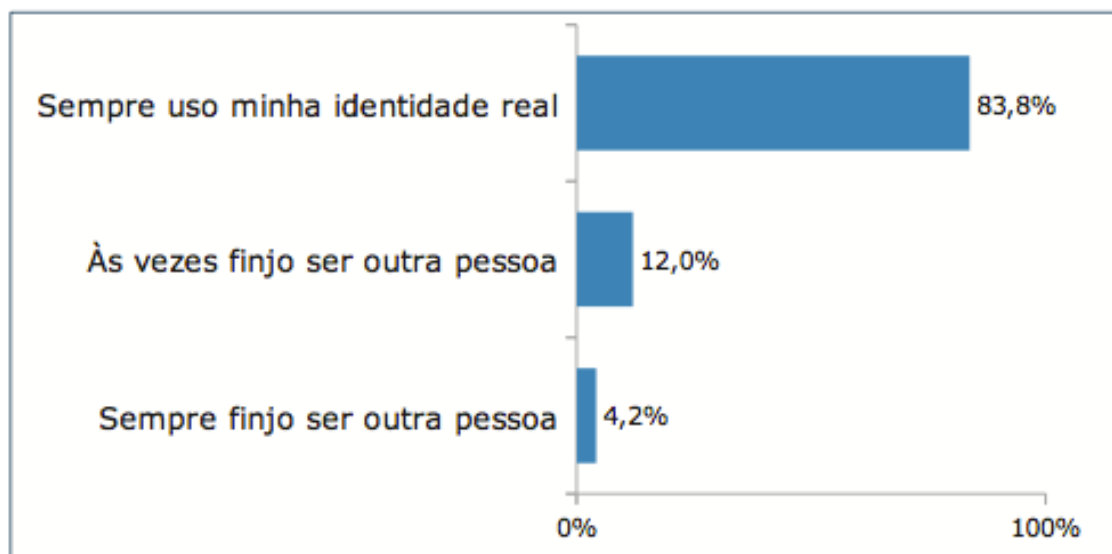
De acordo com o gráfico de conteúdos consultados pelos jovens na Internet, há uma hierarquia de diversos interesses. Em um total de onze variações de conteúdo, o uso do ciberespaço para fins lúdicos e de entretenimento, como a música e os jogos, encontram-se nas primeiras colocações, enquanto o uso da Internet para interesses acadêmicos localiza-se em sétimo lugar. Sendo assim, a Internet pode ser vista pelos jovens como um ambiente repleto de referências lúdicas, de jogos e de humor, assim como fonte para fins educacionais.

Nessa pesquisa, também verificou-se a quantidade de jovens que, atualmente, estão inseridos nas redes sociais. A maioria dos entrevistados, cerca de 82%, declarou que costuma utilizar redes sociais como o *Orkut* e o Facebook, entre outras (Telefônica, 2012).

Gráfico VII – Você costuma utilizar redes sociais (*Orkut*, Facebook etc.)? (Público: Jovens)

Fonte: Telefônica, 2012.

As redes sociais denominadas como preferidas pelo público jovem são o *Orkut*, com 93,5%, o Facebook, com 28,4% e *WindowsLiveSpaces*, com 20,2%. Conclui-se que o Facebook é uma rede social destinada ao público adulto, tanto visualmente, quanto no que diz respeito ao conteúdo, enquanto os jovens ainda mantêm-se conectados à rede social *Orkut*, a qual ocupou a primeira colocação como rede social mais utilizada do Brasil até a disseminação do Facebook, em 2011 (eMarketer 2012). Além da forte presença dos jovens nas redes sociais, a maioria afirmou na pesquisa preferir o uso de identidade real, com 83,8% dos entrevistados, enquanto uma pequena parcela de apenas 12% afirmou fingir, às vezes, ser uma outra pessoa, como pode ser observado no gráfico a seguir. Uma pequena porcentagem de 4,2% dos jovens declararam fingir ser sempre outra pessoa. Vale ressaltar que a pesquisa não revelou uma diferença significativa se é um comportamento predominante do gênero masculino ou feminino.

Gráfico VIII – Na sala de bate-papo ou no *Messenger*... (Público: Jovens)

Fonte: Telefônica, 2012.

5.2 Análise do professor nas mídias sociais

De acordo com os dados e com os gráficos expostos, os jovens não demonstram insegurança ou medo para expor sua identidade real dentro das redes sociais, sendo que poucos fingem ser outra pessoa. Mas como se dá o comportamento dos professores nas redes sociais? Como eles a utilizam? Essas perguntas, as quais foram indagadas na metodologia deste trabalho, ainda instigam a inquietação para essa pesquisa, de modo que a partir do conhecimento do uso da Internet pelos jovens, passou-se a análise dos professores nas redes sociais a partir de duas entrevistas e referências bibliográficas.

Na matéria jornalística intitulada *Caderno de Tecnologia* do jornal diário *Correio Braziliense* (2013), apresenta-se como alguns professores utilizam as redes sociais para abordar, principalmente, assuntos relacionados à disciplina, a fim de melhorar, também, o relacionamento direto com seus alunos. Nessa matéria, mostram-se alguns professores de ensino médio os quais oferecem conteúdos relevantes em seus perfis e páginas no Facebook, para que seus alunos compreendam melhor a disciplina. Com mais interação, essas formas de atuação dos professores fazem sucesso com os estudantes.

Ademais, ainda sobre a matéria, a partir dos resultados de uma pesquisa realizada por Greenhow, pesquisadora da Universidade de Michigan, dos Estados Unidos, notou-se que os alunos os quais possuíam perfis em redes sociais - e os que utilizam-nas para discutir com colegas temas e assuntos relacionados ao que estão estudando e para estreitar laços com os

professores que possuem perfis ativos em tempo praticamente real – eram os mais comprometidos com os estudos e conseguiam notas melhores. A matéria traz como exemplo Marcelo Freire, professor de literatura, gramática e redação em uma escola em Taguatinga, o qual possui uma página no Facebook com mais de 2,5 mil curtidas. Em sua página no Facebook, o professor posta conteúdos direcionados a alunos que vão fazer as provas do ENEM, do PAS ou do vestibular da UnB, com textos, dicas e vídeoaulas gravadas por ele mesmo. O docente acredita que o professor fazer parte da Internet aumenta as chances de seus alunos obterem melhores resultados em provas e lições de casa, pois, como ele citou na matéria: “na sala de aula, falta tempo para solucionar as dúvidas de todos os alunos, ainda mais em turmas grandes, e outros ainda não se manifestam pela timidez. Na Internet eles se sentem mais à vontade, é o ambiente deles”.

Existem aqueles docentes, tais como Marcelo Freire, que utilizam as redes sociais como um canal direto com seus alunos, aproveitando a vantagem da grande maioria deles estarem imersos nesse ambiente, onde o professor pode buscar uma experiência proveitosa profissionalmente, oferecendo aos estudantes um novo meio de aprimorar o conteúdo da disciplina e estreitar laços muitas vezes inexistentes dentro da sala de aula.

5.2.1 Entrevista com os docentes: uma análise sobre a comunicação dentro do Facebook

Para complementar a presente pesquisa e fazer um comparativo à entrevista cedida ao Correio Braziliense pelo professor Freire, uma entrevista com professores do ensino médio de escolas públicas e particulares foi um dos métodos fundamentais para a análise. Porém, em decorrência da greve dos professores no primeiro semestre de 2012, à qual diversas universidades federais do país aderiram, inclusive a Universidade de Brasília, alguns fatores dificultaram o andamento da pesquisa e das entrevistas. Por conseguinte, a divergência dos calendários letivos das universidades em relação ao proposto pelo MEC às escolas públicas e particulares, prejudicou o período estabelecido para os questionários, que seriam aplicados durante o período letivo, mas tiveram de ser postergados, de modo que foram aplicados nas férias dos alunos e dos docentes do ensino médio. Os resultados desse obstáculo foram a baixa quantidade de professores entrevistados – muitos encontravam-se fora de Brasília – e o curto tempo para análises mais aprofundadas. Contudo, o questionário e suas respostas, as quais estão disponíveis no Apêndice A, foram fundamentais para o presente trabalho, no sentido de compreender como se dá a comunicação do professor dentro do Facebook e quais os impactos sofridos em sua carreira.

Nesse sentido, o questionário foi aplicado com duas professoras de ensino médio, sendo uma funcionária de escola pública, e a outra, de escola particular. Para respeitar a identidade das professoras, serão fornecidas somente as iniciais de seus nomes. A professora que leciona na escola pública, denominada M.F, afirmou utilizar seu perfil de maneira pessoal, possui alunos e colegas de trabalho como amigos no Facebook, enquanto L.T, docente da escola particular, disse usar o seu perfil tanto de maneira pessoal quanto profissional e também possui alunos e colegas adicionados na rede social. Porém, as professoras utilizam o Facebook de modos distintos, pois L.T declarou “abrir” o seu perfil em véspera de provas para solucionar dúvidas sobre a matéria, afirmando ter sofrido um impacto muito positivo em sua carreira e no desempenho de seus alunos, devido à intensa participação, à seriedade e à valorização dos jovens por esse espaço, por conta dos limites que ela estabelece dentro de sala de aula. “Não há brincadeiras nesse espaço pois eu estabeleço limites com eles dentro de sala de aula. Na verdade, o Facebook é só um adendo, um anexo”, como ela afirmou. Em contrapartida, a professora da escola pública, M.F, afirmou, durante a entrevista, que sua relação com os alunos é praticamente de igual para igual, diminuindo a hierarquia que existe na escola: dentro de sala, até pela natureza do nosso projeto, somos menos professores que os tradicionais. Só que, dentro do Facebook, eu sou ainda menos professora. Eu quebro mais a hierarquia, converso com eles de igual para igual, mas também não gosto de conversar tanto (informação verbal)⁴³.

No que diz respeito a impactos negativos devido à exposição no Facebook, M.F compartilhou na entrevista que sua pouca idade impactou diretamente sua relação com seus alunos. Por ser uma professora relativamente jovem, idade que pode ser bem próxima de alguns de seus alunos, M.F decidiu ocultar sua data de nascimento no Facebook, para não quebrar nenhuma barreira de respeito, firmando um trato com seus alunos de desvendar sua idade somente no último dia de aula. Essa brincadeira pode ter gerado um desconforto e aguçado a curiosidade dos estudantes, o que fez uma aluna buscar incessantemente por uma data, até conseguir achar alguém que tenha falado com a professora sobre sua idade, como ela contou: “Eles procuraram no Facebook até encontrar alguém que falou a minha idade”. Essa vigilância poderia ter gerado um impacto negativo em relação ao respeito à idade da professora dentro de sala de aula por seus alunos, o que por sorte não ocorreu.

No questionário havia perguntas sobre o comportamento dos professores sobre a vigilância presente no Facebook, tanto por seus alunos, pelos pais dos alunos e pela escola, e

⁴³ Entrevista fornecida por M.F, em Brasília, em janeiro de 2013.

as duas apresentaram respostas diferentes. Por um lado, M.F disse se sentir vigiada o tempo inteiro, principalmente por seus alunos, e acredita não ter o perfil monitorado pela instituição de ensino onde trabalha. Por outro lado, L.T afirmou também se sentir vigiada por seus alunos, o que a faz filtrar o conteúdo pessoal dentro do Facebook, mas, principalmente, pela instituição de ensino na qual trabalha. Ela afirmou que a escola monitora o seu perfil e de outros professores, pois ela disse que já ouviu outros docentes comentarem ter levado “puxões de orelha” da escola por causa do uso do Facebook. A docente contou na entrevista um episódio de furto que aconteceu com ela dentro da escola: teve um caso no colégio que furtaram meu *iPad*. Aí, meus alunos, por debaixo dos panos, fizeram uma campanha para me dar um novo *iPad*, e eles fizeram toda a campanha pelo Facebook. E aí, um dia depois do início da campanha – era por trás das minhas costas, não tinha ideia da existência dessa campanha – o colégio veio falar comigo pedindo para eu não comentar sobre o furto do meu *tablet* no Facebook. Sem entender, perguntei o porque, então eles afirmaram que os alunos estavam comentando muito sobre o assunto no Facebook, e eu fiquei sem entender nada. Foi aí que eu vi que eles realmente monitoram tudo. Foi o único momento em que eu, pessoalmente, me senti monitorada (informação verbal)⁴⁴.

Ainda sobre o monitoramento e vigilância que ocorre com o docente pela escola na qual é funcionário, L.T afirmou que a instituição fornece ao professor uma espécie de cartilha de conduta, “onde estão contidas sugestões e maneiras que o professor deve atuar num ambiente geral, podendo ser levado em consideração nas redes sociais também”, nas palavras da professora. “Não é nada oficial, mas a escola solicita aos coordenadores que os professores tenham um bom comportamento nas redes sociais, para não postarem fotos com bebida” por exemplo, conforme comentou L.T quando perguntada se a escola fornece alguma instrução sobre uma conduta de utilização dos perfis dos professores nas mídias sociais.

A partir das análises dos dados fornecidos pelas pesquisas da Telefônica e da Universidade de Navarra, das informações presentes no Caderno do Embaixador, da matéria do Correio Braziliense sobre o uso do Facebook por alguns professores e das entrevistas realizadas com as professoras, pode-se concluir que os jovens estudantes e seus professores utilizam o Facebook com finalidades bastante distintas. Isso porque a rede social pode ser um espaço para o entretenimento, conteúdo privilegiado pelo público adolescente em relação ao educativo, assim como para fins profissionais e educacionais, finalidades mais utilizadas pelo professor, o qual reconhece seu perfil como um canal de conhecimento, como uma

⁴⁴ Entrevista fornecida por L.T, em Brasília, em janeiro de 2013.

oportunidade para se comunicar com os seus alunos com respeito mútuo de modo a agregar conhecimento extra para os estudantes. O professor parece não observar o Facebook como um espaço livre, onde ele pode expor seus conteúdos íntimos, pois ele é consciente dos possíveis impactos que a sua carreira pode sofrer ao ser exposta à vigilância. Com efeito, a maioria dos professores optam por manter a postura como docente dentro das mídias sociais perante seus alunos e demais contatos da rede.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises bibliográficas realizadas no decorrer da presente pesquisa, é possível concluir que a comunicação sofreu, e ainda sofre, constantes alterações a fim de adequar-se às necessidades da sociedade da informação, a qual precisa se comunicar, a todo momento, a partir do uso de tecnologias digitais, as quais fazem-se muito presentes no nosso cotidiano. O desejo em ser visível e percebido dentro das redes sociais é constante e parece ser insaciável, fazendo com que vários usuários disponibilizem informações pessoais, algumas de caráter íntimo, em um local onde perder o controle sobre uma determinada informação é comum, permitindo o livre acesso à intimidade.

A partir das entrevistas realizadas e pesquisas estudadas no decorrer do trabalho percebeu-se que o professor de ensino médio deve evitar utilizar as redes sociais, em evidência o Facebook, para desabafar fatos e experiências íntimas de seu dia-a-dia, principalmente quando possui alunos, pais de alunos ou colegas de trabalho da instituição onde é funcionário como amigos na rede social. A maioria dos professores não usufruem da mesma liberdade de expressão que os outros usuários possuem dentro da Internet. Antes de publicar informações, fotos, textos, vídeos de sua vida íntima no Facebook, o que é bastante comum e pouco significativo para a maioria dos usuários da rede, o professor deve ao menos considerar os possíveis impactos que essa exposição pode acarretar à sua carreira. Muitas vezes, uma foto ou um desabafo, que pode aparentar ser inofensivo para muitos cibercidadãos da Internet, pode ser mal interpretado ou utilizado de má fé por algum aluno insatisfeito com o docente, por exemplo, ocasionando danos à sua profissão.

A partir das entrevistas com as duas professoras de ensino médio, percebeu-se uma conduta comum entre ambas, a fim de preservarem a privacidade dentro do Facebook. Apesar de não terem sofrido impactos negativos consideráveis na carreira profissional em consequência de sua exposição e não conhecerem algum professor que tenha sido suspenso devido à sua postura na Internet, as docentes mostraram grande cautela em seus perfis pessoais na rede social, sendo os seus alunos a razão principal para evitar a exposição. Pode-se observar que, mesmo diante tamanhas privações de compartilhamento e desabafos dentro do Facebook, ambas as professoras não vêem problema em adicionar alunos na rede social, mesmo tendo que abrir mão de sua verdadeira identidade na Internet, lugar no qual o professor não é obrigado a se comportar de acordo com o contexto da profissão.

Ainda nas entrevistas, a professora L.T, a qual é funcionária de escola particular, confessou se sentir monitorada e vigiada pela instituição de ensino onde trabalha devido à

uma experiência de furto dentro da escola onde trabalha. Essa professora falou de casos de colegas de trabalho que já receberam notificações da escola por uso indevido do Facebook, constatando, mais uma vez, a vigilância sobre o professor. Portanto, uma grande parcela dos professores prefere manter-se em seu devido papel de docente a todo momento, inclusive dentro das redes sociais, evitando, assim, utilizá-las de maneira descontraída, para que sua carreira não sofra impactos negativos.

Porém, fatores interessantes acerca do uso da Internet e das redes sociais pelos professores também podem acarretar impactos positivos para sua carreira e para o desempenho escolar de seus alunos. Pesquisas utilizadas no presente trabalho, assim como as entrevistas realizadas, apontaram que a maioria dos professores que usa o seu perfil pessoal para auxiliar seus alunos com a disciplina, consegue melhorar suas notas e pode, inclusive, criar laços sociais que normalmente seriam inexistentes por diversos motivos, tais como turmas lotadas, falta de tempo para socializar perante o vasto conteúdo da disciplina e a tradicional hierarquia dentro da sala de aula. O professor pode demonstrar interesse em ser amigo dos seus alunos no Facebook, mas ele deve deixar claro que o respeito seja estabelecido e mantido, e deve-se ter a ciência de que sua profissão pode depender do seu comportamento nas redes sociais, assim como uma celebridade, a qual é vigiada constantemente e, caso não seja dada a devida atenção à postura nas redes sociais, impactos irreversíveis em sua vida profissional poderão ocorrer.

Portanto, conclui-se que a sociedade é monitorada e vigiada constantemente, seja no ambiente *online* ou no *offline*, situação muitas vezes aceita pelas pessoas devido à grande tensão em relação à falta de segurança, característica comum nas grandes cidades. Há a preocupação com a privacidade, mas ela parece não possuir a mesma importância e valor que tinha há alguns anos. A maioria das pessoas querem ser vistas e podem abrir mão de sua privacidade para isso, atitude incomum na postura do professor de ensino médio.

O professor valoriza e resguarda a sua privacidade pois sabe os possíveis impactos que a sua carreira pode sofrer em decorrência de sua visibilidade na Internet. Por não haver uma legislação cibernética em vigência no Brasil, cabe somente ao professor saber como disponibilizar suas informações nas redes sociais e como interagir com seus alunos no ciberespaço preservando a sua imagem, a qual é tão cobrada e vigiada pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTONIOLI, Leonardo. **Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php>. Acesso em: 15 nov. 2012.

AQUINO, José. **O aluno, o professor e a escola. Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

ARANHA, Camila da Fonsêca. **Vigiar e Punir – O Panoptismo de Jeremy Bentham**. Seção Direito. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/vigiar-e-punir/57161/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

BAYM, Nancy. **The Emergence of online community em Steve Jones (org.), Cybersociety 2.0: Revisiting Computer Mediated Communication and Community**, p. 35-68. Thousand Oaks, CA: Sage. 1998.

BEZERRA Jr., Benilton. **O caso da interioridade**. In: PLASTINO, C. A. (org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 27 nov. 2012.

BRASIL. Educação: **Ampliando as fronteiras do ensino**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/o-brasil/o-brasil-em-numeros-1/educacao/print>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008.

CALLAI, Helena. **A formação do Profissional de Geografia**. Rio Grande do Sul. 2 ed. Ed. Unijuí, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura Volume 1 - A Sociedade em Rede**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Plenário pode votar marco civil da internet e fim do fator previdenciário**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/430335-PLENARIO-PODE-VOTAR-MARCO-CIVIL-DA-INTERNET-E-FIM-DO-FATOR-PREVIDENCIARIO.html>> . Acesso em 20 nov. 2012.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projetos prevêem punição para quem faz mau uso da internet.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/ULTIMAS-NOTICIAS/417639-PROJETOS-PREVEEM-PUNICAO-PARA-QUEM-FAZ-MAU-USO-DA-INTERNET.html>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO. **TIC kids online 2012.** Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/c-B2h-entrevista.html>>. Acesso em: 6 jan. 2013.

CERVO e BERVIAN, Amado L. E Pedro A. **Metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo: Pearson, 2005.

COELHO, Cecília. **Estudar pelo Twitter?** Pesquisadora norte-americana conclui: alunos que usam o *microblog* são mais comprometidos com as aulas e conseguem notas maiores. No Brasil, as redes sociais fazem parte do aprendizado. *Correio Braziliense*, Brasília, p. 10, 13 jan 2013.

COSTA, Gilvan; OLIVEIRA, Dalila. **Trabalho docente no ensino médio no Brasil.** *Perspectiva*, Florianópolis, v.29, nº2, p. 727-750, jul/dez. 2011.

Declaração Mundial dos Direitos Humanos. Resolução nº 217^A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas. 10 dez. 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acessado em: 14 nov.12

EMARKETER. ***Social Network, Facebook Base in Latin America Smaller than Expected. Reduces forecast driven by decreased estimate of social network user base in Brazil.*** Nova Iorque, 2012. Disponível em: <<http://www.emarketer.com/Article/Social-Network-Facebook-Base-Latin-America-Smaller-than-Expected/1009420>> . Acesso em: 6 jan. 2013.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia.** 3 ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.

FISCHER, Claude. ***To Dwell Among Friends.*** Chicago, IL: University of Chicago Press. 1982.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** 20 ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. Educarede. Disponível em: <<http://educarede.org.br/global/educared/recursos>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

IBOPE. **População brasileira acredita que a qualidade do ensino público está melhorando.** Disponível em: <http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=2.09.00.00.99&id=20&pg=1&ver=por>. Acesso em: 27 nov. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. **Número de brasileiros com acesso à Internet chega a 83,4 milhões de pessoas.** São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/numero-de-brasileiros-com-acesso-a-internet-chega-a-83-milhoes-de-pessoas.aspx>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

JOHNSON, Steve. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar.** Rio de Janeiro: Ed.Zahar, 2001

JUNIOR, Paulo José da Costa. **O Direito de Estar Só: a tutela penal do direito à intimidade.** 4ªed. Ed. RT, 2007.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura.* São Paulo: Ed. 34, 1999.

LINS, Bernardo. **Privacidade e Internet.** Brasília: Câmara dos Deputados, 2000.

LIVINGSTONE, Sonia. **Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: O uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressão própria.** In: *Revista de Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo ESPM: Comunicação, mídia e consumo.* Ed. ESPM, ano 9 vol 9 número 25, São Paulo, 2012.

LOPES, Antonio Ludovino. **Privacidade online – cenários nacionais, internacionais e alternativos.** Lisboa, nº 2, 13 out. 2006. Disponível em: <<http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=2007>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

LORENZONI, Ionice. **Ideias para o ensino na próxima década começam a ser discutidas em evento.** MEC. Brasília, 20 de abril de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13170:ideias-para-o-ensino-na-proxima-decada-comecam-a-ser-discutidas-em-evento&catid=201>. Acesso em: 2 dez. 2012.

MATSUKI, Edgard. **Pesquisa mostra como os adolescentes usam a Internet no Brasil** *PORTAL EBC.* Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/pesquisa-tic-kids-online-brasil>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

MEC. **Plano Nacional de Educação – PNE.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16478&Itemid=1107>. Acesso em: 29 nov. 2012.

MEC. **Reestruturação e Expansão do ensino médio no Brasil.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12589:reestruturacao-e-expansao-do-ensino-medio-no-brasil&catid=342:reestruturacao-e-expansao-do-ensino-medio-no-brasil&Itemid=837>. Acesso em: 2 dez. 2012.

MERKLE, Erich. R; RICHARDSON, Rhonda. A. *Digital Dating and Virtual Relating – Conceptualizing Computer Mediated Romantic Relationships*. Estados Unidos, nº 2, p. 187-192, 2000. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/585815>>. Acesso em: 7 nov.2012.

MIRANDA, Jorge. **Manual de direito constitucional**. 2ª Ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1998.

MORAES, Amaro; NETO, Silva. **Privacidade na Internet: um enfoque jurídico**. Ed. Edipro, 2001.

OLIVEIRA, Maria Teresa de. **Notas Sobre as Contradições do Processo de Informatização Social**. Cad. Saúde Pública, vol.1 nº 2, Rio de Janeiro. 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1985000200002&script=sci_arttext> Acessado em: 11 nov. 2012.

OLIVEIRA, Tory. **Alunos e professores amigos no Facebook?** *Carta Capital*, São Paulo, 14 set. 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/tecnologia/alunos-e-professores-amigos-no-facebook/>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

PÁGINA12. **El 83 por ciento declara tener un telefono movil. La Era de Los Ciberadolescentes**. 2008. Disponível em: < <http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-115318-2008-11-20.html>>. Acesso em: 7 dez. 2012.

PEREIRA, Marcelo Cardoso. **Direito à Intimidade na Internet**. 2ªed. Curitiba: Ed. Juruá, 2004.

PHILLIPS, Linda Fogg; BAIRD, Derek; FOGG, BJ. **Facebook para Educadores**. 2011. Disponível em: <<http://facebookforeducators.org/>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

POLI, Maria A Dias. **Realidade Virtual**. 2010. Disponível em: < <http://culturaderede.pbworks.com/w/page/9823259/MARIA%20ALICE%20DIAS%20POLI>> . Acesso em: 20 nov. 2012.

REBOUÇAS, Fernando. **Panóptico**. São Paulo, jun. 2010. Seção Filosofia. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/panoptico/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

RECUERO, Raquel. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Ecompos, Internet, v. 4, n. Dez 2005, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RUSSEL, Ben. *A Headmap Manifesto.*, In Headmap. 1999. Disponível em: <<http://www.headmap.org>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

SINEPE/DF. Notícias do Setor. **Investimento diferencia as escolas**. Disponível em: <http://www.sinepe-df.org/site01/index.php?option=com_content&view=article&id=388:noticias-do-setor&catid=1:ultimasnoticias&Itemid=79>. Acesso em: 8 jan. 2013.

STANTON, Michael. **Non-commercial networking in Brazil**, Proceedings do Inet'93, San Francisco, 1993. Disponível em: <<http://www.rnp.br/newsgen/9806/inter-br.html>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

TECNOLOGIA. UOL Notícias, São Paulo, 13 nov. 2012. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/13/marco-civil-conheca-as-propostas-do-projeto-de-lei-considerado-a-constituicao-da-internet.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

TEIXEIRA, Rafael. **Você Sabe a Diferença Entre Mídia e Rede Social?** Disponível em: <<http://colunas.revistapegn.globo.com/sonasocial/2011/07/01/voce-sabe-a-diferenca-entre-midia-e-rede-social/>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

TURKLE, Sherry. **Life on the Screen: Identity in the Age of teh Internet**. Nova York: Simon and Schuster. 1995.

UNESCO. **TICs na Educação do Brasil**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/communication-and-information/ict-in-education/>>. Acesso em: 14 dez 2012.

VEJA. **Brasil aparece em penúltimo em ranking de educação. Estudo leva em conta testes internacionais e coloca à frente do Brasil nações como Colômbia, Tailândia e México**. Educação. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/brasil-aparece-em-penultimo-em-ranking-de-educacao>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

VIEIRA, João Luiz Pianovski. **Direito à privacidade na contemporaneidade: desafios em face do advento do correio eletrônico**. Jus Navigandi, Teresina, ano 8, n. 66, 1 jun. 2003 . Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/4155>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

VIEIRA, Sônia Aguiar do Amaral. **Inviolabilidade da Vida Privada e da Intimidade pelos Meios Eletrônicos**. Ed. Juarez de Oliveira, 2002.

VIEIRA, Tatiana Malta. **O direito à Privacidade na Sociedade da Informação: Efetividade desse direito fundamental diante dos avanços da tecnologia da informação**. Porto Alegre: Ed. Sergio Antonio Fabris, 2007.

VESENTINI, Willian. **Educação e Ensino da Geografia: Instrumentos de dominação e/ou de libertação. A geografia em Sala de Aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

WAGNER, Flávio R. **Habilidade e inclusão digital: o papel das escolas**. In: CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2009*. São Paulo, 2010, pp. 47-51. Disponível em: <http://cgi.br/publicacoes/artigos/artigo64.htm>>. Acessado em 16.dez.2012.

APÊNDICE A

Entrevistas realizadas pessoalmente com duas professoras de ensino médio (ambas entrevistadas dia 10 jan. 2013).

Para uma melhor compreensão sobre a visibilidade e a vigilância que ocorre com o professor de ensino médio dentro do Facebook, foi realizado um questionário com o intuito de ser aplicado a dois professores de instituições distintas, de preferência um funcionário de escola particular e o outro de escola pública, sendo ambas as escolas do Distrito Federal, obrigatoriamente. Os objetivos do questionário de vinte perguntas foram arrecadar informações e histórias de casos diretamente do objeto de pesquisa sobre sua conduta e exposição no Facebook, assim como exigências da instituição de ensino e impactos sofridos na carreira em decorrência de sua exposição na rede social, dentre outros fatores, os quais estão disponíveis abaixo.

O mesmo questionário foi aplicado individualmente em locais e horários distintos. Ambas as professoras responderam um pequeno termo de autorização para a realização da entrevista e tiveram suas respostas gravadas pelo aparelho celular da pesquisadora, as quais foram discorridas abaixo.

QUESTIONÁRIO 1: PROFESSOR DE ENSINO MÉDIO – ESCOLA PARTICULAR

PROFESSORA: L.T

ESCOLA: Escola Particular - Unidades Sul e Taguatinga

DATA: 10 jan.2013

DISCIPLINA: Português

TURMAS PARA AS QUAIS LECIONA: 1º e 3º anos do ensino médio

QUESTIONÁRIO:

1) Você possui perfil no Facebook?

R: Sim.

a. Se sim, você o utiliza de forma pessoal ou profissional?

R: Ambos.

b. Você mantém amizade com seus colegas de trabalho da escola pelo Facebook?

R: Sim.

c. Você possui alunos como amigos no Facebook?

R: Sim.

d. A sua carreira já sofreu algum impacto devido seu perfil no Facebook? Ex: Alguma foto que você tenha publicado ou um comentário compartilhado na rede social gerou alguma repercussão no ambiente escolar, seja de maneira negativa ou positiva?

R: Negativa, até hoje, não, mas positiva, já. Sempre uma semana antes das provas eu abro meu Facebook para tirar dúvidas instantâneas dos alunos. Então, eu faço o “L. Responde”, e aí os alunos entram no Facebook e vão tirando as dúvidas da matéria de português no geral, não só de gramática, porque sou professora de gramática, mas também tiram dúvidas de literatura, redação e aí isso na minha relação com eles é muito positiva. Não há brincadeiras nesse espaço pois eu estabeleço limites com eles dentro da sala de aula, na verdade o Facebook é só um adendo, um anexo.

2) Você recebeu alguma instrução sobre a melhor maneira de utilizar os seus perfis nas mídias sociais pela instituição de ensino onde leciona?

R: No colégio, eles jogam um verde. Na verdade, não proíbem nem nada, mas quando você é admitido na escola como professor, eles dão uma cartilha de como o professor deve atuar num ambiente em geral, e aí a gente pode levar em consideração nas redes sociais também, mas não tem nada explícito, mas a gente sabe que eles comentam. Não é nada oficial, mas por debaixo dos panos eles pedem para os professores se comportarem, pedem para os coordenadores pedirem para os professores não postarem fotos com bebida, mas o colégio mesmo não exigiu nada.

3) Existe uma política de restrição quanto ao uso do Facebook pela escola onde trabalha?

R: Então, não oficialmente.

4) Há alguma política de restrição quanto ao uso de redes sociais para os professores assinarem ou se comprometerem formalmente?

R: Não oficialmente.

5) Para você publicar uma foto pessoal no Facebook, é necessário de algum tipo de autorização da escola? Se sim, no que consiste essa autorização?

R: Não.

6) Você se sente confortável para publicar o que quiser em seu perfil no Facebook ou você costuma filtrar as informações que publica? Como se dá essa filtragem?

R: Sempre filtro. Eu, por exemplo, não gosto de colocar coisa muito pessoal, não coloco foto com o namorado, bebendo. Se vou para uma festa, não coloco uma foto, sempre algo mais

comportada. Não é só pelo aluno, o Facebook é um lugar de exposição, né?! Então, qualquer pessoa pode ver, como um futuro empregador.

7) Você se sente vigiado dentro das mídias sociais pelos seus alunos, pelos pais deles e pela instituição de ensino onde trabalha?

R: Pelos meus alunos, sim. Pela instituição, eu pessoalmente não me sinto vigiada, mas alguns professores já comentaram que levaram puxões de orelha por causa do Facebook. Agora, pelos pais de alunos, eu nunca tive problema.

8) O seu perfil contém informações detalhadas, tais como data de nascimento, local onde trabalha e grau de relação com parentes?

R: Sim.

9) Já ocorreu algum caso de alunos fazerem comentários indevidos em alguma foto publicada em seu perfil no Facebook?

R: O máximo foi “como você está bonita, professora”. Mas eu estabeleço limites, nunca colocaria uma foto de biquíni no Facebook, por exemplo.

10) Você poderia afirmar que o seu perfil no Facebook se assemelha a sua pessoa na vida real? Caso não, qual a diferença?

R: Sim.

11) Você acredita que o professor possui a mesma liberdade de exposição dentro do Facebook como qualquer outra pessoa? Caso não, porque?

R: Não. Porque o professor é, na verdade, um ser público. Mas isso não só no Facebook, mas em todos os ambientes. Se eu saio para uma festa e vejo um aluno, eu me sinto vigiada. Ele chega para você e diz “professora, não acredito, você aqui bebendo?”. Já encontrei alunos no *shopping* e eles perguntam impressionados “professora, você no *shopping*?” e eu respondo “É, faço outras coisas além de corrigir provas”.

12) Quais os cuidados que você considera antes de publicar uma foto ou comentário no Facebook?

R: Então, eu costumo não publicar nada muito pessoal, apesar de ter a minha irmã, minha família, eu não coloco nada pessoal. Por exemplo, não uso palavrões, não uso gírias. Eu me polio um pouco mais.

13) Você conhece algum caso de professor que tenha sido suspenso ou demitido devido sua exposição no Facebook?

R: Não.

14) Como a escola onde você trabalha lida com fotos, publicações ou comentários publicados no Facebook que possam desmoralizá-la?

R: Não sei.

15) Qual é a sua postura em relação ao contato com alunos através do Facebook?

R: Toda vez que um aluno me adiciona no Facebook, eu aceito. Mas tem que ser aluno meu. Agora, dou aula para o primeiro ano, aí vem alunos do segundo ano e eu não aceito, apenas alunos diretos. Quando tinha *Orkut*, só aceitava quando mandassem mensagem se identificando. Tem que se identificar. Hoje em dia, alguns ainda se identificam, mas dá para reconhecer pela foto. Caso um aluno me mande uma mensagem no Facebook, eu respondo caso esteja afim, senão eu ignoro. Eu tenho um filtro no meu mural, não é tudo que eu coloco na minha linha do tempo. Às vezes, eles me marcam em fotos, por exemplo, ou me marcam em um comentário do tipo “Prova de português foi muito difícil” e marcam o meu nome. Aí, eu ignoro.

16) Você já se sentiu ameaçado ou passou por alguma situação de desconforto dentro do Facebook causado por um aluno?

R: Não, nunca.

17) Você acha que existe algum tipo de monitoramento do seu perfil ou de outros docentes dentro do Facebook pela Instituição?

R: Sim.

18) Dentre as turmas de ensino médio, há alguma série que, no geral, apresente mais problemas com relação ao relacionamento aluno-professor em sala de aula?

R: No primeiro ano são mais contidos, há um distanciamento maior. No terceiro são mais amigos dos professores. Tenho mais cuidado com o terceiro, porque eles já chamam para sair para a balada. Com eles eu filtro mais, não há falta de respeito.

19) Você possui pais de alunos como amigos no Facebook? Como funciona a relação entre vocês? Você acredita existir alguma vigilância por parte dos pais em seu perfil?

R: Não.

20) Você já utilizou o Facebook para compartilhar alguma frustração particular ou profissional que tenha repercutido no seu ambiente de trabalho?

R: Somente quando tive o *iPad* roubado dentro da escola, mas com postagens como “Alguém viu meu *iPad*?” ou “Caso alguém ache, favor informar”, mas nada que denegrise a imagem da escola. Seria antiético.

OBS DA PROFESSORA: Teve um caso no colégio que furtaram meu *iPad*. Aí, meus alunos, por debaixo dos panos, fizeram uma campanha para me dar um novo, e eles fizeram toda a campanha pelo Facebook. E aí, um dia depois que eles começaram a campanha – era por trás das minhas costas, eu não tinha ideia da existência dessa campanha – o colégio veio falar comigo: “L., eu queria que você não comentasse sobre o furto do seu *iPad* no Facebook”, e eu sem entender, perguntei o por quê, eles afirmaram que os alunos estavam comentando muito sobre o assunto no Facebook, e eu fiquei sem entender nada. Enfim, foi aí que eu vi que

realmente eles monitoram tudo. Foi o único momento em que eu, pessoalmente, me senti monitorada. Só depois que eu fui entender o que aconteceu.

QUESTIONÁRIO 2: PROFESSOR DE ENSINO MÉDIO – ESCOLA PÚBLICA

PROFESSORA: M.F

ESCOLA: Escola pública em Taguatinga.

DATA: 10 jan. 2013

DISCIPLINA: Português

TURMAS PARA AS QUAIS LECIONA: 1º, 2º e 3º anos. Foco no 1º ano.

QUESTIONÁRIO:

1) Você possui perfil no Facebook?

R: Sim.

a. Se sim, você o utiliza de forma pessoal ou profissional?

R: Pessoal.

b. Você mantém amizade com seus colegas de trabalho da escola pelo Facebook?

R: Sim.

c. Você possui alunos como amigos no Facebook?

R: Sim, muitos.

d. A sua carreira já sofreu algum impacto devido seu perfil no Facebook? Ex: Alguma foto que você tenha publicado ou um comentário compartilhado na rede social gerou alguma repercussão no ambiente escolar, seja de maneira negativa ou positiva?

R: Uma vez, uma aluna me questionou se eu fumava. Respondi que já fumei, para não ser muito mentirosa, mas que não fumo mais. Ela retrucou, afirmando que viu uma foto minha no Facebook fumando e que a foto não era antiga. Fiquei sem saber o que falar. Outra história foi sobre a minha idade. Eu e meus colegas professores somos muito novos, a gente fica brincando dizendo que só vamos falar a idade no ultimo dia de aula, para não quebrar nenhuma barreira de respeito. Eles procuraram no Facebook até encontrar alguém que falou a minha idade. Fora tudo isso, talvez tenha impacto na minha vida profissional, mas na pessoal é a minha liberdade dentro do Facebook, pois tem coisas que eu deixo de postar porque eu penso que tem algum aluno meu que pode ver isso. Então, às vezes, não vira assunto dentro de sala de aula, mas nós evitamos publicar.

2) Você recebeu alguma instrução sobre a melhor maneira de utilizar os seus perfis nas mídias sociais pela instituição de ensino onde leciona?

R: Não.

3) Existe uma política de restrição quanto ao uso do Facebook pela escola onde trabalha?

R: Não sei. Se tem, não fomos informados, pois não somos do quadro oficial do corpo docente da escola. Eu e meus colegas trabalhamos nessa escola devido um programa aqui da UnB.

4) Há alguma política de restrição quanto ao uso de redes sociais para os professores assinarem ou se comprometerem formalmente?

R: Não sei.

5) Para você publicar uma foto pessoal no Facebook, é necessário de algum tipo de autorização da escola? Se sim, no que consiste essa autorização?

R: Não.

6) Você se sente confortável para publicar o que quiser em seu perfil no Facebook ou você costuma filtrar as informações que publica? Como se dá essa filtragem?

R: Filtro. Tento filtrar com o que é coerente com o que eu falo para eles dentro de sala. A questão do cigarro, por exemplo, é um filtro que eu uso para não passar uma imagem que eu não gostaria de passar para eles. O que eu não passo como professora, eu não vou passar como colega de Facebook.

7) Você se sente vigiado dentro das mídias sociais pelos seus alunos, pelos pais deles e pela instituição de ensino onde trabalha?

R: O tempo inteiro, principalmente pelos alunos.

8) O seu perfil contém informações detalhadas, tais como data de nascimento, local onde trabalha e grau de relação com parentes?

R: Poucas informações.

9) Já ocorreu algum caso de alunos fazerem comentários indevidos em alguma foto publicada em seu perfil no Facebook?

R: Não.

10) Você poderia afirmar que o seu perfil no Facebook se assemelha a sua pessoa na vida real? Caso não, qual a diferença?

R: Às vezes. Esse é o problema, como eu fico filtrando o tempo inteiro, tem vezes que já não é tão próximo.

11) Você acredita que o professor possui a mesma liberdade de exposição dentro do Facebook como qualquer outra pessoa? Caso não, porque?

R: Não, porque o professor tem que tomar cuidado com o que ele fala, com o que ele mostra. Eu só tenho uma mãe de aluno no meu Facebook, e principalmente por conta dos pais eu filtro, porque o meu aluno está dentro de sala, então, se acontecer alguma coisa, eu posso explicar para ele depois. Os pais, não, eles vêem aquilo e podem entender de maneira errada. Pode haver uma dupla interpretação da atitude do professor.

12) Quais os cuidados que você considera antes de publicar uma foto ou comentário no Facebook?

R: Quem vai ver e o que pode ser entendido.

13) Você conhece algum caso de professor que tenha sido suspenso ou demitido devido sua exposição no Facebook?

R: Não me lembro.

14) Como a escola onde você trabalha lida com fotos, publicações ou comentários publicados no Facebook que possam desmoralizá-la?

R: Acho que a escola não tem muitos problemas, porque os ambientes ficam separados. Eles possuem uma pagina oficial no Facebook.

15) Qual é a sua postura em relação ao contato com alunos através do Facebook?

R: Dentro de sala, até pela natureza do nosso projeto, somos menos professores que os tradicionais. Só que, dentro do Facebook, eu sou ainda menos professora. Eu quebro mais a hierarquia, converso com eles de igual para igual, mas também não gosto de conversar tanto.

16) Você já se sentiu ameaçado ou passou por alguma situação de desconforto dentro do Facebook causado por um aluno?

R: Não.

17) Você acha que existe algum tipo de monitoramento do seu perfil ou de outros docentes dentro do Facebook pela Instituição?

R: Não.

18) Dentre as turmas de ensino médio, há alguma série que, no geral, apresente mais problemas com relação ao relacionamento aluno-professor em sala de aula?

R: Os meninos do primeiro ano, apesar de mais imaturos, são muito próximos, ainda estão em clima de ensino fundamental, então eles são mais carinhosos. E os meninos do terceiro ano são mais maduros, mas são mais rebeldes. Piadas e comentários desnecessários ouvimos dos dois lados, mas a relação com o primeiro ano corre o risco de invadir mais o nosso espaço.

19) Você possui pais de alunos como amigos no Facebook? Como funciona a relação entre vocês? Você acredita existir alguma vigilância por parte dos pais em seu perfil?

R: Só uma mãe. Não existe relação entre nós. Acho que se os pais tivessem mais acesso à Internet e se eu tivesse mais pais adicionados, talvez houvesse uma vigilância.

20) Você já utilizou o Facebook para compartilhar alguma frustração particular ou profissional que tenha repercutido no seu ambiente de trabalho?

R: Já falei “Hoje não queria trabalhar”, mas de maneira subentendida. O meu Facebook é um pouco poético, não falo nada direto.

OBS da Professora: Nesse projeto que fizemos, antes de tomarmos a iniciativa de adicionar alunos no Facebook, um aluno criou um grupo no Facebook chamado “Projeto P”, e começamos a nos adicionar lá dentro. Fiquei impressionada com a capacidade deles de se manterem dentro do grupo, nunca vieram publicar coisas no meu mural, quando queriam falar comigo eles usavam o grupo ou mandavam uma mensagem por *inbox*. Marcações, fotos, tudo acontecia somente dentro do grupo e eu fiquei impressionada com isso. Eu sempre tive medo de deixar misturar, até porque eles não gostam quando mistura. Quando um professor resolve fazer uma atividade pedagógica no Facebook, eles não gostam muito por estar misturando um ambiente pessoal com o escolar. Percebi que eles sabem separar muito bem, fiquei impressionada.